



BIBLIOTECA

STEPHEN KING

CARRIE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BIBLIOTECA

STEPHEN KING

CARRIE

STEPHEN KING

TRADUÇÃO
Regiane Winarski



SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

Parte um – Esporte sangrento

Parte dois – A noite do baile

Parte três – Escombros

Nota da editora

Sobre o autor

Créditos

Este é para Tabby, que me meteu nessa encrenca...
e depois me livrou dela.

INTRODUÇÃO

Embora eu tenha vendido algumas histórias quando estava na faculdade, minha carreira como escritor de ficção começou de verdade pouco depois que me formei. Eu havia escrito uma coluna (chamava-se “Caminhão de lixo do King”, nome escolhido pelo editor-chefe, não por mim) no jornal da faculdade durante dois ou três anos e passei no escritório para pegar minhas tralhas uns dois ou três dias depois da formatura.

As salas estavam completamente vazias; foi a primeira vez que as vi assim. Havia mais ou menos uma semana que eu estava com uma ideia de história rondando minha cabeça, algo envolvendo ratos gigantes morando e se reproduzindo debaixo de uma indústria têxtil na Nova Inglaterra. Não era nem um pouco parecida com a ficção literária “inteligente” que eu vinha escrevendo nos seminários de escrita criativa que tinha feito; também não parecia com as colunas bobas e sarcásticas que eu tinha escrito para a “Caminhão de Lixo”. Mas aquela sala grande e desocupada e todas as máquinas de escrever vazias sugeriam uma liberdade e um desimpedimento que eu só tinha conseguido imaginar durante meus dois últimos semestres. Sugeriam que eu podia fazer o que quisesse. Afinal, as aulas não tinham acabado?

Passei o dia datilografando uma história chamada “Último turno”. Eu me lembro de ter ficado muito animado e absorto, feliz da vida

mesmo. A história era sinistra, rápida e divertida. (Depois virou um filme também sinistro e rápido, mas, infelizmente, não muito divertido.) Eu a enviei para a revista *Cavalier* do jeito que estava; talvez tenha dado uma revisada, mas não me lembro disso. O meu *Writer's Market* dizia que a *Cavalier* lia contos de terror e ficção científica sem o intermédio de agentes e isso bastava para mim. Por fim, bastou também para Nye Willden, o editor de ficção da *Cavalier*. Ele a comprou por duzentos dólares, o que pareceu uma quantia gigantesca para um rapaz que tinha passado a maior parte dos anos da faculdade usando só duas calças jeans e, mais de uma vez, jantado Caçarola Cheery, um prato que eu inventei. Era composto de cereal Cheerios e creme de amendoim fritos em óleo Wesson. Já comeu? Não? Sorte sua.

Quando o cheque de “Último turno” chegou, eu estava noivo. Minha noiva, Tabitha Spruce, de Old Town, Maine, gostava muito das minhas histórias, assim como eu gostava do trabalho dela — basicamente poesia na época. Eu a conheci quando trabalhamos juntos na Biblioteca Raymond Fogler, na Universidade do Maine, mas a conheci melhor em uma série de seminários e oficinas de poesia. Ela leu um conto meu chamado “Eu sou o portal” no começo do outono de 1970 e disse que era uma das melhores histórias de ficção científica que tinha lido. Explodi de orgulho... em todas as partes do corpo. Essa história também foi vendida para a *Cavalier* e, quando foi publicada, já estávamos casados. Em 1973, tínhamos dois filhos (isso de um deixar o outro orgulhoso daquele jeito teve consequências inevitáveis), e minhas vendas de contos para revistas masculinas tinham se tornado cruciais para nossa sobrevivência financeira. Comecei nossa relação trabalhando em

uma lavanderia e progredi para professor de inglês do ensino médio. Nenhuma das duas coisas era suficiente para uma família de quatro pessoas, mas, com os mil e duzentos dólares adicionais das vendas dos contos, conseguíamos nos virar. Chegou ao ponto em que, quando uma das crianças tinha otite e precisávamos de antibiótico, Tabby dizia, meio brincando e meio sério: “Anda logo, Steve, pensa num monstro”.

No fim do outono ou começo do inverno de 1972, eu tive uma ideia para um conto sobre uma garota com poderes telecinéticos (ou psicocinéticos, se você preferir). A ideia andara pela minha cabeça desde o ensino médio, quando li um artigo da revista *Life* sobre um caso de fenômeno poltergeist em uma casa de subúrbio. Poltergeists são espíritos brincalhões ou provocadores; fantasmas, para quem quiser dar nome aos bois. Depois de uma observação atenta, a atividade na casa pareceu não ter nada a ver com fantasmas. Havia uma adolescente perturbada na família. Quando estava em casa, alguns objetos, principalmente os religiosos, voavam. Quando não estava, as coisas ficavam no lugar. O artigo apresentava a teoria de que boa parte das atividades atribuídas a fantasmas é, na verdade, provocada por crianças, e que garotas no início da puberdade parecem bastante aptas a esse talento insano; a ideia era que havia uma grande força dentro delas, acessível só nessa época da vida.

Achei que daria uma boa história, que talvez valesse uns quinhentos dólares, e comecei a escrever, trabalhando na lavanderia do nosso trailer apertado (naquela época, ao que parecia, eu não conseguia ficar longe de máquinas de lavar), datilografando o primeiro manuscrito em espaço simples e com

margens bem estreitas, como sempre fiz; papel custava caro e nós não podíamos desperdiçar com folhas a mais para os primeiros manuscritos.

Antes de preencher duas páginas, alguns fantasmas meus começaram a interferir; os fantasmas de duas garotas, ambas mortas, que acabaram se juntando e tornando-se Carrie White. Eu não vou chamar nenhuma das duas pelos verdadeiros nomes aqui; elas tiveram vidas infelizes e não merecem escrutínio, nem em uma introdução humilde assim, depois da morte. Vou chamar uma delas de Tina White e a outra de Sandra Irving.

Tina estudou na Escola Fundamental Durham comigo. Aquela era uma escola bucólica de interior com quatro salas e mais ou menos uns sessenta alunos no total. Tina era gordinha e calada, tão caipira que dava vontade de chorar. Toda turma tem um bobo, aquele que sempre fica sem cadeira na dança das cadeiras, ou que sempre acaba com o papel escrito ME CHUTA nas costas, o que fica no fim da hierarquia. Na nossa turma era Tina. Não por ela ser burra (ela não era) e não porque a família dela era peculiar (era mesmo), mas porque usava as mesmas roupas para ir à escola todo santo dia. Eu ainda vejo as roupas; nem preciso fechar os olhos. Havia uma faixa vermelha no cabelo preto (bem bonito). Havia uma blusa branca sem mangas, usadas no verão e no inverno, ficando cada vez mais apertada com o crescimento dos seios fartos. E tinha a saia preta que descia desajeitada até o meio das canelas.

Uma vez, depois de um Natal, Tina apareceu usando uma roupa toda nova. Não consigo me lembrar dela, só que estava muito feliz. Talvez estivesse até de meias de náilon. E consigo lembrar *claramente* como a vivacidade esperançosa dela mudou, primeiro

para surpresa e depois para raiva e, enfim, para aceitação apática, quando a provocação e os insultos e os comentários sarcásticos chegaram aos montes. Em vez de diminuir, a rejeição dos colegas em relação a Tina ficou ainda mais intensa. Eu não participei desse comportamento, que só pode ser chamado de bullying, mas também não me manifestei contra ele. Caramba, eu tinha só catorze anos. É difícil defender alguém quando se tem catorze anos.

Sandra Irving morava a uns dois quilômetros e meio da casinha onde passei a infância. Não havia pai na história, só a mãe e um pastor alemão enorme com o nome absurdo de Queijo Cheddar. A sra. Irving me contratou um dia para ajudar a mover uns móveis (eu devia ter uns dezesseis anos na época) e me lembro de ficar impressionado com o crucifixo pendurado na parede da sala, acima do sofá da família Irving. Se um ícone tão grande caísse enquanto as duas estivessem vendo televisão, é bem provável que a pessoa atingida morresse. Eu sabia que mãe e filha eram religiosas de um jeito estranho e fervoroso que excluía nossa igreja metodista tão comum, mas só entendi o quanto aquilo era estranho quando vi aquele Cristo horrendo e dominador, a figura empalada na cruz com sangue escorrendo das mãos, dos pés e das laterais, os olhos erguidos numa combinação grotesca de sofrimento e compaixão.

A coisa da religião era, em partes, o que mantinha as crianças longe de Sandy. O cheiro dela, não de sujeira, mas um cheiro estranho de talco, como poeira de biblioteca, doce e intoxicante, também era parte do problema. O fato de ela sofrer ataques epiléticos e usar roupas modestas e antiquadas também tinha seu papel. Mas, assim como com Tina, havia outra coisa. Algo que parecia dizer *ESTRANHA! DIFERENTE DE NÓS! FIQUE LONGE!*

em um comprimento de onda que só crianças conseguem captar. É tipo uma estação pirata de rádio do coração. Eu não consigo mais captar esse comprimento de onda, mas lembro muito bem... assim como me lembro da saia preta e da blusa branca sem mangas da Tina ficando cada vez mais amarelada.

Nenhuma das duas garotas (feliz ou infelizmente) tinha o talento selvagem de Carrie White. Nenhuma delas terminou o ensino médio ou chegou aos trinta anos. Tina se enforcou no porão. Sandy morreu durante um ataque epilético no apartamentinho onde tinha ido morar na cidade em que todos nós fizemos ensino médio.

Esses foram os fantasmas que ficavam se intrometendo entre mim e o que eu estava escrevendo, que ficavam insistindo que eu os unisse de alguma forma numa história que contaria o que poderia ter acontecido se poderes telecinéticos existissem (e, até onde eu sei, eles podem existir). O que poderia ter acontecido se o mundo fosse tão justo com meninas quanto ele é difícil para elas. Em resumo, elas queriam que eu escrevesse um livro.

Fiquei com medo... tanto do mundo das garotas, que eu teria que explorar (um mundo sobre o qual eu não sabia quase nada), quanto do nível de crueldade que eu teria que descrever. Eu também estava com medo de revisitar o que não tive sabedoria ou coragem moral para impedir. E havia um lado mais prático também: Tabby e eu precisávamos de dinheiro rápido para as compras e para o aluguel, não de um romance que poderia ou não ser comprado por uma editora. Eu joguei as primeiras páginas incompletas da história no lixo e fui para a sala ver televisão.

Tabby me perguntou em que eu estivera trabalhando. Disse que era num conto, mas que não tinha ficado bom e eu o havia jogado

fora. Talvez ela tenha visto alguma coisa no meu rosto. Não tenho certeza. Só sei que foi até a minha salinha de escrita, pegou as folhas de papel no lixo, sacudiu as cinzas de cigarro, desamassou-as, leu-as e sugeriu que eu continuasse. Eu continuei, mais para agradá-la. O resultado é o curto romance a seguir, agora datado, mas ainda com poder surpreendente de machucar e horrorizar. Foi lançado pela Doubleday em 1974 e continuou sendo publicado desde então. Às vezes — na verdade, com bastante frequência —, eu queria que Tina e Sandy estivessem vivas para lê-lo.

Ou as filhas delas.

23 de fevereiro de 1999

Longboat Key, Flórida

PARTE UM

ESPORTE SANGRENTO

Reportagem retirada da revista semanal *Enterprise* de Westover (Me.) de 19 de agosto de 1966:

MORADORES RELATAM CHUVA DE PEDRAS

Várias pessoas relataram que uma chuva de pedras teria caído em um dia de céu claro e azul na rua Carlin, na cidade de Chamberlain, em 17 de agosto. As pedras atingiram principalmente a casa da sra. Margaret White, danificando extensivamente seu telhado e destruindo duas calhas e um cano no valor de cerca de vinte e cinco dólares. A sra. White, que é viúva, mora com a filha de três anos, Carietta.

A sra. White não quis comentar o ocorrido.

Ninguém ficou surpreso de verdade quando aconteceu, não mesmo, não no nível subconsciente, onde as coisas ferozes crescem. Por fora, todas as garotas no vestiário ficaram chocadas, animadas, envergonhadas ou apenas felizes que a vadia White tivesse tomado na cara outra vez. Algumas poderiam até alegar surpresa, mas claro que não seria verdade. Algumas delas estudavam com Carrie desde o primeiro ano e aquilo vinha crescendo desde então, crescendo lenta e imutavelmente, em consonância com todas as leis que governam a natureza humana, crescendo com toda a regularidade de uma reação em cadeia se aproximando da sua massa crítica.

O que nenhuma delas sabia, é claro, era que Carrie White era telecinética.

Pichação em uma carteira da Escola Fundamental da rua Baker, em Chamberlain:

Carrie White come merda.

O vestiário estava tomado pelos gritos, ecos e o ruído de fundo da água do chuveiro batendo nos azulejos. As garotas tinham jogado vôlei no primeiro tempo e o suor matinal era leve e afoito.

Meninas se alongavam e se contorciam na água quente, gritando, jogando água umas nas outras, passando sabonetes brancos de mão em mão. Carrie estava entre elas estoicamente, um sapo entre os cisnes. Era uma garota robusta com espinhas no pescoço, nas costas e nas nádegas, o cabelo molhado era totalmente sem cor. Estava emplastrado no rosto, sem vida, e ela só estava ali parada, a cabeça meio inclinada, deixando a água bater na pele e escorrer. Parecia o próprio bode de sacrifício, o alvo em tempo integral, que caía em todas as pegadinhas. E ela era. Desejava constantemente e sem esperança nenhuma que a Escola Ewen tivesse chuveiros individuais (e assim, com privacidade), como as escolas de ensino médio em Andover ou Boxford. Elas ficavam olhando. Elas sempre *ficavam olhando*.

Os chuveiros foram sendo desligados um a um, as garotas foram saindo, tirando toucas de banho de tons pastel, se secando, passando desodorante, conferindo o relógio acima da porta. Sutiãs foram colocados, calcinhas vestidas. O vapor pairava no ar; o ambiente pareceria uma casa de banho egípcia não fosse o ruído constante da banheira de hidromassagem no canto. Chamadas e assovios ecoavam como bolas de bilhar se chocando depois de uma primeira tacada violenta.

— ... o Tommy disse que *odiou* em mim e eu...

— ... eu vou com a minha irmã e o marido dela. Ele é um vagabundo, mas ela também é, então eles são muito...

— ... banho depois da aula e...

— ... muquirana demais pra gastar um centavo sequer, então a Cindi e eu...

A srta. Desjardin, a professora de educação física magra e desprovida de seios, entrou, esticou o pescoço brevemente e bateu as mãos uma vez, com força.

— O que está esperando, Carrie? O fim do mundo? O sinal toca em cinco minutos. — O short dela era tão branco que reluzia, as pernas não curvas demais, mas impressionantes com músculos discretos. Havia um apito prateado, prêmio da competição de arco e flecha da faculdade, pendurado no pescoço dela.

As garotas deram risadinhas e Carrie ergueu o rosto, os olhos lentos e atordoados do calor e da batida regular e forte da água.

— Ohuh?

Foi um som estranho, meio de sapo, grotescamente adequado, e as garotas deram mais risadinhas. Sue Snell tinha tirado uma toalha do cabelo com a velocidade de um mágico e começou a penteá-lo depressa. A srta. Desjardin fez um gesto irritado para Carrie e saiu.

Carrie desligou o chuveiro. A água parou em um gotejar e um gorgolejo.

Foi só quando ela saiu que todas viram o sangue escorrendo pela perna dela.

De A explosão sombria: Fatos documentados e conclusões específicas tiradas do caso Carietta White, de David R. Congress

(Tulane University Press: 1981), p. 34:

É quase indiscutível que a incapacidade de apontar ocorrências específicas de telecinese na primeira infância da menina White deve ser atribuída às conclusões oferecidas por White e Stearn em seu artigo *Telecinese: Um talento revisitado*, de que a capacidade de mover objetos apenas com a força da mente só se manifesta nos momentos de extremo estresse pessoal. O talento permanece bem oculto; de que outra forma poderia ele ter ficado submerso por séculos, só com a ponta do iceberg aparecendo acima de um oceano de charlatanismo?

Temos apenas provas frágeis baseadas em relatos nesse caso, mas até isso basta para indicar que um potencial “Tc” de imensa magnitude existia em Carrie White. A grande tragédia é que nós agora somos apenas críticos de um fato passado...

— Mens-tru-ou!

A primeira a gritar foi Chris Hargensen. O grito bateu nos azulejos das paredes, ricocheteou e bateu de novo. Sue Snell soltou uma risada pelo nariz e sentiu uma mistura estranha e vergonhosa de ódio, repulsa, exasperação e pena. Ela parecia *tão imbecil*, ali parada, sem saber o que estava acontecendo. Meu Deus, dava até para imaginar que ela nunca...

— Mens-tru-OU!

Estava virando uma cantilena, um encantamento. Alguém ao fundo (talvez Hargensen de novo, Sue não conseguiu identificar na confusão de ecos) estava gritando “*Enfia uma rolha!*” com uma entrega rouca e desavergonhada.

— Mens-tru-OU, mens-tru-OU, mens-tru-OU!

Carrie estava muda no centro de um círculo que se formava, com água escorrendo em gotas pela pele. Parada ali daquele jeito ela parecia um boi calmo, ciente de que era o alvo da piada (como sempre era), atordoada e constrangida, mas não surpresa.

Sue sentiu a repulsa crescendo quando as primeiras gotas escuras de sangue menstrual caíram no piso, parecendo moedinhas.

— Pelo amor de Deus, Carrie, você está menstruada! — exclamou Sue. — Vai se limpar!

— Ohuh?

Ela olhou ao redor bovinamente. O cabelo estava grudado nas bochechas na forma de um elmo curvo. Havia uma área de acne em um ombro. Aos dezesseis anos, a marca elusiva de dor já estava clara em seus olhos.

— Ela acha que é pra limpar batom! — gritou Ruth Grogan de repente com uma alegria secreta e caiu na gargalhada. Sue se lembrou do comentário depois e o encaixou na confusão geral, mas na hora foi só mais um som sem sentido naquela agitação. *Dezesseis anos?*, ela estava pensando. *Ela deve saber o que está acontecendo, ela...*

Mais gotas de sangue. Carrie continuou olhando ao redor, para as colegas de turma, em confusão lenta.

Helen Shyres se virou e fez gestos fingindo que ia vomitar.

— Você está *sangrando*! — gritou Sue de repente, furiosa. — Você está *sangrando*, seu pudim grande e burro!

Carrie olhou para baixo.

Deu um grito.

O som foi muito alto no vestiário úmido.

Um absorvente interno bateu no peito dela de repente e caiu com um baque seco. Uma flor vermelha manchou o algodão do absorvente e se espalhou.

Gargalhadas repugnadas, desdenhosas, horrorizadas pareceram surgir e explodir em uma coisa irregular e feia, e as garotas começaram a bombardeá-la com absorventes de todos os tipos, tirados de bolsas, tirados do dispensador quebrado na parede. Eles caíram como neve e a cantoria começou:

— Enfia uma *rolha*. Enfia uma *rolha*. Enfia...

Sue também estava jogando absorventes, jogando e cantarolando com o restante, sem saber direito o que estava fazendo; um feitiço tinha surgido na mente dela e brilhava como em néon: *Não tem mal nenhum, não tem mal nenhum, não tem mal nenhum*. Ainda estava piscando e brilhando de forma tranquilizadora quando Carrie de repente gritou e recuou, balançando os braços e grunhindo e gorgolejando.

As garotas pararam ao se darem conta de que a fissão e a explosão tinham acontecido. Foi nesse ponto, ao olharem para trás, que algumas alegariam surpresa. Mas tinha havido tantos anos, anos e anos de “vamos prender o lençol da cama da Carrie no Acampamento da Juventude Cristã” e “eu encontrei essa carta de amor da Carrie para Flash Bobby Pickett, vamos copiá-la para espalhar” e “vamos esconder a calcinha dela e botar uma cobra no sapato dela” e “vamos enfiar a cabeça dela na água *de novo e de novo, e de novo*”: Carrie indo atrás com teimosia nos passeios de bicicleta, conhecida num ano como pudim de banha, no outro como cara atropelada, sempre com cheiro de suor, sem conseguir

acompanhar; tendo reação cutânea de hera venenosa por fazer xixi no mato e todo mundo descobrindo (ei, coça-cu, sua bunda tá ardendo?). Billy Preston botando creme de amendoim no cabelo dela naquela vez que ela pegou no sono na sala de estudos; os beliscões, as pernas esticadas nos corredores da escola para ela tropeçar, os livros derrubados da mesa dela, o cartão-postal obsceno enfiado na bolsa; Carrie no piquenique da igreja ajoelhada para orar, meio sem jeito, e a costura da saia quadriculada velha se abrindo no zíper com o som de um peido alto; Carrie sempre errando a bola, até num chute simples, caindo de cara em Dança Moderna no primeiro ano do ensino médio e lascando um dente, se chocando com a rede no jogo de vôlei; usando meias-calças sempre desfiadas, desfiando ou prestes a desfiar, com manchas de suor nas axilas das blusas; até quando Chris Hargensen ligou depois da aula do Kelly Companhia das Frutas no centro e perguntou se ela sabia que cocô de porco se soletrava com C-A-R-R-I-E. De repente, tudo isso, e a massa crítica foi alcançada. A maior desmoralização, insulto, humilhação, há muito procurada, foi encontrada. A fissão.

Ela recuou, gritando no novo silêncio, os antebraços gordos cobrindo o rosto, um absorvente interno grudado no meio dos pelos pubianos.

As garotas ficaram olhando, os olhos brilhando.

Carrie recuou até a lateral de um dos quatro grandes compartimentos de chuveiro e desabou lentamente para uma posição sentada. Gemidos lentos e impotentes escaparam dela. Seus olhos se reviraram com uma branquidão molhada, como os olhos de um porco no abatedouro.

Sue falou devagar e hesitante:

— Acho que deve ser a primeira vez que ela...

Foi nessa hora que a porta se abriu com uma batida alta e apressada e a srta. Desjardin entrou para ver qual era o problema.

De *A explosão sombria* (p. 41):

Médicos e psicólogos que se debruçaram sobre o assunto concordam que o início excepcionalmente tardio e traumático do ciclo menstrual pode muito bem ter sido o gatilho para seu talento latente.

Parece inacreditável que, em pleno 1979, Carrie não soubesse nada sobre o ciclo mensal da mulher adulta. Quase tão inacreditável quanto o fato de que sua mãe permitira que a filha chegasse quase à idade de dezessete anos sem consultar um ginecologista a respeito do atraso da menstruação.

Mas os fatos são incontestáveis. Quando Carrie White se deu conta de que estava sangrando pelo orifício vaginal, ela não teve ideia do que estava acontecendo. Ela não tinha conhecimento nenhum do conceito de menstruação.

Uma de suas colegas de turma sobreviventes, Ruth Gogan, conta que certa vez entrou no vestiário feminino da Escola Ewen de Ensino Médio um ano antes dos eventos discutidos aqui e viu Carrie usando um absorvente interno para limpar o batom. Na ocasião, a srta. Gogan disse: “O que você está fazendo?”, ao que a srta. White respondeu: “Não é assim que se usa?”. A srta. Gogan falou: “Claro. Claro, é assim”. Ruth Gogan contou o episódio para várias amigas (mais tarde, ela contou ao entrevistador que achou “meio fofo”) e, se depois disso alguém tentou informar Carrie do verdadeiro uso do

objeto que ela usara para limpar a maquiagem, ao que parece ela descartou a explicação como tentativa de zombaria. Essa era uma faceta da vida com a qual ela tinha passado a ter extrema cautela...

Quando as garotas saíram para o segundo tempo e o sinal parou de tocar (várias delas haviam saído em silêncio pela porta de trás antes que a srta. Desjardin pudesse começar a anotar nomes), a srta. Desjardin empregou a tática padrão para histeria: deu um tapa na cara de Carrie. Ela não admitiria o prazer que sentiu no ato e negaria que via Carrie como um saco de banha gordo e chorão. Como professora de primeira viagem, ela ainda acreditava achar que todas as crianças eram boas.

Carrie olhou para ela com estupidez, o rosto ainda contorcido e trabalhando.

— S-s-srta. D-D-Des-D...

— Levanta — disse a srta. Desjardin sem entusiasmo. — Levanta e vai se ajeitar.

— *Eu vou morrer de tanto sangrar!* — gritou Carrie, e uma mão cega e exploradora subiu e segurou o short branco da srta. Desjardin. Deixou uma marca de sangue.

— Eu... você... — O rosto da professora de educação física se contorceu em uma expressão de repulsa, e ela arrastou Carrie de repente. — *Vai pra lá!*

Carrie ficou oscilando entre os chuveiros e a parede com o dispensador de absorventes a dez centavos cada, curvada, os seios apontando para o chão, os braços inertes. Ela parecia um símio. Seus olhos estavam brilhantes e vazios.

— Agora — ordenou a srta. Desjardin com uma ênfase chiada e mortal —, pega um desses absorventes... não, esquece o buraco da moeda, está quebrado mesmo... pega um e... droga, anda *logo!* Parece até que você nunca menstruou antes.

— Menstruou? — perguntou Carrie.

A expressão de total descrença era genuína demais, repleta de um horror estúpido e desesperado, para ser ignorada ou negada. Uma desconfiança terrível e sombria cresceu na mente de Rita Desjardin. Era incrível, não podia ser. Ela mesma tinha começado a menstruar pouco depois do décimo primeiro aniversário e foi até o alto da escada para gritar com empolgação: “Ei, mãe, desceu!”.

— Carrie? — disse ela agora. Ela foi na direção da garota. — Carrie?

Carrie se encolheu. No mesmo momento, um monte de tacos de softball no canto caiu com um estrondo alto e ecoante. Eles rolaram para todos os lados, fazendo Desjardin pular.

— Carrie, é a primeira vez que você menstrua?

Mas agora que a ideia tinha sido admitida, ela nem precisava perguntar. O sangue estava escuro e fluía com um peso terrível. As duas pernas de Carrie estavam sujas e manchadas, como se ela tivesse andado por um rio de sangue.

— Está doendo — gemeu Carrie. — A minha barriga...

— Isso vai passar — explicou a srta. Desjardin. A pena e a vergonha se chocaram dentro dela e se misturaram com inquietação. — Você precisa... hã, parar o fluxo de sangue. Você...

Houve um brilho forte no teto, seguido de um estalo quando uma lâmpada chiou e queimou. A srta. Desjardin gritou de surpresa, e passou pela cabeça dela

(esse lugar está caindo aos pedaços)

que esse tipo de coisa sempre parecia acontecer perto de Carrie quando ela estava chateada, como se o azar acompanhasse cada passo da garota. A ideia sumiu quase tão rapidamente quanto chegou. Ela pegou um absorvente no dispensador quebrado e o desembrulhou.

— Olha — disse ela. — Assim...

De *A explosão sombria* (p. 54):

A mãe de Carrie White, Margaret White, deu à luz a filha em 21 de setembro de 1963, em circunstâncias que só podem ser chamadas de bizarras. De fato, uma breve análise do caso de Carrie White deixa um observador cuidadoso com um sentimento predominante sobre todos os outros: que Carrie era a filha única da família mais estranha que já ganhou destaque popular.

Como observado antes, Ralph White morreu em fevereiro de 1963 quando uma viga de aço caiu de um guindaste em uma construção de casa em Portland. A sra. White continuou morando sozinha no bangalô de subúrbio em Chamberlain.

Devido às crenças religiosas fundamentalistas quase fanáticas dos Whites, a sra. White não tinha amigos para lhe darem apoio durante o luto. E quando o trabalho de parto começou, sete meses depois, ela estava sozinha.

Aproximadamente às 13h30 do dia 21 de setembro, os vizinhos da rua Carlin começaram a ouvir gritos vindos do bangalô White. Apesar disso, a polícia só foi chamada ao local depois das 18h. Só restam duas alternativas desagradáveis para explicar esse atraso:

ou os vizinhos da sra. White não queriam se envolver em uma investigação policial, ou a aversão a ela tinha ficado tão intensa que eles adotaram deliberadamente uma atitude de esperar para ver. A sra. Georgia McLaughlin, a única dos três residentes restantes que estava na rua na ocasião e que aceitou falar comigo, disse que não chamou a polícia porque achou que os gritos tinham a ver com “fanatismo”.

Quando a polícia chegou, às 18h22, os gritos tinham ficado irregulares. A sra. White foi encontrada na cama no andar de cima e o investigador, Thomas G. Mearton, primeiro achou que ela tinha sido vítima de agressão. A cama estava encharcada de sangue e havia uma faca de cozinha no chão. Só depois ele viu o bebê, ainda parcialmente envolto no saco amniótico, no seio da sra. White. Ao que parecia, ela tinha cortado o cordão umbilical ela mesma, com a faca.

É atordoante tanto para a imaginação quanto para a convicção aventar a hipótese de que a sra. Margaret White não sabia que estava grávida e que nem entendia o que a palavra significa. Acadêmicos recentes como J. W. Bankson e George Felding apresentaram de forma mais razoável a hipótese de que o conceito, conectado irrevogavelmente na mente dela com o “pecado” do coito, tinha sido totalmente bloqueado. Ela podia apenas ter se recusado a acreditar que uma coisa assim pudesse acontecer com ela.

Nós temos registros de pelo menos três cartas para uma amiga em Kenosha, Wisconsin, que parecem provar de forma conclusiva que a sra. White acreditou a partir do quinto mês que estava com “câncer nas partes femininas” e que logo se juntaria ao marido no paraíso...

Quando a srta. Desjardin levou Carrie para a diretoria quinze minutos depois, os corredores estavam misericordiosamente vazios. As aulas decorrendo por trás das portas fechadas.

Os gritos de Carrie haviam parado, mas ela continuou chorando. Desjardin acabou colocando ela mesma o absorvente, limpou a garota com toalhas de papel molhadas e a fez vestir a calcinha branca de algodão.

Ela tentou explicar duas vezes a realidade comum da menstruação, mas Carrie colocou as mãos sobre os ouvidos e continuou chorando.

O sr. Morton, o vice-diretor, saiu da sala num piscar de olhos quando elas entraram. Billy deLois e Henry Trennant, dois garotos esperando sermão por terem matado aula de francês I, olharam com olhos arregalados.

— Entrem — ordenou o sr. Morton bruscamente. — Entrem logo. — Ele olhou para os garotos por cima do ombro de Desjardin, pois eles estavam fitando as marcas de mão de sangue no short dela. — O que vocês estão olhando?

— O sangue — respondeu Henry, e abriu um sorriso com uma espécie de surpresa estúpida.

— Dois tempos de detenção — disse Morton. Ele olhou para a marca de mão e piscou.

Ele fechou a porta depois que todos entraram e começou a mexer na gaveta de cima do arquivo, em busca de um formulário de acidente escolar.

— Você está bem, hã...?

— Carrie — completou Desjardin. — Carrie White. — O sr. Morton tinha finalmente encontrado um formulário de acidente. Havia uma

grande mancha de café nele. — Você não vai precisar disso, sr. Morton.

— Imagino que tenha sido na cama elástica. Nós só vamos... Não vou?

— Não. Mas eu acho que Carrie devia ser dispensada pelo restante do dia. Ela teve uma experiência muito assustadora. — Seus olhos mandaram um sinal que ele viu, mas não conseguiu interpretar.

— Sim, tudo bem, se você diz. Está bem. Ótimo. — Morton enfiou o formulário de volta no arquivo, fechou-o, prendeu o polegar e grunhiu. Virou-se graciosamente para a porta, abriu-a, olhou de cara feia para Billy e Henry e chamou: — Srta. Fish, você pode trazer uma ficha de dispensa, por favor? Carrie Wright.

— White — corrigiu a srta. Desjardin.

— White — concordou Morton.

Billy deLois deu uma risadinha.

— Detenção por uma semana! — gritou Morton. Uma bolha de sangue estava se formando debaixo da unha dele. Doía muito. O choro regular e monótono de Carrie continuava sem parar.

A srta. Fish levou o formulário de dispensa e Morton rabiscou suas iniciais com o lápis prateado de bolso, fazendo uma careta com a pressão no polegar machucado.

— Precisa de carona, Cassie? — perguntou ele. — Nós podemos chamar um táxi se você precisar.

Ela fez que não. Ele reparou com repulsa que uma bolha enorme de catarro verde tinha se formado em uma narina. Morton olhou por cima da cabeça dela para a srta. Desjardin.

— Eu sei que ela vai ficar bem — garantiu ela. — Carrie só precisa ir até a rua Carlin. O ar fresco vai fazer bem a ela.

Morton deu a folha amarela para a garota.

— Pode ir agora, Cassie — disse ele, magnânimo.

— *Esse não é o meu nome!* — gritou ela de repente.

Morton se encolheu, e a srta. Desjardin deu um pulo, como se tivesse levado uma palmada nas nádegas. O cinzeiro pesado de cerâmica na mesa de Morton (era o *Pensador* de Rodin com a cabeça transformada em receptáculo para guimbas de cigarro) caiu de repente no tapete, como se para se proteger da força do grito dela. Guimbas e flocos do cachimbo de Morton se espalharam no tapete de náilon verde-pálido.

— Agora, escuta — disse Morton, tentando passar severidade. — Eu sei que você está aborrecida, mas isso não quer dizer que vou tolerar...

— Por favor — disse a srta. Desjardin baixinho.

Morton olhou para ela sem entender e assentiu brevemente. Ele tentava projetar a imagem de uma figura amável estilo John Wayne enquanto executava as funções disciplinares que eram seu trabalho principal como vice-diretor, mas não se saía muito bem. A administração (normalmente representada pelo diretor Henry Grayle em jantares da Câmara Júnior, eventos da Associação de Pais e Mestres e cerimônias de premiação da Legião Americana) costumava chamá-lo de “adorável Mort”. O corpo estudantil tinha mais chance de chamá-lo de “aquela bicha maluca da diretoria”. Mas, como poucos alunos tipo Billy deLois e Henry Trennant falavam em eventos da Associação de Pais e Mestres e reuniões da cidade, a visão da administração costumava prevalecer.

Agora o adorável Mort, ainda aninhando secretamente o polegar esmagado, sorriu para Carrie e disse:

— Pode ir se quiser, srta. Wright. Ou você prefere ficar um pouco e se acalmar?

— Eu vou — murmurou ela, e mexeu no cabelo. Ela se levantou e olhou para a srta. Desjardin. Seus olhos estavam arregalados e sombrios com informação. — Elas riram de mim. Jogaram coisas. Elas *sempre* riem.

Desjardin só pôde olhar para ela, impotente.

Carrie foi embora.

Por um momento, houve silêncio; Morton e Desjardin a observaram ir embora. Depois, com um pigarro constrangido, o sr. Morton se curvou com cuidado e começou a recolher os resquícios do cinzeiro caído.

— O que foi *tudo isso*?

Ela suspirou e olhou com repulsa para a marca de mão secando no short.

— Ela ficou menstruada. Pela primeira vez. No chuveiro.

Morton limpou a garganta de novo e ficou com as bochechas rosadas. A folha de papel que ele estava usando na limpeza se moveu ainda mais rápido.

— Ela não é meio, hã...

— Velha para a primeira vez? É. Foi o que tornou tudo tão traumático para ela. Se bem que não consigo entender por que a mãe dela... — O pensamento foi interrompido, abandonado no momento. — Acho que não lidei com a questão muito bem, Morty, mas eu não entendi o que estava acontecendo. Ela achou que estivesse morrendo de hemorragia.

Ele ergueu o rosto rapidamente.

— Eu acho que ela não sabia o que é menstruação até meia hora atrás.

— Me passa aquela escovinha ali, srta. Desjardin. Sim, essa mesma. — Ela entregou a ele uma escovinha escrito *A Companhia de Ferragens e Madeiras Chamberlain NUNCA te joga para debaixo do tapete* no cabo. Ele começou a varrer a pilha de cinzas para o papel. — Ainda vai sobrar um pouco para o aspirador, eu acho. Esse carpete está horrível. Eu achei que tivesse colocado o cinzeiro mais para trás na mesa. Engraçado como as coisas caem. — Ele bateu com a cabeça na mesa e se sentou abruptamente. — É difícil pra mim acreditar que uma garota nesta ou em qualquer outra escola de ensino médio pode passar por três anos e continuar não sabendo o que é menstruação, srta. Desjardin.

— É ainda mais difícil pra mim — retrucou ela. — Mas é a única coisa que explica a reação dela. E ela sempre foi o bode expiatório do grupo.

— Hum. — Ele jogou as cinzas e guimbas na lata de lixo e limpou as mãos. — Acho que eu fiz a avaliação dela. White. Filha de Margaret White. Deve ser. Faz sentido agora. — Ele se sentou atrás da mesa e sorriu como se pedisse desculpas. — São tantos. Depois de uns cinco anos, todos os rostos começam a se misturar. A gente acaba chamando os garotos pelos nomes dos irmãos, esse tipo de coisa. É difícil.

— Claro que é.

— Espera até você estar no jogo há vinte anos, como eu — disse ele morosamente, olhando para a bolha de sangue. — Você vê garotos com rostos familiares e descobre que o pai deles foi seu

aluno no ano em que você começou a dar aulas. Margaret White foi de antes da minha época, e sou grato por isso. Ela disse para a sra. Bicente, que Deus cuide da alma dela, que o Senhor estava reservando um lugar bem quente para ela no inferno porque ela explicou para as crianças por alto as crenças do sr. Darwin sobre evolução. Margaret foi suspensa duas vezes quando estava aqui: uma por bater em uma colega com a bolsa. Dizem que ela viu a colega fumando um cigarro. Ela tem visões religiosas peculiares. Muito peculiares. — Sua expressão de John Wayne voltou de repente. — As outras garotas. Elas riram mesmo dela?

— Foi pior. Elas estavam gritando e jogando absorventes nela quando eu entrei. Jogando como se fossem... amendoins.

— Ah. Minha nossa. — John Wayne desapareceu. O sr. Morton ficou vermelho. — Você tem nomes?

— Tenho. Não de todas, mas estas podem dedurar as outras. Christine Hargensen pareceu ser a líder... como sempre.

— Chris e suas Mortimer Snerds — murmurou Morton.

— Sim. Tina Blake, Rachel Spies, Helen Shyres, Donna Thibodeau e a irmã dela, Mary Lila Grace, Jessica Upshaw. E Sue Snell. — Ela franziu a testa. — Eu não podia esperar uma coisa assim de Sue. Ela não parecia ser do tipo que faz essas... brincadeiras.

— Você falou com as garotas envolvidas?

A srta. Desjardin deu uma risadinha infeliz.

— Eu tirei todas de lá. Fiquei nervosa demais. E Carrie estava tendo um ataque histérico.

— Hum. — Ele entrelaçou os dedos. — Você planeja conversar com elas?

— Sim. — Mas ela pareceu relutante.

— Será que estou detectando um tom de...

— Provavelmente — disse ela com um tom sombrio. — Eu tenho teto de vidro, sabe. Eu entendo o que as garotas sentiram. Aquela situação me fez querer segurar a garota e a *sacudir*. Talvez haja algum instinto relacionado à menstruação que faz as mulheres quererem rosnar, sei lá. Eu fico vendo a cara que Sue Snell fez de novo e de novo.

— Hum — repetiu o sr. Morton sabiamente. Ele não entendia as mulheres e não tinha a menor vontade de discutir menstruação.

— Vou falar com elas amanhã — prometeu ela enquanto se levantava. — Vou dar um sacode nelas.

— Que bom. Faça a punição se adequar ao crime. E, se achar que precisa mandar alguma delas pra, hã, mim, fique à vontade...

— Vou fazer isso — disse ela com gentileza. — A propósito, uma lâmpada queimou quando eu estava tentando acalmá-la. Foi o toque final.

— Vou enviar um zelador imediatamente — prometeu ele. — E obrigado por fazer o melhor possível, srta. Desjardin. Pode pedir à srta. Fish para mandar Billy e Henry entrarem?

— Certamente. — Ela saiu.

Ele se encostou e deixou a história toda sair do seu pensamento. Quando Billy deLois e Henry Trennant, matadores de aula profissionais, entraram, ele ficou feliz em fazer cara feia para eles e se preparou para dar uma bronca.

Como costumava dizer para Hank Grayle, ele comia matadores de aula no almoço.

Pichação em uma carteira da Escola Fundamental Chamberlain —
Segundo Segmento:

*Rosas são vermelhas, violetas são azuis, mas uma coisa é certa,
Carrie White come merda.*

Ela percorreu a avenida Ewen e atravessou para a Carlin no sinal da esquina. Manteve a cabeça baixa, tentando não pensar em nada. A cólica ia e vinha em ondas longas e intensas, fazendo-a ir mais devagar e acelerar como um carro com problemas no carburador. Ela caminhou fitando a calçada. Quartzo cintilando no cimento. Amarelinhas desenhadas com giz fantasmagórico, apagado pela chuva. Pedacos de chiclete esmagados. Pedacos de alumínio e papel de bala. *Todos odeiam e não param nunca. Nunca se cansam.* Uma moeda de um centavo presa numa rachadura. Ela a chutou. *Imagine Chris Hargensen toda ensanguentada e gritando por misericórdia. Com ratos andando na cara dela. Ótimo. Ótimo. Isso seria ótimo.* Um cocô de cachorro com uma marca de sapato no meio. Um montinho de estalinhos que alguma criança tinha estourado com uma pedra. Guimbas de cigarro. *Bater na cabeça dela com uma pedra, com um pedregulho. Esmagar a cabeça de todas elas. Ótimo. Ótimo.*

(jesus salvador brando e gentil)

Aquilo podia funcionar para a Mamãe, servia para ela. Claro, ela não tinha que ir para o meio dos lobos todos os dias de todos os anos, nem para o meio de um festival de gente rindo, fazendo piadas, apontando, debochando. E não era Mamãe quem dizia que haveria um Dia do Juízo Final

(o nome da estrela será Absinto e eles serão castigados com chicotes farpados)

e um anjo com uma espada?

Se pelo menos fosse hoje e Jesus viesse não com uma ovelha e um cajado de pastor, mas com uma pedra em cada mão para esmagar os que riem e deboçam, para arrancar o mal e destruí-lo gritando... um Jesus terrível de sangue e retidão.

E se pelo menos ela pudesse ser a espada e o braço Dele.

Ela tinha tentado se adaptar. Havia desafiado a Mamãe de cem pequenas formas, tinha tentado apagar o círculo vermelho maldito desenhado em volta dela desde o primeiro dia que ela saiu do ambiente controlado da casinha na rua Carlin e andou até a Escola Fundamental da rua Baker com a Bíblia embaixo do braço. Ainda se lembrava daquele dia, dos olhares e do silêncio repentino e horrível quando ela ficou de joelhos antes do almoço no refeitório da escola; as risadas começaram naquele dia e ecoaram ao longo dos anos.

O círculo vermelho maldito era como sangue: ela podia esfregar e esfregar, mas ainda estaria lá, impossível de limpar, impossível de apagar. Ela nunca mais ficou de joelhos em um lugar público, embora não tivesse contado isso para a Mamãe. Ainda assim, a primeira lembrança tinha ficado, com ela e com *todos eles*. Ela brigou com a Mamãe com unhas e dentes em relação ao Acampamento da Igreja Cristã e ganhou o dinheiro para ir com seu trabalho de costuras. Mamãe disse sombriamente que aquilo era Pecado, que era de metodistas e batistas e congregacionalistas e que era Pecado e Retrocesso. Proibiu Carrie de nadar no acampamento. Mas, embora ela *tenha* nadado e *tenha* rido quando empurraram sua cabeça sob a água (até não conseguir mais

respirar e eles continuarem e ela entrar em pânico e começar a gritar) e tenha tentado participar das atividades do acampamento, mil pegadinhas foram feitas com a Carrie carola e ela voltou para casa de ônibus uma semana mais cedo, os olhos vermelhos e fundos de tanto chorar, para ser buscada pela Mamãe na rodoviária, e a Mamãe lhe disse severamente que ela devia guardar bem a lembrança da chacota como prova de que a Mamãe sabia, a Mamãe estava certa, de que a única esperança de segurança e salvação era dentro do círculo vermelho. “Porque estreito é o portão”, disse a Mamãe sombriamente no táxi, e em casa ela mandou Carrie para o armário por seis horas.

Claro que a Mamãe tinha proibido que ela tomasse banho com as outras garotas; Carrie escondeu as coisas de banho no armário da escola e tomava banho mesmo assim, participando daquele ritual de nudez vergonhoso e constrangedor na esperança de que o círculo em volta dela desbotasse um pouco, só um pouco...

(mas hoje ah hoje)

Tommy Erbter, de cinco anos, estava andando de bicicleta do outro lado da rua. Ele era um garoto pequeno com um olhar penetrante em uma bicicleta Schwinn aro 20 com rodinhas vermelhas. Estava cantarolando “Scooby-Doo, cadê você?” baixinho. Ao ver Carrie, ele se animou e mostrou a língua.

— Ei, cara de peido! Carrie carola!

Carrie olhou para ele com fúria repentina. A bicicleta balançou nas rodinhas e caiu de repente. Tommy gritou. A bicicleta caíra em cima dele. Carrie sorriu e continuou andando. O som do choro de Tommy parecia música aos seus ouvidos.

Se ela pudesse fazer uma coisa assim acontecer sempre que quisesse.

(ela podia)

Ela parou a sete casas da dela e ficou olhando para o nada. Atrás dela, Tommy estava subindo na bicicleta ainda choroso, com a mão no joelho ralado. Ele gritou alguma coisa, mas ela o ignorou. Já tinha sido insultada por gente mais experiente.

Ela estava pensando:

(cai da bicicleta garoto queria te empurrar dessa bicicleta e partir sua cabeça podre)

E uma coisa *aconteceu*.

Sua mente tinha... tinha... ela procurou uma palavra. Tinha se *flexionado*. Não era bem isso, mas era quase. Houve uma curvatura mental curiosa, quase como um cotovelo não aguentando sustentar um haltere. Também não era bem isso, mas era a única coisa em que ela conseguia pensar. Um cotovelo sem força. Um músculo fraco.

Flexionando.

Ela olhou intensamente para o janelão da casa da sra. Yorraty. E pensou:

(vadia velha idiota e reclamona quebra aquela janela)

Nada. O janelão da sra. Yorraty cintilou serenamente no brilho fresco de nove horas da manhã. Outra cólica contraiu a barriga de Carrie e ela continuou andando.

Mas...

A lâmpada. E o cinzeiro; não se esqueça do cinzeiro.

Ela olhou

(a vadia velha odeia a minha mamãe)

para trás. Mais uma vez, pareceu que alguma coisa se flexionou... mas muito fracamente. O fluxo de seus pensamentos tremeu de repente, como se tivesse havido o borbulhar súbito de uma fonte lá dentro.

O janelão pareceu se agitar. Mais nada. Podia ter sido um engano dos olhos dela. *Podia*.

Sua cabeça ficou cansada e confusa e começou a latejar. Seus olhos estavam quentes, como se ela tivesse acabado de se sentar e ler o Livro do Apocalipse do começo ao fim.

Carrie continuou andando pela rua na direção da casinha branca com janelas azuis. O sentimento familiar de ódio, amor e medo estava fervendo dentro dela. Tinha hera subindo pelo lado oeste do bangalô (elas sempre chamaram de bangalô porque “casa branca” parecia uma piada política e a Mamãe dizia que todos os políticos eram safados e pecadores e acabariam entregando o país para os Vermelhos Ímpios, que colocariam todos os que acreditavam em Jesus, até os católicos, na frente do paredão), e a hera era pitoresca, ela *sabia* que era, mas às vezes a odiava. Às vezes, como agora, a hera parecia uma mão gigante grotesca coberta de veias enormes que tinha surgido do chão para segurar a casa. Ela se aproximou arrastando os pés.

Claro, tinha havido as pedras.

Ela parou de novo e piscou distraída. As pedras. A Mamãe nunca falava sobre isso; Carrie nem sabia se a Mamãe ainda se lembrava do dia das pedras. Era surpreendente que ela lembrasse. Ela era muito pequena na época. Tinha quantos anos? Três? Quatro? Tinha a garota de maiô branco e as pedras vieram. E as coisas voaram na casa. Lá estava a lembrança, de repente intensa e clara, como se

tivesse estado lá o tempo todo, logo abaixo da superfície, esperando uma espécie de puberdade mental.

Esperando, talvez, por aquele dia.

De *Carrie: O amanhecer sombrio da T.C.* (revista *Esquire*, 12 de setembro de 1980).

Por Jack Gaver:

Estelle Horan mora no belo subúrbio Parrish, em San Diego, há doze anos. Por fora ela é a típica garota da Califórnia: blusas estampadas de cores fortes, óculos âmbar fumê, o cabelo preto com mechas loiras. Ela dirige um fusca 1970 marrom bem conservado com um adesivo com uma carinha sorridente na tampa de gasolina e um verde pró-ecologia no para-brisa traseiro. Seu marido é executivo na filial de Parrish do Bank of America; o filho e a filha de Estelle são membros certificados do Southern California Sun'n Fun Crowd, ratos de praia bronzeados. A família tem um hibachi em seu quintal pequeno e bem cuidado, e a campainha toca uma versão metálica do refrão de "Hey, Jude".

Mas a sra. Horan ainda carrega o solo arenoso e infértil da Nova Inglaterra dentro de si, e quando fala de Carrie White, seu rosto assume uma expressão estranha e contraída muito mais lovecraftiana de Arkham do que Kerouac do sul da Califórnia.

"Claro que ela era estranha", nos conta Estelle, acendendo um segundo cigarro Virginia Slim logo depois de apagar o primeiro. "A família toda era estranha. Ralph era operário de construção e as pessoas da rua diziam que ele levava uma Bíblia e um revólver .38 para o trabalho todos os dias. A Bíblia era para o intervalo do café e

para o almoço. O .38 era para o caso de ele encontrar um Anticristo no trabalho. Eu me lembro da Bíblia. Do revólver... vai saber? Ele era um homem grande de pele marrom com o cabelo sempre raspado no estilo militar. Ele sempre pareceu meio maldoso. E ninguém conseguia encará-lo, nunca. Seu olhar era tão intenso que os olhos pareciam brilhar. Quando ele vinha na nossa direção, a gente atravessava a rua e nunca mostrava a língua quando ele dava as costas, nunquinha. De tão sinistro que *ele* era.”

Ela faz uma pausa, nuvens de fumaça de cigarro escapam da sua boca para as vigas imitando sequoia que atravessam o teto. Stella Horan morou na rua Carlin até os vinte anos, apesar de frequentar as aulas da Faculdade de Administração Lewis todos os dias, em Motton. Mas ela se lembra do incidente das pedras com precisão.

“Algumas vezes”, diz, “me pergunto se eu posso ter causado aquilo. O quintal deles era ao lado do nosso, e a sra. White tinha colocado uma cerca viva, mas ainda não tinha crescido. Ela chamou minha mãe dezenas de vezes para reclamar do ‘show’ que eu estava dando no quintal. Bom, meu maiô era perfeitamente decente, careta para os padrões de hoje, um maiô Jantzen simples. A sra. White ficava falando que era um escândalo para ‘a bebê dela’. Minha mãe... bom, ela tenta ser educada, mas o temperamento dela é *tão* curto. Não sei o que Margaret White disse para levá-la ao limite. Acho que deve ter me chamado de Meretriz da Babilônia, quem sabe. Mas a minha mãe falou que o quintal era nosso e que eu podia muito bem sair nele e dançar pelada se ela e eu quiséssemos. Também disse que ela era uma velha imunda com uma lata de vermes no lugar da mente. Houve muito mais gritaria, mas essa é a essência.

“Eu quis parar de tomar sol naquele momento. Eu odeio barraco. Fico com dor de estômago. Mas a minha mãe... quando ela se irrita, ela é um terror. Ela voltou para casa da Jordan Marsh com um biquininho branco. Me disse que era para eu tomar todo o sol que pudesse. ‘Afinal’, disse ela, ‘tem a privacidade do nosso quintal, essas coisas.’”

Stella Horan sorri um pouco pela lembrança e apaga outro cigarro.

“Eu tentei argumentar com ela, falei que não queria mais confusão, que não queria ser uma peça na guerra de quintal delas. Não adiantou de nada. Tentar segurar a minha mãe quando ela se irrita é como impedir um caminhão de descer uma ladeira sem freio. Na verdade, houve bem mais. Eu tinha medo dos Whites. Gente fanática religiosa não é gente com quem a gente deva se meter. Claro que Ralph White já tinha morrido, mas e se Margaret ainda tivesse aquele revólver .38?

“Mas lá estava eu na tarde de sábado, deitada em uma toalha no quintal, coberta de bronzeador e ouvindo a parada de sucessos no rádio. Minha mãe odiava as músicas e costumava gritar pelo menos duas vezes para eu abaixar o volume antes que ela ficasse maluca. Mas, naquele dia, ela mesma aumentou o volume. Eu comecei a me sentir mesmo a própria Meretriz da Babilônia.

“Mas ninguém saiu da casa dos Whites. Nem mesmo a velha senhora para pendurar as roupas. Isso é outra coisa: ela nunca pendurava nenhuma calcinha no varal do quintal. Nem mesmo de Carrie, e ela só tinha três anos na época. Ela sempre pendurava dentro de casa.

“Eu comecei a relaxar. Devo ter achado que Margaret tinha levado Carrie ao parque para adoração na natureza, sei lá. Depois de um tempo, eu me deitei de costas, cobri os olhos com um braço e cochilei.

“Quando acordei, Carrie estava parada ao meu lado, olhando o meu corpo.”

Nesse momento Estelle para de falar e fica olhando para o nada. Lá fora, os carros passam sem parar. Consigo ouvir o chiado regular que o meu gravador faz. Mas tudo parece frágil demais, brilhante demais, só uma pátina barata sobre um mundo mais sombrio — um mundo real onde pesadelos acontecem.

“Ela era uma garota tão *bonita*”, diz Stella Horan, acendendo outro cigarro. “Já vi umas fotos dela no ensino médio e aquela foto horrível meio borrada em preto e branco da capa da *Newsweek*. Eu olho para elas e só consigo pensar, Pai amado, para onde ela foi? O que aquela mulher fez com ela? Eu sinto enjoo e pena. Ela era tão bonita, com bochechas rosadas e olhos castanho-claros, e o cabelo era de um tom de louro que dava para saber que ia escurecer e ficar castanho. Doce é a única palavra que combina. Doce e inteligente e inocente. A doença da mãe dela não a tinha tocado profundamente, não naquela época.

“Eu acordei num sobressalto e tentei sorrir. Era difícil pensar no que fazer. Eu estava toda mole por causa do sol e minha mente parecia arrastada e pesada. Eu falei ‘Oi’. Ela estava usando um vestidinho amarelo, meio fofo, mas comprido demais para uma garotinha no verão. Ia até as canelas.

“Ela não sorriu para mim. Só apontou e perguntou: ‘O que é isso?’.

“Eu olhei para baixo e vi que meu sutiã tinha escorregado quando eu estava dormindo. Eu ajeitei e falei: ‘São meus seios, Carrie’.

“E ela disse, solenemente: ‘Eu queria ter também’.

“Eu falei: ‘Você vai ter que esperar, Carrie. Só vão começar a aparecer em uns... ah, oito ou nove anos’.

“‘Não vão, não’, rebateu ela. ‘Mamãe diz que garotas boazinhas não têm.’ Ela fez uma cara estranha para uma garotinha, meio triste e meio convencida.

“Eu nem acreditei direito, e a primeira coisa que surgiu na minha mente também saiu pela minha boca. Eu falei: ‘Bom, eu sou uma garota boazinha. E sua mãe não tem seios?’.

“Ela baixou a cabeça e falou uma coisa tão baixo que não consegui ouvir. Quando pedi para ela repetir, ela me olhou com uma expressão desafiadora e disse que a mãe dela tinha sido malvada quando a fez e que era por isso que ela tinha. Ela chamou de almofadinhasujas, como se fosse uma palavra só.

“Eu não acreditei. Fiquei perplexa. Não havia nada que eu conseguisse pensar para falar. Nós só ficamos nos olhando, e o que tive vontade de fazer foi segurar aquele fiapinho triste de menina e fugir com ela.

“E foi nessa hora que Margaret White saiu pela porta dos fundos e nos viu.

“Por um minuto, ela ficou olhando, como se não conseguisse acreditar. Depois, abriu a boca e gritou. Foi o som mais horrível que eu já ouvi na vida. Foi como o ruído que um jacaré faria em um pântano. Ela só *gritou*. Em fúria. Uma fúria completa e insana. O rosto dela ficou tão vermelho quanto um carro de bombeiro e ela fechou as mãos e gritou para o céu. Ela estava tremendo toda. Eu

achei que estava tendo um derrame. O rosto dela estava todo contraído, parecia o rosto de uma gárgula.

“Eu achei que Carrie fosse desmaiar... ou morrer ali mesmo. Ela inspirou fundo e aquele rostinho ficou da cor de queijo cottage.

“A mãe dela gritou: ‘CAAAARRRIEEEEEE!’.

“Eu levantei de um pulo e gritei para ela: ‘Não grita com ela assim! Você devia ter vergonha!’. Alguma coisa idiota assim. Não lembro. Carrie começou a voltar, mas parou e começou de novo, e logo antes de atravessar do nosso gramado para o delas, ela olhou para mim e havia uma expressão... ah, horrível. Não consigo dizer. De querer e odiar e ter medo... e de *infelicidade*. Como se a própria vida tivesse caído em cima dela como pedras, e isso aos três anos.

“Minha mãe saiu pelos fundos e o rosto dela desmoronou quando viu a criança. E Margaret... ah, ela estava gritando coisas sobre piranhas e rameiras e os pecados dos pais recaindo sobre os filhos mesmo depois da sétima geração. Minha língua parecia uma planta seca.

“Por um segundo, Carrie ficou oscilando entre os dois quintais, e Margaret White olhou para cima e eu juro pelo doce Jesus que a mulher *uivou* para o céu. E ela começou a... se machucar, se flagelar. Ela estava arranhando o pescoço e as bochechas, fazendo marcas vermelhas e arranhões. Ela rasgou o vestido.

“Carrie gritou ‘Mamãe!’ e correu até ela.

“A sra. White meio que se... agachou, como um sapo, e abriu bem os braços. Eu pensei que ela ia esmagar a menina e gritei. A mulher estava sorrindo. Sorrindo e babando pelo queixo. Ah, eu passei mal. Meu Jesus, eu passei tão mal.

“Ela a pegou no colo e elas entraram. Eu desliguei o rádio e consegui ouvi-la. Algumas das palavras, mas não todas. E nem precisava, para saber o que estava acontecendo. Orações e choros e gritos. Uns sons ensandecidos. E Margaret dizendo para a garotinha entrar no armário e orar. A garotinha chorando e gritando pedindo desculpas, que ela tinha esquecido. E nada. E a minha mãe e eu só nos olhamos. Eu nunca vi minha mãe tão mal, nem mesmo quando o papai morreu. Ela disse: ‘A criança...’ e só. Nós entramos.”

Ela se levanta e vai até a janela, uma mulher bonita de vestido amarelo frente-única. “É quase como viver tudo de novo, sabe”, diz ela, sem se virar. “Eu estou toda tensa por dentro de novo.” Ela ri um pouco e aninha os cotovelos nas mãos.

“Ah, ela era tão bonita. Não dá para imaginar por aquelas fotos.”

Carros passam lá fora, para um lado e para o outro, e eu fico esperando que ela continue. Ela lembra uma atleta de salto com vara olhando o sarrafo e se perguntando se está alto demais.

“Minha mãe fez chá com uísque e leite, forte, do jeito que ela estava acostumada quando eu fazia molecagens e alguém me empurrava nas urtigas ou eu caía da bicicleta. Ficou horrível, mas nós tomamos mesmo assim, sentada uma na frente da outra à mesa da cozinha. Ela estava usando um vestido velho com a bainha desfazendo atrás, e eu estava com o biquini de Meretriz da Babilônia. Eu queria chorar, mas era real demais para chorar, não como nos filmes. Uma vez, quando fui para Nova York, eu vi um bêbado velho levando uma garotinha de vestido azul embora pela mão. A garota tinha chorado tanto que o nariz estava sangrando. O bêbado tinha bócio e o pescoço parecia uma tubulação de esgoto.

Havia um caroço vermelho no meio da testa dele e um fio branco comprido na jaqueta azul de sarja que ele estava usando. Todo mundo continuou passando porque, ao fazer isso, em pouco tempo não dava para vê-los mais. Aquilo também foi real.

“Eu queria contar isso para a minha mãe e estava abrindo a boca para falar quando a outra coisa aconteceu... a coisa sobre a qual você quer ouvir, acho. Houve um barulho alto lá fora que fez os copos sacudirem no armário. Era uma sensação além de um som, densa e sólida, como se alguém tivesse acabado de empurrar um cofre de ferro do telhado.”

Estelle Horan acende outro cigarro e começa a baforar rapidamente.

“Eu fui até a janela e olhei para fora, mas não consegui ver nada. Quando estava me preparando para me virar, outra coisa caiu. O sol bateu nela. Por um segundo eu achei que fosse um globo grande de vidro. Mas bateu na borda do telhado dos Whites e se estilhaçou, e não era vidro. Era um pedaço grande de gelo. Eu ia me virar para contar para a minha mãe, e foi nessa hora que todas começaram a cair ao mesmo tempo, como chuva.

“Caíram no teto dos Whites, no quintal e no gramado da frente, na porta externa do porão. Era uma porta de metal, e quando a primeira caiu, fez um barulho altíssimo de sino de igreja. Minha mãe e eu gritamos. Nós estávamos agarradas uma à outra como duas garotinhas numa tempestade.

“De repente, parou. Não havia som nenhum vindo da casa delas. Dava para ver a água do gelo derretendo pingando pelas telhas delas no sol. Um pedaço de gelo ficou preso no ângulo entre o

telhado e a chaminé. A luz nele estava tão forte que fazia meus olhos doerem.

“Minha mãe começou a me perguntar se tinha acabado, e nessa hora Margaret gritou. O som chegou a nós com muita clareza. De certa forma, foi pior do que antes, porque havia terror nele. Depois, houve sons de coisas batendo, como se ela estivesse jogando todas as panelas da casa na garota.

“A porta dos fundos se abriu e bateu. Ninguém saiu. Mais gritos. Minha mãe me mandou chamar a polícia, mas não consegui me mexer. Eu estava paralisada. O sr. Kirk e a esposa, Virginia, foram para o gramado olhar. Os Smiths também. Em pouco tempo, todo mundo da rua tinha saído, até a velha sra. Warwick, do fim do quarteirão, e ela era surda de um ouvido.

“As coisas começaram a cair e tilintar e quebrar. Garrafas, vidros, não sei mais o quê. E aí, a janela lateral se abriu e a mesa da cozinha caiu metade para fora, juro por Deus. Era uma coisa enorme de mogno e levou a tela junto e devia pesar uns cento e cinquenta quilos. Como uma mulher, mesmo uma mulher grande, poderia jogar aquilo?”

Eu pergunto se ela está insinuando alguma coisa.

“Eu só estou *contando* o que vi”, insiste ela, perturbada de repente. “Não estou pedindo para você acreditar...”

Ela parece recuperar o fôlego e continua, secamente:

“Não houve nada por uns cinco minutos. A água pingava das calhas lá. E havia gelo em todo o gramado dos Whites. Estava derretendo rápido.”

Ela solta uma risada curta e entrecortada e apaga o cigarro.

“Por que não? Era *agosto*.”

Ela caminha até o sofá, mas desvia. “E as pedras. Vindas do céu azul. Voando e chiando como bombas. Minha mãe gritou ‘O que é isso, em nome de Deus!’ e botou as mãos sobre a cabeça. Mas eu não consegui me mexer. Eu fiquei olhando tudo e não consegui me mexer. Não importava mesmo. Elas caíram só na propriedade dos Whites.

“Uma delas bateu em uma junta da calha e a derrubou na grama. Outras fizeram buracos no telhado e entraram no sótão. O teto fazia um som alto de coisa quebrada cada vez que uma caía, e nuvens de poeira subiam. As que batiam no chão faziam tudo vibrar. Dava para sentir elas atingirem o chão com os pés.

“Nossa louça estava tilintando e a cômoda Welsh estava tremendo e a xícara de chá da minha mãe caiu no chão e quebrou.

“Elas fizeram uns buracos grandes no quintal dos Whites quando caíram. Crateras. A sra. White contratou um catador do outro lado da cidade para levá-las embora, e Jerry Smith da nossa rua pagou um dólar para ele para tirar um pedaço de uma. Ele a levou para a BU e examinaram e disseram que era granito comum.

“Uma das últimas caiu em uma mesinha que elas tinham no quintal e a quebrou em pedacinhos.

“Mas nada, nada que não estivesse na propriedade delas foi atingido.”

Ela para e se vira da janela para me olhar, e seu rosto está transfigurado de se lembrar de tudo aquilo. Uma das mãos brinca distraída com o corte de cabelo repicado casualmente estiloso. “A maior parte não foi parar no jornal local. Quando Billy Harris chegou, o repórter do *Chamberlain News*, ela já tinha consertado o telhado,

e quando as pessoas contaram que as pedras o atravessaram, acho que ele achou que era mentira.

“Ninguém quer acreditar, nem mesmo agora. Você e todas as pessoas que vão ler o que você escrever vão desejar poder rir e me chamar de maluca que pegou sol demais na cabeça. Mas *aconteceu*. Um monte de gente no quarteirão *viu* acontecer, e foi tão real quanto aquele bêbado levando a garotinha de nariz ensanguentado. E agora tem essa outra coisa. Ninguém pode rir daquilo. Gente demais morreu.

“E não é mais só na propriedade dos Whites.”

Ela sorri, mas não tem um pinga de humor no sorriso. Ela diz: “Ralph White tinha seguro e Margaret recebeu muito dinheiro quando ele morreu... indenização dobrada. Ele deixou a casa assegurada também, mas ela nunca recebeu um centavo disso. O dano foi causado por um ato de Deus. Justiça poética, né?”.

Ela ri um pouco, mas o som também não tem nenhum humor...

Encontrado escrito repetidamente em uma página de um caderno da Escola Consolidada Ewen de Ensino Médio pertencente a Carrie White:

Ninguém precisa adivinhar/ que ela não pode ser realmente abençoada/ enquanto não perceber que é igual a todo mundo...

Carrie entrou em casa e fechou a porta. A luz forte do dia desapareceu e foi substituída por sombras marrons, frio e o cheiro opressivo de talco. O único som era o tiquetaquear do relógio cuco Black Forest na sala. Mamãe havia comprado o cuco por um programa de recompensas chamado Green Stamps. Uma vez, no

sexto ano, Carrie decidiu perguntar à Mamãe se os Green Stamps não eram pecado, mas perdeu a coragem.

Ela percorreu o corredor e colocou o casaco no armário. Uma imagem luminosa acima dos ganchos dos casacos delineava um Jesus fantasmagórico pairando acima de uma família sentada à mesa da cozinha. Embaixo havia uma legenda (também luminosa): *O convidado invisível.*

Ela foi para a sala e parou no meio do tapete desbotado e quase puído. Fechou os olhos e observou os pontinhos piscarem no escuro. Sua dor de cabeça latejava nas têmporas.

Sozinha.

Mamãe trabalhava na máquina de passar e dobrar roupas da Lavanderia Blue Ribbon, em Chamberlain Centre. Ela trabalhava lá desde que Carrie tinha cinco anos, quando a compensação e o seguro por causa do acidente do seu pai começaram a acabar. Seu horário era de sete e meia às quatro da tarde. A lavanderia era ímpia. Mamãe dissera tantas vezes. O gerente, o sr. Elton Mott, era especialmente ímpio. Mamãe dizia que Satanás tinha reservado um cantinho especial do inferno para Elt, como ele era chamado na Blue Ribbon.

Sozinha.

Ela abriu os olhos. A sala continha duas cadeiras com costas retas. Havia uma mesa de costura com um abajur onde Carrie às vezes fazia vestidos à noite enquanto sua mãe bordava frivolité e falava sobre a Segunda Vinda de Cristo. O cuco Black Forest ficava na parede mais distante.

Havia muitos quadros religiosos, mas o favorito de Carrie ficava na parede acima da sua cadeira. Era Jesus levando ovelhas por

uma colina verde e regular como o campo de golfe de Riverside. Os outros não eram tão tranquilos: Jesus expulsando os vendilhões do templo, Moisés jogando as tabuletas dos Dez Mandamentos nos adoradores do bezerro de ouro, Tomé, o Incrédulo, botando a mão na lateral ferida de Jesus (ah, a fascinação horrorizada e os pesadelos que aquele quadro lhe dera quando pequena!), a arca de Noé flutuando acima dos pecadores agonizantes se afogando, Ló e sua família fugindo do grande incêndio de Sodoma e Gomorra.

Em uma mesinha de pinho havia um abajur e uma pilha de folhetos. O panfleto de cima mostrava um pecador (seu status espiritual ficava claro pela expressão de completa agonia) tentando rastejar para baixo de uma pedra grande. O título dizia: *Nem uma pedra vai escondê-lo NESSE DIA!*

Mas o aposento na verdade era dominado por um crucifixo de gesso enorme na parede mais distante, com 1,20 metro de altura. Mamãe o tinha encomendado especialmente de St. Louis por correspondência. O Jesus empalado nele estava congelado em um ricto grotesco de dor, com os músculos retesados, a boca repuxada em uma curva de gemido. A coroa de espinhos fazia sangue escarlata escorrer pelas têmporas e testa. Os olhos estavam revirados em uma expressão de agonia. As duas mãos também estavam encharcadas de sangue e os pés pregados em uma plataforma de gesso. Aquele objeto também tinha dado a Carrie infinitos pesadelos nos quais o Cristo mutilado corria atrás dela por corredores de sonhos, segurando uma marreta e pregos, suplicando para ela subir na cruz e O seguir. Ultimamente, aqueles sonhos tinham evoluído para algo menos compreensível, mas mais sinistro.

O objetivo não parecia ser assassinato, mas uma coisa ainda mais horrível.

Sozinha.

A dor nas pernas e na barriga e nas partes íntimas tinha diminuído um pouco. Ela não achava mais que estava sangrando até a morte. A palavra era *menstruação*, e de repente pareceu lógico e inevitável. Era sua Época do Mês. Ela soltou uma risadinha estranha e assustada na imobilidade solene da sala. Parecia um programa de perguntas. Você também pode ganhar uma viagem com tudo pago para as Bermudas no Época do Mês. Como a lembrança das pedras, o conhecimento sobre a menstruação pareceu sempre ter estado lá, bloqueado, mas à espera.

Ela se virou e subiu a escada com passos pesados. O banheiro tinha piso de madeira que estava quase branco de tanto ser esfregado (a limpeza está próxima da santidade) e uma banheira com pés em formas de garra. Havia manchas de ferrugem na porcelana embaixo da torneira de cromo, e não tinha chuveiro. Mamãe dizia que chuveiros eram pecaminosos.

Carrie entrou, abriu o armário de toalhas e começou a procurar com determinação e cuidado, sem deixar nada fora do lugar. Os olhos da Mamãe eram aguçados.

A caixa azul estava bem no fundo, atrás das toalhas velhas que elas não usavam mais. Havia uma silhueta indefinida de mulher com um vestido comprido e fino na lateral.

Ela pegou um dos absorventes e olhou com curiosidade. Ela os tinha usado para limpar o batom que escondera na bolsa na frente de todo mundo, uma vez em uma esquina. Agora, se lembrava (ou imaginava que se lembrava) das expressões intrigadas e chocadas.

Seu rosto ficou quente. *Elas* disseram. O rubor virou uma raiva pálida.

Ela foi até seu quartinho. Havia muitos outros quadros religiosos lá, mas tinha mais ovelhas e menos cenas de fúria justiceira. Havia uma flâmula da Ewen acima da cômoda. Sobre a própria cômoda havia uma Bíblia e um Jesus de plástico que brilhava no escuro.

Ela se despiu: primeiro a blusa, depois a odiosa saia até os joelhos, a combinação, a cinta, a calçola, as cintas-ligas, as meias. Ela olhou para a pilha de roupas pesadas, para os botões e borracha, com uma expressão de infelicidade feroz. Na biblioteca da escola havia uma pilha de edições antigas da revista *Seventeen*, e muitas vezes ela as folheava com uma expressão de casualidade idiota no rosto. As modelos pareciam tão relaxadas e tranquilas com as saias curtas e modernas, de meias-calças e roupa íntima com estampas. Claro que *relaxada* era uma das palavras favoritas da Mamãe (ela sabia o que a Mamãe diria para a pergunta) para descrevê-las. E a deixaria muito envergonhada, ela sabia. Nua, maligna, marcada pelo pecado do exibicionismo, a brisa soprando obscenamente na parte de trás das pernas dela, incitando a luxúria. E ela sabia que *e/as* saberiam o que ela sentia. Elas sempre sabiam. Elas a constrangeriam de alguma forma, a empurrariam com selvageria para a palhaçada. Era o jeito delas.

Ela podia, ela sabia que podia estar
(o quê)

em outro lugar. Ela tinha a cintura larga só porque às vezes se sentia tão infeliz, vazia, entediada, que o único jeito de preencher esse buraco enorme e barulhento era comendo e comendo e comendo, mas não era *tão* larga assim no tronco. Sua química

corporal não deixava que ela fosse além de certo ponto. E ela achava que suas pernas eram bem bonitas, quase tão bonitas quanto as da Sue Snell ou da Vicky Hanscom. Ela podia estar

(o quê ah o quê ah o quê)

podia parar com os chocolates e suas espinhas sumiriam. Sempre sumiam. Ela podia ajeitar o cabelo. Comprar meias-calças e calças azuis e verdes. Fazer saínhas e vestidinhos a partir de moldes das revistas Butterick e Simplicity. O preço de uma passagem de ônibus, de trem. Ela podia estar, podia estar, podia *estar*...

Viva.

Ela abriu o sutiã pesado de algodão e deixou-o cair. Seus seios eram brancos leitosos, eretos e lisos. Os mamilos eram de uma cor marrom-clara. Ela passou as mãos por eles e pequenos arrepios percorreram seu corpo. Malignos, ruins, ah, eram. Mamãe tinha dito que havia uma Certa Coisa. A Certa Coisa era perigosa, antiga, indescritivelmente maligna. Podia te deixar Febril. *Cuidado*, disse a Mamãe. *Vem à noite. Vai fazer você pensar no mal que acontece em estacionamentos e bares de beira de estrada.*

Mas, embora fossem só nove e vinte da manhã, Carrie achou que a Certa Coisa tinha surgido para ela. Ela passou as mãos nos seios (almofadinhasuñas)

de novo, e a pele estava fresca, mas os mamilos estavam quentes e duros, e quando rodeou um, ela se sentiu fraca, se dissolvendo. Sim, aquilo era a Certa Coisa.

Sua calcinha estava manchada de sangue.

De repente, ela sentiu que poderia cair no choro, gritar ou arrancar a Certa Coisa do corpo inteiro para bater nela, esmagá-la, matá-la.

O absorvente que a srta. Desjardin tinha arrumado já estava encharcado e ela o trocou com cuidado, sabendo o quanto era horrível, o quanto *e/as* eram horríveis, o quanto as odiava e odiava a si mesma. Só a Mamãe era boa. A Mamãe tinha lutado com o Homem Sombrio e o tinha vencido. Carrie viu acontecer num sonho. A Mamãe o expulsou pela porta de entrada com uma vassoura, e o Homem Sombrio fugiu pela rua Carlin para a noite, os pés fendidos tirando fagulhas vermelhas do cimento.

Sua mamãe tinha arrancado a Certa Coisa de si mesma e era pura.

Carrie a odiava.

Ela teve um vislumbre do próprio rosto no espelhinho que tinha pendurado atrás da porta, um espelho vagabundo com uma moldura de plástico verde, bom só para pentear o cabelo.

Ela odiava seu rosto, sua expressão burra, estúpida, bovina, os olhos insípidos, as espinhas vermelhas e furiosas, os aglomerados de cravos. Ela odiava seu rosto mais do que tudo.

O reflexo foi partido de repente por uma rachadura irregular e prateada. O espelho caiu no chão e se estilhaçou aos seus pés, deixando só a moldura de plástico olhando para ela como um olho cego.

Do Dicionário Ogilvie de Fenômenos Psíquicos:

Telecinese é definida como a capacidade de mover objetos ou provocar mudanças em objetos pela força da mente. O fenômeno foi descrito de forma mais confiável em momentos de crise ou situações de estresse, quando automóveis foram levitados para

serem tirados de cima de corpos presos ou detritos tirados de prédios desabados etc.

O fenômeno costuma ser confundido com a obra de *poltergeists*, que são espíritos brincalhões. É preciso observar que poltergeists são seres astrais de realidade questionável, enquanto a telecinese é vista como uma função empírica da mente, possivelmente de natureza eletroquímica...

Quando eles terminaram de fazer amor, enquanto arrumava lentamente as roupas no banco de trás do Ford 1963 de Tommy Ross, Sue Snell percebeu seus pensamentos se voltando para Carrie White.

Era noite de sexta e Tommy (que estava olhando pensativo pela janela de trás com a calça ainda nos tornozelos; o efeito era cômico, mas estranhamente fofo) a tinha levado para jogar boliche. Isso, claro, era uma desculpa mutuamente aceita. Fornicação era o que estava na mente deles desde o começo.

Ela estava saindo de forma mais ou menos regular com Tommy desde outubro (eles estavam em maio) e eles eram amantes havia apenas duas semanas. Sete vezes, ela acrescentou. Aquela noite tinha sido a sétima. Não houve fanfarras tocando o hino nacional, mas tinha ficado um pouco melhor.

A primeira vez doeu demais. Suas amigas, Helen Shyres e Jeanne Gault, já tinham feito, e as duas garantiram que doía só por um minuto, tipo levar uma injeção de penicilina, e que depois só haveria um mar de rosas. Mas, para Sue, a primeira vez foi como ser arrombada com o cabo de uma enxada. Tommy confessou para ela depois, com um sorriso, que tinha colocado a camisinha errado.

Aquela noite era só a segunda em que ela tinha começado a sentir algo parecido com prazer, e bem na hora acabou. Tommy se segurou o máximo que conseguiu, mas, de repente... acabou. Pareceu muita esfregação para pouco calor.

Depois, ela se sentiu para baixo, melancólica, e seus pensamentos se voltaram para Carrie sob essa luz. Uma onda de remorso a pegou com toda a guarda emocional baixa, e quando Tommy se virou da vista da colina Brickyard, ela estava chorando.

— Ei — disse ele, alarmado. — Ah, ei. — Ele a abraçou, desajeitado.

— Está tudo bem — falou ela, ainda chorando. — Não foi você. Eu fiz uma coisa não muito legal hoje. Estava pensando nisso.

— O quê? — Ele bateu de leve na nuca dela.

Ela se viu contando a história do incidente daquela manhã, sem nem acreditar direito que era si mesma que estava ouvindo. Ao olhar a coisa com franqueza, ela se deu conta de que o motivo principal para ter deixado Tommy tê-la era porque estava

(apaixonada? gamada? não importava, o resultado era o mesmo)

por ele, e agora, se colocar naquela posição, participante de uma pegadinha horrível de vestiário, não era o melhor jeito de conquistar um cara. E Tommy, claro, era Popular. Como alguém que tinha sido Popular a vida toda, quase pareceu escrito que ela conheceria e se apaixonaria por alguém tão Popular quanto ela. Era quase certo que eles seriam escolhidos como Rei e Rainha do Baile de Primavera da escola, e a turma de terceiro ano já tinha votado neles como casal da turma para o anuário. Eles tinham se tornado uma estrela fixa no firmamento inconstante dos relacionamentos de ensino médio, os reconhecidos Romeu e Julieta. E ela soube com um ódio repentino

que havia um casal como eles em cada escola de ensino médio branca de subúrbio nos Estados Unidos.

E, agora que tinha o que sempre havia desejado, aquela sensação de pertencimento, de segurança, de status, ela percebeu que a inquietação andava junto como uma irmã mais sombria. Não era como ela tinha imaginado. Havia coisas sinistras rondando o círculo de luz calorosa deles. A ideia de que ela o tinha deixado trepar com ela

(você tem que falar assim sim desta vez tenho)

só porque ele era Popular, por exemplo. O fato de que eles combinavam andando, ou de que ela podia olhar para o reflexo deles numa vitrine de loja e pensar *Lá vai um casal bonito*. Ela tinha quase certeza

(ou esperança)

de que não era fraca, não tinha tanta tendência a cair docilmente nas expectativas complacentes de pais, amigos e até de si mesma. Mas agora havia aquela coisa do vestiário, da qual ela participou e agiu com euforia inebriante e selvagem. A palavra que ela estava evitando era o verbo *Sujeitar*, no infinitivo, e conjurava imagens infelizes de cabelo de rolinhos, longas tardes na frente da tábua de passar roupa vendo novela enquanto o maridinho saía para cortar um dobrado em um Escritório anônimo; de entrar para a Associação de Pais e Mestres e para o country clube quando a renda deles subisse para cinco dígitos; de pílulas em embalagens circulares sem rótulo para garantir que ela não sairia da numeração de solteira antes de se tornar absolutamente necessário e contra a invasão de pequenos estranhos repulsivos que cagam na fralda e choram de desespero às duas da madrugada; de lutar com decoro

desesperado para impedir os criolos de entrarem no Kleen Korners, lado a lado com Terri Smith (Miss Flor da Batata de 1975) e Vicki Jones (vice-presidente da Liga das Mulheres), armada com cartazes e abaixo-assinados e sorrisos doces e ligeiramente desesperados.

Carrie, foi a maldita Carrie, era culpa dela. Talvez antes daquele dia ela tivesse ouvido passos distantes andando em volta do local iluminado deles, mas, naquela noite, ao ouvir sua história sórdida e suja, ela viu a silhueta de todas aquelas coisas, e olhos amarelos que brilhavam como lanternas no escuro.

Ela já tinha comprado o vestido do baile. Era azul. Era lindo.

— Você tem razão — disse ele quando ela terminou. — Má notícia. Isso não é nem um pouco a sua cara.

O rosto dele estava sério e ela sentiu uma onda gelada de pavor. Mas ele sorriu, e ele tinha um sorriso lindo. As trevas diminuíram um pouco.

— Eu chutei um garoto nas costelas uma vez, quando ele estava apagado. Eu já te contei isso?

Ela fez que não.

— Pois é. — Ele esfregou o nariz lembrando, e sua bochecha deu uma tremida leve, do jeito como tinha acontecido quando ele confessou que botou a camisinha errado na primeira vez. — O nome do garoto era Danny Patrick. Ele me deu uma surra quando estávamos no sexto ano. Eu o odiava, mas também tinha medo. Eu fiquei esperando minha chance. Sabe como é?

Ela não sabia, mas assentiu mesmo assim.

— Ele acabou implicando com o garoto errado um ano depois, mais ou menos. Pete Taber. Era um garoto pequeno, mas cheio de músculos. Danny foi pra cima dele por causa de alguma coisa. Sei

lá, bolinhas de gude, qualquer coisa assim, e Peter acabou reagindo e deu uma surra nele. Isso foi no parquinho da antiga escola Kennedy. Danny caiu e bateu a cabeça e apagou. Todo mundo saiu correndo. A gente achou que ele podia estar morto. Eu também corri, mas primeiro dei um belo chute nas costelas dele. Me senti péssimo depois. Você vai pedir desculpas pra ela?

Sue foi pega desprevenida e só conseguiu fazer uma careta.

— Você pediu?

— Hã? Claro que não! Eu tinha coisas melhores a fazer do que perder tempo com isso. Mas tem uma diferença enorme, Susie.

— Tem?

— Nós não estamos mais no sétimo ano. E eu tive um motivo, mesmo que ridículo. O que aquela pobre coitada já fez para você?

Ela não respondeu porque não tinha como. Ela nunca tinha trocado mais de cem palavras com Carrie a vida toda, e umas trinta tinham sido naquele dia. Educação física era a única aula que elas tinham em comum desde que se formaram no fundamental II na Chamberlain. Carrie estava fazendo o curso técnico comercial de administração. Sue, claro, estava se preparando para a faculdade.

Ela se achou odiável de repente.

Ela não foi capaz de suportar e se virou para ele.

— Quando você começou a tomar tantas decisões morais? Depois que começou a me comer?

Ela viu o humor sumir do rosto dele e se arrependeu.

— Acho que eu devia ter ficado calado — disse ele, e vestiu a calça.

— Não é você, sou eu. — Ela botou a mão no braço dele. — Eu estou com vergonha, entende?

— Eu sei — disse ele. — Mas eu não devia estar dando conselho. Eu não sou bom nisso.

— Tommy, você tem horas que odeia ser tão... bom, Popular?

— Eu? — A pergunta gerou surpresa no rosto dele. — Você quer dizer tipo no futebol americano e sendo presidente de turma, essas coisas?

— É.

— Não. Não é muito importante. O ensino médio não é um lugar muito importante. Quando estamos nele, achamos que é, mas quando acaba ninguém acha que foi ótimo, a não ser que encha a cara de cerveja. É assim com o meu irmão e os amigos dele, pelo menos.

Isso não a tranquilizou. Só fez seus medos piorarem. A pequena Susie, uma mistura resultante da escola Ewen, Cupcake Chefe de toda a Brigada do Cupcake. O vestido de formatura guardado para sempre no armário, enrolado em plástico protetor.

A noite escura pressionou as janelas meio embaçadas do carro.

— Eu vou acabar trabalhando na concessionária do meu pai — disse ele. — Vou passar as noites de sexta e sábado no Uncle Billy ou no Cavalier tomando cerveja e conversando sobre a tarde de sábado em que peguei aquele arremesso do Saunders e nós irritamos a Dorchester. Vou me casar com uma mulher reclamona e vou sempre ter um carro com modelo do ano anterior, vou votar nos democratas...

— Para — disse ela, a boca cheia de repente de horror sombrio e doce. Ela o puxou para perto. — Faça amor comigo. Minha cabeça está péssima hoje. Faça amor comigo. Faça amor comigo.

Ele fez amor com ela e desta vez foi diferente, desta vez pareceu haver espaço e não houve esfregação cansativa, mas uma fricção deliciosa que só foi subindo: duas vezes ele precisou parar, ofegante, e se segurou, depois enfiou de novo

(ele era virgem antes de mim e admitiu e eu teria acreditado numa mentira)

e foi com tudo, e a respiração dela ficou curta e ofegante e ela começou a gemer e agarrar as costas dele, sem conseguir parar, suando, sem sentir mais o gosto ruim, cada célula parecendo ter seu próprio clímax, o corpo cheio de luz do sol, notas musicais na mente, borboletas atrás do crânio, na gaiola da mente.

Mais tarde, a caminho de casa, ele a perguntou formalmente se ela queria ir ao Baile de Primavera com ele. Ela disse que sim. Ele perguntou se ela tinha decidido o que fazer em relação a Carrie. Ela disse que não tinha. Ele disse que não fazia diferença, mas ela achava que fazia. Tinha começado a parecer que fazia toda a diferença.

De Telecinese: Análise e consequências (Science Yearbook, 1981), de Dean K. L. McGuffin:

Claro que ainda existem cientistas assim — infelizmente, o corpo científico da Universidade de Duke os lidera —, aqueles que rejeitam as incríveis implicações ocultas do caso Carrie White. Assim como a Sociedade Terraplanista, os Rosacruzes e os Corlies do Arizona, que têm certeza absoluta de que bombas atômicas não funcionam, esses infelizes não conseguem reconhecer a lógica nem

se ela voar na frente deles enquanto estão com a cabeça enfiada na areia; e peço perdão pela metáfora misturada.

Claro que é possível entender a consternação, as vozes erguidas, as cartas furiosas e as discussões em encontros científicos. A ideia da telecinese é difícil de engolir para a comunidade científica, com suas armadilhas de filme de terror de tabuleiros ouija e médiuns e mesas batendo e diademas voando; mas mesmo assim, entender não os isenta de responsabilidade científica.

O resultado do caso White levanta questões sérias e difíceis. Um terremoto abalou nossas noções ordenadas de como o mundo natural deveria agir e reagir. Você pode culpar até um físico renomado como Gerald Luponet por alegar que a coisa toda é mentira e fraude, mesmo perante provas tão gigantescas como as que a Comissão White apresentou? Pois, se Carrie White for verdade, o que dizer de Newton?...

Elas estavam na sala, Carrie e a Mamãe, ouvindo Tennessee Ernie Ford cantando “Let the Lower Lights Be Burning” em um toca-discos Webcor (que a Mamãe chamava de vitrola, ou, se estivesse de muito bom humor, de vit). Carrie estava em frente à máquina de costura, movendo os pés enquanto costurava as mangas de um vestido novo. A Mamãe estava embaixo do crucifixo de gesso, bordando frivolité e batendo o pé no ritmo da música, que era uma das favoritas dela. O sr. P. P. Bliss, que compôs aquele hino e outros que pareciam infinitos, era um dos exemplos favoritos da Mamãe de Deus trabalhando na face da Terra. Ele tinha sido marinheiro e pecador (dois termos que eram sinônimos no léxico da Mamãe), um grande blasfemador, uma risada na cara do Todo-Poderoso. Mas

uma grande tempestade surgiu no mar, o barco ameaçou virar, e o sr. P. P. Bliss caiu sobre os joelhos pecadores com uma visão do Inferno aberto embaixo do oceano para recebê-lo e orou para Deus. O sr. P. P. Bliss prometeu a Deus que, se Ele o salvasse, ele dedicaria o resto da vida a Ele. A tempestade, claro, acabou na mesma hora.

Raios da misericórdia do Pai brilham

Sempre no farol dele,

Mas a nós ele dá o cuidado

Das luzes na margem...

Todos os hinos do sr. P. P. Bliss tinham um toque marítimo.

O vestido que ela estava costurando era bem bonito, num tom vinho-escuro, o mais próximo que a Mamãe permitia de vermelho, com mangas bufantes. Ela tentou manter a mente apenas na costura, mas claro que os pensamentos vagaram.

A luz do teto era forte e cruel e amarela, o sofazinho poeirento de veludo estava vazio, claro (Carrie nunca tinha recebido um garoto para se sentar nele) e, na parede mais distante havia uma sombra gêmea: o Jesus crucificado e, abaixo Dele, a Mamãe.

A escola ligara para a Mamãe na lavanderia e ela voltara para casa ao meio-dia. Carrie a viu chegar pelo caminho e sua barriga tremeu.

Mamãe era uma mulher muito grande e sempre usava chapéu. Ultimamente, suas pernas tinham começado a inchar e seus pés sempre pareciam prestes a transbordar dos sapatos. Ela usava um casaco preto com gola de pele preta. Seus olhos eram azuis, aumentados atrás de óculos bifocais sem aro. Sempre carregava

uma bolsa preta grande e, dentro, a bolsinha de moedas, a carteira (ambas pretas), uma Bíblia King James grande (também preta) com o nome dela gravado na frente em dourado e uma pilha de panfletos presos com um elástico. Os panfletos costumavam ser em papel laranja, com a impressão borrada.

Carrie sabia vagamente que a Mamãe e o Papai Ralph haviam sido batistas em algum momento, mas abandonaram a igreja quando ficaram convencidos de que os batistas estavam fazendo o trabalho do Anticristo. Desde então, toda adoração tinha passado a acontecer em casa. A Mamãe fazia cultos aos domingos, terças e sextas. Eram chamados de Dias Sagrados. A Mamãe era a pastora, Carrie era a congregação. Os cultos duravam de duas a três horas.

A Mamãe tinha aberto a porta e entrado impassivelmente. Ela e Carrie se encararam pelo curto saguão de entrada como atiradores antes de um duelo. Foi um daqueles momentos breves que parecem (medo podia mesmo ser medo nos olhos da mamãe) durar bem mais em retrospecto.

A Mamãe fechou a porta.

— Você é mulher — disse ela baixinho.

Carrie sentiu o rosto se retorcendo e murchando e não conseguiu evitar.

— Por que a senhora não me *contou*? — gritou ela. — Ah, Mamãe, eu fiquei tão *assustada*! E as garotas debocharam e jogaram coisas e...

A Mamãe estava andando na direção dela, e agora a mão voou com velocidade repentina, uma mão dura, cheia de calos e musculosa. Acertou com as costas a mandíbula de Carrie, e ela caiu na passagem entre o saguão e a sala, chorando alto.

— E Deus fez Eva da costela de Adão — disse Mamãe. Seus olhos estavam muito grandes nos óculos sem aro; pareciam ovos pochê. Ela bateu em Carrie com a lateral do pé e Carrie gritou. — Levanta, mulher. Vamos entrar e orar. Vamos orar a Jesus por nossas almas femininas fracas, malignas e pecadoras.

— *Mamãe...*

Os soluços estavam fortes demais para que ela conseguisse dizer mais do que isso. A histeria latente havia escapado, sorrindo e balbuciando. Ela não conseguiu ficar de pé. Só conseguiu engatinhar até a sala com o cabelo caído na cara, soltando soluços roucos enormes. De vez em quando, Mamãe batia nela com o pé. Assim elas atravessaram a sala na direção do lugar onde ficava o altar, que antes tinha sido um quartinho.

— E Eva era fraca e... diga, mulher. Diga!

— Não, Mamãe, por favor, me ajude...

O pé a acertou. Carrie gritou.

— E Eva era fraca e soltou o corvo no mundo — continuou a Mamãe —, e o corvo se chamava Pecado, e o primeiro Pecado foi o Coito. E o Senhor visitou Eva com uma Maldição, e a Maldição era a Maldição do Sangue. E Adão e Eva foram expulsos do Jardim e jogados no Mundo e Eva descobriu que sua barriga crescia com uma criança dentro.

O pé tomou impulso e acertou o traseiro de Carrie. Seu nariz raspou no piso de madeira. Elas estavam entrando no local do altar. Havia uma cruz em uma mesa coberta por um pano de seda bordado. Dos dois lados da cruz havia velas brancas. Atrás disso havia vários Jesus e Apóstolos de pintar pelo número. E à direita ficava o pior lugar de todos, o lar do terror, a caverna onde toda a

esperança, toda a resistência à vontade de Deus (e da Mamãe) se extinguia. A porta do armário estava aberta. Dentro, embaixo de uma lâmpada azul horrenda que ficava sempre acesa, havia a concepção de Derrault do famoso sermão de Jonathan Edward. *Pecadores nas Mãos de um Deus Irado.*

— E houve a segunda Maldição, a Maldição do Parto, e Eva teve Caim em meio a suor e sangue.

Então Mamãe a arrastou, meio de pé e meio engatinhando, até o altar, onde as duas caíram de joelhos. Mamãe segurou o pulso de Carrie com força.

— E depois de Caim, Eva deu à luz Abel, por ainda não ter se arrependido do Pecado do Coito. E assim o Senhor visitou Eva com uma terceira Maldição, e essa foi a Maldição do Assassinato. Caim matou Abel com uma pedra. E, ainda assim, Eva não se arrependeu, assim como todas as filhas de Eva, e em Eva a Serpente Astuciosa encontrou um reino de prostituição e pestilências.

— *Mamãe!* — gritou ela. — Mamãe, escuta, por favor! *Não foi minha culpa!*

— Curve a cabeça — disse a Mamãe. — Vamos orar.

— *A senhora devia ter me contado!*

Mamãe bateu com a mão na nuca de Carrie, e atrás do gesto havia toda a musculatura pesada desenvolvida em onze anos carregando sacolas pesadas de lavanderia e empurrando pilhas de lençóis molhados. O rosto de olhos saltados de Carrie foi jogado para a frente e sua testa bateu no altar, deixando uma marca e fazendo as velas tremerem.

— Vamos orar — disse Mamãe de forma suave e implacável.

Chorando e fungando, Carrie curvou a cabeça. Um fio de catarro pendeu como um pêndulo do nariz e ela o limpou

(se eu ganhasse dez centavos para cada vez que ela me faz chorar aqui)

com as costas da mão.

— Ah, Senhor — declamou a Mamãe grandiosamente, a cabeça inclinada para trás —, ajude essa mulher pecadora ao meu lado a ver o pecado de seus dias e de seu modo de agir. Mostre a ela que, se ela tivesse ficado sem pecado, a Maldição do Sangue nunca teria acontecido com ela. Ela pode ter cometido o Pecado dos Pensamentos Luxuriosos. Ela pode ter ouvido rock'n'roll no rádio. Ela pode ter sido tentada pelo Anticristo. Mostre a ela que é a Sua mão gentil, vingativa trabalhando e...

— Não! Me solta!

Ela tentou se levantar, mas a mão da Mamãe, tão forte e impiedosa quanto uma algema de ferro, a forçou a ficar de joelhos.

— ... e Seu sinal de que ela deve andar o caminho reto e estreito a partir de agora se ela quiser evitar as dores chamejantes do Abismo Eterno. Amém.

Ela voltou os olhos cintilantes ampliados para a filha.

— Vá para o seu armário agora.

— Não! — Ela sentiu a respiração ficar densa de pavor.

— Vá para o seu armário. Ore em segredo. Peça perdão pelos seus pecados.

— Eu não pequei, Mamãe. *A senhora* pecou. A senhora não me contou e elas riram.

Novamente, ela pareceu ver um brilho de medo nos olhos de Mamãe, que sumiu tão rápida e silenciosamente quanto um

relâmpago de verão. Mamãe começou a forçar Carrie na direção do brilho azul do armário.

— Ore para Deus e talvez seus pecados sejam purificados.

— Mamãe, me solta.

— Ore, mulher.

— Eu vou fazer as pedras caírem de novo, Mamãe.

Mamãe parou.

Até a respiração dela pareceu parar na garganta por um momento. E uma de suas mãos se fechou no pescoço de Carrie, apertou, até a menina ver pontos vermelhos sinistros e sentir o cérebro ficar confuso e distante.

Os olhos ampliados da Mamãe dançaram na frente dela.

— Sua cria do diabo — sussurrou ela. — Por que fui tão amaldiçoada?

A mente em turbilhão de Carrie lutou para encontrar algo grande o suficiente para expressar sua agonia, vergonha, terror, ódio, medo. Parecia que sua vida toda tinha se estreitado para aquele ponto de rebelião infeliz e maltratado. Seus olhos saltaram loucamente, sua boca, cheia de saliva, se escancarou.

— *VOCÊ CHUPA!* — gritou ela.

A Mamãe chiou como um gato escaldado.

— Pecado! — gritou ela. — Oh, Pecado! — Ela começou a bater nas costas de Carrie, no pescoço, na cabeça. Carrie foi empurrada, desequilibrada, para o brilho azul do armário.

— *VOCÊ FODE!* — gritou Carrie.

(pronto pronto ah pronto saiu de que outra forma você acha que ela te teve ah deus ah que bom)

Ela foi empurrada para o armário de cabeça e bateu na parede e caiu no chão, meio atordoada. A porta bateu e a chave girou.

Ela estava sozinha com o Deus irado da Mamãe.

A luz azul refletia em uma gravura de um Javé enorme e barbudo enviando multidões de humanos aos gritos pelas profundezas enfumaçadas de um abismo de fogo. Abaixo, figuras pretas horríveis lutavam pelas chamas da perdição, enquanto o Homem Sombrio estava sentado em um trono enorme da cor de chamas com um tridente na mão. O corpo era de homem, mas ele tinha uma cauda com espinhos e cabeça de chacal.

Ela não ia ceder desta vez.

Mas é claro que cedeu. Levou seis horas, mas ela cedeu, começou a chorar e a gritar para Mamãe abrir a porta e a deixar sair. A necessidade de urinar estava terrível. O Homem Sombrio sorria para ela com a boca de chacal e seus olhos escarlate conheciam todos os segredos do sangue da mulher.

Uma hora depois que Carrie começou a chamar, Mamãe a deixou sair. Carrie correu como louca para o banheiro.

Só agora, três horas depois daquilo tudo, sentada com a cabeça curvada sobre a máquina de costura como uma penitente, ela se lembrou do medo nos olhos da Mamãe e achou que sabia o motivo.

Houve outras vezes em que a Mamãe a manteve no armário até por um dia inteiro — quando ela roubou aquele anel de quarenta e nove centavos da lojinha Shuber, quando ela encontrou aquela foto de Flash Bobby Pickett debaixo do travesseiro de Carrie — e Carrie uma vez até desmaiou por falta de comida e pelo cheiro de suas próprias fezes. E ela nunca tinha respondido como tinha acabado de

fazer. Naquele dia, ela até tinha dito a palavra com F. Mas Mamãe a deixou sair quase imediatamente quando ela cedeu.

Pronto. O vestido estava pronto. Ela tirou o pé do pedal e o segurou para olhar. Era comprido. E feio. Ela o odiou.

Ela sabia por que Mamãe a tinha deixado sair.

— Mamãe, posso ir para a cama?

— Pode — disse Mamãe sem afastar o olhar do frivolitê.

Ela dobrou o vestido sobre o braço. Olhou para a máquina de costura. De repente, o pedal se moveu sozinho. A agulha começou a subir e descer, captando a luz em brilhos metálicos. A bobina girou e pulou. A roda lateral girou.

Mamãe levantou a cabeça subitamente, os olhos arregalados. A matriz furadinha na borda do frivolitê, maravilhosamente intrincada e ao mesmo tempo precisa e regular, de repente se bagunçou.

— Só estou limpando a linha — disse Carrie baixinho.

— Vá para a cama — disse a Mamãe brevemente, e o medo surgiu de novo nos olhos.

— Sim,

(ela ficou com medo de eu arrancar a porta do armário das dobradiças)

Mamãe.

(e eu acho que eu conseguiria eu acho que eu conseguiria sim eu acho que eu conseguiria)

De *A explosão sombria* (p. 58):

Margaret White nasceu e cresceu em Motton, uma cidadezinha com fronteira com Chamberlain e que envia os estudantes para as

escolas de fundamental II e ensino médio de Chamberlain. Seus pais eram relativamente bem de vida; tinham um estabelecimento noturno próspero perto do limite da cidade de Motton chamado The Jolly Roadhouse. O pai de Margaret, John Brigham, foi morto em um tiroteio de bar no verão de 1959.

Margaret Brigham, que tinha quase trinta anos na época, começou a participar de grupos de oração fundamentalistas. Sua mãe tinha se envolvido com outro homem (Harold Alison, com quem se casou depois) e os dois queriam Margaret fora de casa. Ela acreditava que sua mãe, Judith, e Harold Alison estavam vivendo em pecado e manifestava suas opiniões com frequência. Judith Brigham imaginava que a filha fosse ser uma solteirona o resto da vida. Na elaboração mais pungente do futuro padrasto: “Margaret tinha a cara da parte traseira de um caminhão de combustível e um corpo que correspondia a isso”. Ele também se referia a ela como “jesusinho orando o tempo todo”.

Margaret se recusou a sair até 1960, quando conheceu Ralph White em um grupo de oração. Em setembro daquele ano, ela saiu da residência dos Brighams em Motton e se mudou para um apartamentinho no centro de Chamberlain.

O namoro entre Margaret Brigham e Ralph White terminou em casamento no dia 23 de março de 1962. No dia 3 de abril, Margaret foi admitida brevemente no Westover Doctors Hospital.

“Não, ela não quis nos contar qual era o problema”, disse Harold Alison. “Na única vez que fomos vê-la, ela nos disse que nós estávamos vivendo em adultério, apesar de estarmos casados, e que nós íamos para o inferno. Ela disse que Deus tinha colocado uma marca invisível nas nossas testas, mas que ela conseguia ver.

Agiu como um morcego maluco num galinheiro. A mãe dela tentou ser legal, tentou descobrir qual era o problema. Ela ficou histérica e começou a delirar sobre um anjo com uma espada que atravessaria estacionamentos de bares de beira de estrada e mataria os imorais. Nós fomos embora.”

Mas Judith Alison tinha uma ideia de qual podia ser o problema com a filha; ela achava que Margaret tinha sofrido um aborto espontâneo. Se isso for verdade, o bebê teria sido concebido antes do casamento. A confirmação disso lançaria uma luz interessante na personalidade da mãe de Carrie.

Em uma carta longa e meio histérica para a mãe com data de 19 de agosto de 1962, Margaret disse que ela e Ralph viviam sem pecado, sem “a Maldição do Coito”. Ela pediu que Harold e Judith fechassem seu “antro de imoralidade” e fizessem o mesmo. Margaret declara perto do fim da carta: “É o úneco [sic] jeito de você e Aquele Homem evitarem a Chuva de Sangue que vem por aí. Ralph e eu, como Maria e José, não vamos conhecer e nem poloir [sic] a carne um do outro. Se houver prole, que seja Divina”.

Claro que o calendário nos diz que Carrie foi concebida mais tarde, no mesmo ano...

As garotas se vestiram em silêncio para a aula de educação física no primeiro tempo de segunda-feira, sem brincadeiras nem assobios, e nenhuma delas ficou surpresa quando a srta. Desjardin abriu a porta do vestiário com vigor e entrou. O apito prateado estava pendurado entre os seios pequenos, e se o short era o mesmo que ela tinha usado na sexta, não havia sinal da marca de mão de sangue de Carrie.

As garotas continuaram se vestindo, taciturnas, sem olhar para ela.

— Vocês são o grupo que vai se formar, não é? — perguntou a srta. Desjardin baixinho. — Quando é? Em um mês? E o Baile de Primavera é até antes disso. A maioria de vocês já deve ter par e vestido, aposto. Sue, você vai com Tommy Ross. Helen com Roy Evarts. Chris, acho que possa escolher. Quem é o sortudo?

— Billy Nolan — disse Chris Hargensen, séria.

— Ora, que sorte a dele — comentou a srta. Desjardin. — O que você vai dar para ele de presente, Chris, um absorvente cheio de sangue? Que tal papel higiênico usado? Pelo que sei, essas coisas parecem ser a preferência de vocês ultimamente.

Chris ficou vermelha.

— Vou embora. Não tenho que ouvir isso.

Desjardin não tinha conseguido tirar a imagem de Carrie da cabeça o fim de semana todo, Carrie gritando, balbuciando, um absorvente molhado grudado nos pelos pubianos... e sua própria reação doente e furiosa.

E agora, quando Chris tentou passar por ela, ela esticou a mão e bateu a dela em uma fileira de armários verde-oliva amassados ao lado da porta. Chris arregalou os olhos com descrença e choque. E um tipo de fúria insana surgiu em seu rosto.

— Você não pode bater na gente! — gritou ela. — Você vai ser demitida por isso! Vamos ver se não vai, sua *piranha*!

As outras garotas fizeram caretas e inspiraram fundo e olharam para o chão. Estava fugindo de controle. Sue reparou com o canto do olho que Fern e Donna Thibodeau estavam de mãos dadas.

— Eu não ligo, Hargensen — disse Desjardin. — Se você ou alguma das suas amigas acha que estou usando meu chapéu de professora agora, vocês estão cometendo um erro horrível. Eu só quero que vocês saibam que vocês fizeram uma coisa escrota na sexta. Uma coisa muito escrota.

Chris Hargensen estava olhando para o chão com expressão de desprezo. O resto das garotas estava olhando com infelicidade para qualquer coisa, menos para a professora de educação física. Sue se viu olhando para o chuveiro, a cena do crime, e desviou o olhar para outro lugar. Nenhuma delas tinha ouvido uma professora falar que elas fizeram uma coisa escrota.

— Alguma de vocês parou pra pensar no que Carrie White estava sentindo? Na verdade, vocês *sequer* pensam em *algum* momento? Sue? Fern? Helen? Jessica? Alguma de vocês? Vocês acham ela feia. Bom, vocês são feias de verdade. Eu vi na sexta de manhã.

Chris Hargensen estava murmurando que o pai era advogado.

— *Cala a boca!* — gritou Desjardin na cara dela.

Chris se encolheu tão subitamente que bateu nos armários que estavam atrás. Ela começou a choramingar e esfregar a cabeça.

— Mais um comentário seu — disse Desjardin baixinho — e eu vou te jogar lá do outro lado do vestiário. Quer descobrir se eu estou falando a verdade?

Chris, que parecia ter decidido que estava falando com uma louca, não disse nada.

Desjardin apoiou as mãos nos quadris.

— A diretoria decidiu por uma punição pra vocês. Não a *minha* punição, lamento dizer. Minha ideia era suspensão de três dias e corte das suas entradas para o baile.

Várias garotas se olharam e murmuraram com infelicidade.

— Isso teria acertado onde dói — continuou Desjardin. — Infelizmente, a administração da Ewen é toda de homens. Eu acho que eles não têm uma concepção real do quanto o que vocês fizeram foi horrível. Então, detenção de uma semana.

Suspiros espontâneos de alívio.

— Mas vai ser detenção *minha*. No ginásio. E eu vou arrancar o couro de vocês.

— Eu não venho — disse Chris. Os lábios dela estavam apertados sobre os dentes.

— Você é quem sabe, Chris. É decisão de vocês. Mas a punição por faltar à detenção vai ser três dias de suspensão e corte das entradas para o baile. Entenderam?

Ninguém disse nada.

— Então, tá. Troquem de roupa. E pensem no que eu falei.

Ela saiu.

O silêncio reinou por um momento longo e trêmulo. E Chris Hargensen disse com estridência histérica:

— Ela não pode fazer isso! — Ela abriu uma porta aleatoriamente, puxou um par de tênis e jogou do outro lado do vestiário. — Eu vou ferrar com essa mulher! Porra! Porra! Você vai ver se não! Se nós ficarmos unidas, nós podemos...

— Cala a boca, Chris — disse Sue, e ficou chocada de ouvir uma inércia morta e adulta na própria voz. — Só cala a boca.

— Isso não acabou — disse Chris Hargensen, abrindo o zíper da saia com um movimento brusco e pegando o short de educação física desfiado de um jeito artístico. — Isso não acabou mesmo.

E ela estava certa.

De *A explosão sombria* (pp. 60-1):

Na opinião deste pesquisador, muitas das pessoas que pesquisaram a questão Carrie White — para periódicos científicos ou para a imprensa popular — deram uma ênfase errônea em uma busca relativamente infrutífera por incidentes de telecinese na infância da garota. Fazendo uma analogia grosseira, é como passar anos pesquisando os incidentes iniciais de masturbação na infância de um estuprador.

O incidente espetacular das pedras serve como uma espécie de evidência falsa a esse respeito. Muitos pesquisadores adotaram a crença errônea de que onde houve um incidente deve haver outros. Usando outra analogia, é como enviar um grupo de observadores de meteoros para o Parque Nacional Crater porque um asteroide enorme caiu lá dois milhões de anos atrás.

Até onde eu sei, não há outras instâncias registradas de TC na infância de Carrie. Se Carrie não fosse filha única, nós talvez tivéssemos ouvido pelo menos relatos de dezenas de outras ocorrências menores.

No caso de Andrea Kolintz (ver história completa no Apêndice II), sabemos que, depois de uma surra por ter subido no telhado, “o armário do banheiro se abriu, frascos de remédios caíram no chão ou pareceram voar pelo banheiro, portas se abriram e bateram, e, no clímax da manifestação, um gabinete de aparelho de som de 135 quilos virou e os discos voaram pela sala toda, atacando os ocupantes e se quebrando nas paredes”.

Com efeito, esse relato é de um dos irmãos de Andrea, como citado na edição de 4 de setembro de 1955 da revista *Life*. A *Life* não é a fonte mais acadêmica ou impecável, mas há muitos outros

documentos, e acho que a ideia de testemunho familiar está explicada.

No caso de Carrie White, a única testemunha de qualquer possível prólogo para os eventos finais era Margaret White, e ela, claro, está morta.

Henry Grayle, diretor da Escola Ewen de Ensino Médio, esperou por ele a semana toda, mas o pai de Chris Hargensen só apareceu na sexta-feira, um dia depois de Chris ter faltado à detenção com a formidável srta. Desjardin.

— Sim, srta. Fish? — Ele falou formalmente no interfone, embora pudesse ver pela janela o homem na recepção e conhecesse o rosto dele de fotos no jornal da cidade.

— John Hargensen para falar com o senhor, sr. Grayle.

— Mande-o entrar, por favor. — *Droga, Fish, você precisa parecer tão impressionada?*

Grayle era um inveterado entortador de clipes, rasgador de guardanapos, dobrador de cantos de folhas. Para John Hargensen, um dos principais advogados da cidade, ele estava com munição pesada: uma caixa inteira de clipes grandes no meio de seu mata-borrão.

Hargensen era um homem alto e impressionante com um jeito confiante de andar e o tipo de feições seguras e flexíveis que dizia que aquele era um homem hábil no jogo de estar um passo à frente na interação social.

Ele estava usando um terno marrom Savile Row com brilhos verdes e dourados sutis na trama que deixava o terno de loja de departamento de Grayle no chinelo. A pasta era fina e de couro de

verdade, com acabamento de aço inoxidável reluzente. O sorriso era impecável e cheio de dentes com jaquetas, um sorriso para derreter os corações das mulheres no júri como se fossem manteiga numa frigideira quente. O aperto era de alto nível: firme, caloroso, longo.

— Sr. Grayle, já tem um tempo que eu queria conhecê-lo.

— Eu sempre fico feliz de ver pais interessados — disse Grayle com um sorriso seco. — É por isso que fazemos o evento de Portas Abertas para os Pais em outubro.

— Claro. — Hargensen sorriu. — Imagino que você seja um homem ocupado e eu tenho que estar no fórum em quarenta e cinco minutos. Vamos direto ao ponto?

— Claro. — Grayle enfiou a mão na caixa de cliques e começou a destruir o primeiro. — Desconfio que você tenha vindo por causa da ação disciplinar tomada contra sua filha Christine. Devo informá-lo que a política da escola sobre a questão foi determinada. Como um homem preocupado com o funcionamento da justiça, você deve saber que distorcer as regras não é possível nem...

Hargensen balançou a mão com impaciência.

— Ao que parece, você está elaborando a partir de um engano, sr. Grayle. Eu vim aqui porque minha filha foi maltratada pela sua professora de educação física, a srta. Rhoda Desjardin. E sofreu abuso verbal, infelizmente. Acredito que o termo que sua srta. Desjardin tenha usado em relação à minha filha tenha sido “escrota”.

Grayle suspirou em pensamento.

— A srta. Desjardin foi repreendida.

O sorriso de John Hargensen esfriou quinze graus.

— Infelizmente, uma repreensão não será suficiente. Acredito que esse seja o primeiro ano da jovem, ah, senhora como professora?

— Sim. Nós achamos o desempenho dela eminentemente satisfatório.

— Ao que parece, sua definição de eminentemente satisfatório inclui jogar alunas em armários e a capacidade de xingar como um marinheiro?

Grayle se defendeu.

— Como advogado, você deve estar ciente de que este estado reconhece o título da escola como *in loco parentis*. Junto com responsabilidade total, nós temos total direito parental durante o horário escolar. Se você não estiver familiarizado, eu aconselharia que você verificasse *Distrito Escolar Monondock Consolidated contra Cranepool* ou...

— Eu estou familiarizado com o conceito — disse Hargensen. — Também estou ciente de que nem o caso Cranepool que seus administradores gostam tanto de citar nem o caso Frick cobrem nada remotamente relacionado a abuso físico ou verbal. Mas há o caso de *Distrito Escolar no 4 contra David*. Você está familiarizado?

Grayle estava. George Kramer, o diretor-assistente da escola de ensino médio no DE 4 era seu companheiro de pôquer. George não jogava mais pôquer com frequência. Ele estava trabalhando numa companhia de seguros depois de decidir que ia cortar o cabelo de um aluno. O distrito escolar pagou sete mil dólares em danos, ou cerca de mil dólares por tesourada.

Grayle começou a amassar outro clipe.

— Não vamos citar casos um para o outro, sr. Grayle, nós somos homens ocupados. Eu não quero muitos aborrecimentos. Não quero

confusão. Minha filha está em casa e vai ficar lá na segunda e na terça-feira. Isso vai completar a suspensão de três dias dela. Tudo bem. — Outro movimento com a mão.

(pega, fido, bom menino, toma um osso gostoso)

— O que *eu* quero é o seguinte — continuou Hargensen. — Um, entradas para a minha filha ir ao baile. O baile de terceiro ano de uma garota é importante e Chris está muito consternada. Dois, nada de renovação de contrato para a tal Desjardin. Isso é pra mim. Eu acredito que, se levasse o Departamento Escolar ao tribunal, eu poderia sair com a demissão dela e um acordo polpudo por danos no bolso. Mas eu não quero ser vingativo.

— Então a alternativa é o tribunal se eu não aceitar suas exigências?

— Eu sei que uma audiência do Comitê Escolar viria antes, mas só como formalidade. Mas, sim, o tribunal seria o resultado final. Péssimo pra você.

Outro clipe de papel.

— Por abuso físico e verbal, correto?

— Essencialmente.

— Sr. Hargensen, você está ciente de que a sua filha e umas dez colegas jogaram absorventes em uma garota que estava tendo o primeiro ciclo menstrual? Uma garota que achava que estava morrendo de hemorragia?

Hargensen franziu ligeiramente a testa, como se alguém tivesse falado numa sala distante.

— Não acho que essa alegação seja a questão. Estou falando de ações depois...

— Deixa pra lá — disse Grayle. — Deixa o que você estava dizendo pra lá. Essa garota, Carietta White, foi chamada de “pudim burro” e ouviu que era pra “enfiar uma rolha” e foi sujeitada a vários gestos obscenos. Ela não veio à escola esta semana. Isso parece abuso físico e verbal pra você? Pra mim, parece.

— Eu não pretendo — disse Hargensen — ficar parado aqui ouvindo essas meias-verdades ou seu sermão padrão de diretor, sr. Grayle. Eu conheço minha filha muito bem...

— Aqui. — Grayle enfiou a mão na cesta de ENTRADA ao lado do mata-borrão e tirou uma pilha de cartões rosa que jogou em cima da mesa. — Duvido muito que você conheça a filha representada nestes cartões tão bem quanto imagina. Se conhecesse, talvez soubesse que estava mais do que na hora de dar uma bela bronca nela. Está mais do que na hora de você dar um jeito nela, antes que alguém faça coisa pior.

— Você não está...

— Ewen, quatro anos — disse Grayle acima dele. — A formatura marcada para junho de 1979, mês que vem. QI de 140. Média de 83. Ainda assim, sei que ela foi aceita em Oberlin. Eu diria que alguém, provavelmente você, sr. Hargensen, andou mexendo uns pauzinhos bem compridos. Setenta e quatro detenções. *Vinte* delas por assédio a alunos desajustados, devo acrescentar. Pelo que sei, o grupo de Chris se chama Mortimers Snerds. Elas acham hilário. Ela faltou a cinquenta e uma dessas detenções. Na Escola Chamberlain de Ensino Fundamental II, uma suspensão por botar uma bombinha no sapato de uma garota... A anotação no cartão diz que a pegadinha quase custou dois dedos do pé de uma garota chamada

Irma Swope. A garota tem lábio leporino, pelo que eu sei. Estou falando sobre a sua *filha*, sr. Hargensen. Isso te diz alguma coisa?

— Sim — disse Hargensen, se levantando. Um rubor leve tinha tomado conta das feições dele. — Diz que nos veremos no tribunal. E quando eu acabar com você, você vai ter sorte se conseguir um emprego vendendo enciclopédias de porta em porta.

Grayle também se levantou, furioso, e os dois homens se encararam sobre a mesa.

— Que seja no tribunal, então — disse Grayle.

Ele reparou numa rápida expressão de surpresa no rosto de Hargensen, cruzou os dedos e foi com tudo para o que esperava que fosse um nocaute... ou ao menos um nocaute técnico que salvasse o emprego de Desjardin e baixasse a bola daquele filho da puta arrogante.

— Aparentemente, você não se deu conta de todas as implicações de *in loco parentis* nessa questão, sr. Hargensen. O mesmo guarda-chuva que cobre a sua filha também cobre Carrie White. E assim que você fizer queixa de danos alegando abuso físico e verbal, nós vamos abrir contra a sua filha com a mesma alegação em nome de Carrie White.

Hargensen abriu a boca e voltou a fechá-la.

— Você não pode se safar com artimanhas baratas como essa, seu...

— Advogado antiético? É essa expressão que você procura? — Grayle abriu um sorriso sombrio. — Acredito que você saiba o caminho de saída, sr. Hargensen. As sanções contra a sua filha continuam valendo. Se você quiser levar a questão adiante, é direito seu.

Hargensen atravessou a sala rigidamente, parou como se fosse acrescentar uma coisa e saiu, se segurando por pouco da satisfação de bater a porta.

Grayle soltou o ar. Não era difícil ver de onde vinha a teimosia de Chris Hargensen.

A. P. Morton entrou um minuto depois.

— Como foi?

— O tempo dirá, Morty — disse Grayle. Ele fez uma careta e olhou para a pilha de cliques retorcidos. — Ele durou sete cliques. É um recorde.

— Ele vai abrir um processo civil?

— Não sei. Ele ficou abalado quando falei em processar também.

— Aposto que sim. — Morton olhou para o telefone na mesa de Grayle. — Está na hora de contarmos ao superintendente sobre essa pilha de lixo, não está?

— Está — disse Grayle, pegando o telefone. — Graças a Deus meu seguro-desemprego está em dia.

— O meu também — disse Morton com lealdade.

De *A explosão sombria* (Apêndice III):

Carrie White entregou o seguinte poema como dever de poesia no sétimo ano. O sr. Edwin King, que era professor de Carrie no sétimo ano, diz: “Não sei por que eu guardei. Ela não se destaca na minha mente como uma aluna acima da média e esse poema não é acima da média. Ela era muito calada e não consigo me lembrar de ela ter levantado a mão nenhuma vez na aula. Mas alguma coisa nisso pareceu se destacar”.

Jesus olha da parede.

Mas com o rosto frio como pedra.

E se ele me ama — como ela diz que ama

Por que eu me sinto tão sozinha?

A borda do papel no qual o poema está escrito é decorada com muitas figuras cruciformes que quase parecem dançar...

Tommy estava no treino de beisebol na tarde de segunda e Sue foi até o Kelly Companhia das Frutas, no centro, para esperá-lo.

O Kelly era a coisa mais próxima de um local frequentado pelo ensino médio que a comunidade de Chamberlain podia alegar ter desde que o xerife Doyle fechou o centro recreativo depois de uma grande apreensão de drogas. Era de um homem gordo e moroso chamado Hubert Kelly, que tingia o cabelo de preto e reclamava constantemente que o marcapasso eletrônico estava quase o eletrocutando.

O local era uma combinação de mercado, lanchonete e posto de gasolina; havia uma bomba Jenny enferrujada na frente que Hubie nunca se deu ao trabalho de mudar quando houve a fusão da empresa. Ele também vendia cerveja, vinho barato, livros imorais e uma grande variedade de cigarros obscuros, como Murad, King Sano e Marvel Straight.

A máquina de refrigerantes era uma placa de mármore de verdade e havia quatro ou cinco mesas estilo compartimento na parede para quem fosse azarado ou sem amigos e não tivesse para onde ir encher a cara ou fumar um baseado. Uma máquina antiga

de pinball que sempre dava tilte na terceira bola piscava nos fundos ao lado de uma estante de livros imorais.

Quando Sue entrou, ela viu Chris Hargensen na mesma hora. Ela estava sentada em uma das mesas dos fundos. Seu namorado da vez, Billy Nolan, estava olhando a edição mais nova da revista *Popular Mechanix* na estante de revistas. Sue não sabia o que uma garota rica e Popular como Chris via em Nolan, que parecia um estranho viajante do tempo dos anos 1950, com o cabelo com brilhantina, a jaqueta de couro cheia de zíperes e o Chevrolet com cano de descarga barulhento.

— Sue! — chamou Chris. — Vem cá!

Sue assentiu e levantou a mão, embora o desprazer tenha subido nela como uma cobra de papel. Olhar para Chris era como olhar por uma porta torta para um lugar onde Carrie White estava agachada, com as mãos na cabeça. Previsivelmente, ela achou sua própria hipocrisia (inerente no aceno e no movimento de cabeça) incompreensível e nauseante. Por que não podia simplesmente parar de falar com ela?

— Uma gengibirra — disse ela para Hubie.

Ele tinha gengibirra de torneira de verdade e servia em canecas enormes e geladas estilo anos 1890. Ela esperava degustar uma enquanto lia um livro e esperava Tommy; apesar do mal que a bebida fazia para sua pele, ela estava viciada. Mas não ficou surpresa de descobrir que tinha perdido a vontade.

— Como está seu coração, Hubie? — perguntou ela.

— Vocês, crianças — disse Hubie, raspando a espuma da bebida de Sue com uma faca e enchendo o restante da caneca. — Vocês não entendem nada. Eu botei o barbeador elétrico na tomada hoje

de manhã e recebi 110 volts direto no marca-passo. Vocês não sabem como é, né?

— Acho que não.

— Não, e que Jesus Cristo não permita que vocês descubram. Quanto tempo meu aparelhinho aguenta? Vocês vão descobrir quando eu comprar a fazenda e uns investidores urbanos transformarem isto aqui num estacionamento. São dez centavos.

Ela empurrou a moeda pelo mármore.

— Cinquenta milhões de volts pelos canos velhos — disse Hubie sombriamente e olhou para o pequeno volume no bolso da camisa.

Ela foi até lá e se sentou com cuidado no lugar vazio à mesa de Chris. Ela estava excepcionalmente bonita, o cabelo preto preso por uma faixa verde da cor de um trevo e com uma blusa apertada que acentuava os seios firmes e empinados.

— Como você está, Chris?

— Bem pra caralho — disse Chris com alegria demais. — Você ficou sabendo? Não vou ao baile. Mas aposto que aquele viadinho do Grayle vai perder o emprego.

Sue *tinha* ouvido. Assim como todo mundo na Ewen.

— Meu pai vai processar a escola — disse Chris. Por cima do ombro: — *Billeeee!* Vem aqui dar oi pra Sue.

Ele largou a revista e se aproximou, os polegares enfiados no cinto preso de lado, o dedos pendendo inertes na direção da virilha volumosa da calça jeans com rebites. Sue sentiu uma onda de irreabilidade tomar conta dela e lutou contra uma vontade de botar as mãos no rosto e rir sem controle.

— Oi, Suze — disse Billy. Ele se sentou ao lado de Chris e começou a massagear o ombro dela. O rosto estava desprovido de

expressão. Ele poderia estar apertando um pedaço de carne qualquer para conferir se estava fresco.

— Acho que vamos invadir o baile mesmo assim — disse Chris.
— Como protesto, sei lá.

— É mesmo? — Sue ficou verdadeiramente sobressaltada.

— Não — respondeu Chris, deixando a ideia de lado. — Não sei.
— O rosto dela se contorceu de repente em uma expressão de fúria, tão abrupta e surpreendente quanto um tornado. — Aquela maldita Carrie White! Eu queria que ela enfiasse aquela coisa religiosa toda no cu!

— Você vai superar — disse Sue.

— Se ao menos o resto de vocês tivesse saído comigo... Meu Deus, Sue, por que você não saiu? Nós poderíamos estar com eles comendo na nossa mão. Eu nunca achei que você fosse um peãozinho dos controladores.

Sue sentiu o rosto ficar quente.

— Não posso falar sobre as outras, mas eu não fui peão de ninguém. Eu aceitei a punição porque achei que mereci. Nós fizemos uma coisa babaca. Fim de papo.

— Baboseira. A porra da Carrie sai por aí dizendo que todo mundo menos ela e aquela mãe banhada de ouro vão para o inferno e você fica do lado dela? A gente devia ter enfiado aqueles absorventes na goela dela.

— Claro. A gente se vê, Chris. — Ela saiu da mesa.

Desta vez, foi Chris quem ficou vermelha; o sangue subiu ao rosto dela em uma onda repentina, como se uma nuvem vermelha estivesse cobrindo algum tipo de um sol interior.

— Você não vai bancar a Joana d’Arc aqui! Eu me lembro muito bem que você estava lá, jogando coisas nela com a gente.

— Estava — disse Sue, tremendo. — Mas eu parei.

— Ah, que *pérola* — disse Chris, maravilhada. — Minha *nossa*. Pega seu refrigerante. Tenho medo de tocar nele e virar ouro.

Ela não pegou o refrigerante. Ela se virou e meio andou, meio tropeçou para fora. O incômodo dentro dela era enorme, grande demais para lágrimas ou raiva. Ela era uma garota pacífica e aquela era a primeira briga que ela tinha, física ou verbal, desde os puxões de marias-chiquinhas no jardim. E era a primeira vez na vida que ela adotava um Princípio.

E, claro, Chris a acertou no ponto certo, exatamente onde ela era mais vulnerável: ela *estava* sendo hipócrita, parecia não haver como evitar isso, e, no fundo, guardado dentro dela, odiosa, estava a informação de que um dos motivos para ela ter ido fazer uma hora de ginástica e corrida no ginásio com a srta. Desjardin não tinha nada a ver com nobreza. Ela não ia perder o último Baile de Primavera por nada. Por *nada*.

Tommy não estava por ali.

Ela começou a andar para a escola, o estômago embrulhado e infeliz, a Pequena Miss Sororidade, Suzie Creamcheese, a garota boazinha que só faz com o garoto com quem planeja se casar... com a cobertura do suplemento dominical, claro. Dois filhos. Que levariam uma surra se dessem qualquer sinal de honestidade; transar, brigar ou se recusar a sorrir cada vez que algum figurão mandasse.

O Baile da Primavera. Um vestido azul. Uma flor para o pulso guardada a tarde toda na geladeira. Tommy de fraque branco, faixa

na cintura, calça preta, sapatos pretos. Os pais tirando fotos posadas ao lado do sofá da sala com flashes Kodak Star e câmeras Polaroid. Papel crepom escondendo as vigas de metal do ginásio. Duas bandas: uma de rock, uma de música lenta. Sem ninguém de vela. Mortimer Snerds, fiquem de fora. Só tem lugar para aspirantes do country clube e futuros residentes de Kleen Korner.

As lágrimas finalmente chegaram e ela começou a correr.

De *A explosão sombria* (p. 60):

O trecho a seguir é de uma carta de Christine Hargensen para Donna Kellogg. A menina Kellogg se mudou de Chamberlain para Providence, Rhode Island, no outono de 1978. Ela era uma das poucas amigas íntimas e confidentes de Chris Hargensen. A carta estava carimbada com a data de 17 de maio de 1979.

“Então, estou expulsa do Baile e meu pai covarde diz que não vai dar a eles o que eles merecem. Mas eles não vão se safar. Não sei exatamente o que vou fazer ainda, mas garanto a você que todo mundo vai ter uma surpresa do caralho...”

Era dia 17. Dezesete de maio. Ela riscou o dia no calendário do quarto assim que vestiu a camisola branca comprida. Ela riscava cada dia que passava com uma caneta preta hidrocor grossa e achava que isso demonstrava uma atitude muito ruim com a vida. Ela não se importava. A única coisa com que se importava era saber que a Mamãe a obrigaria a voltar à escola no dia seguinte e que ela teria que encarar Todos Eles.

Ela se sentou na cadeira de balanço (comprada com o dinheiro dela) ao lado da janela, fechou os olhos e tirou da mente Eles e toda

a confusão dos seus pensamentos conscientes. Era como varrer o chão. Levantar o tapete do subconsciente e varrer toda a sujeira para baixo. Adeus.

Ela abriu os olhos. Olhou para a escova de cabelo na escrivaninha.

Flexiona.

Ela estava erguendo a escova. Era pesada. Era como levantar um halter com braços muito fracos. Ah. Ugh.

A escova escorregou até a borda da escrivaninha, passou do ponto em que a gravidade deveria tê-la feito cair e ficou pendurada, como se por um fio invisível. Os olhos de Carrie estavam bem apertados. Veias pulsavam nas têmporas. Um médico talvez se interessasse no que o corpo estava fazendo naquele instante; não fazia sentido racional. A respiração tinha caído a sessenta inspirações por minuto. A pressão arterial tinha subido para 190/100. Os batimentos para 140, mais alto do que astronautas em decolagens. A temperatura tinha caído para 34,5 graus. O corpo estava queimando energia que parecia estar vindo do nada e parecia estar indo para o nada. Um eletroencefalograma teria mostrado ondas alfa que não eram mais ondas, mas picos grandes e irregulares.

Ela baixou a escova com cuidado. Ótimo. Na noite anterior, ela a tinha deixado cair. Quem perder todos os pontos vai para a prisão.

Ela fechou os olhos e se balançou. Suas funções fisiológicas começaram a voltar ao normal; a respiração acelerou até ela estar quase ofegante. A cadeira de balanço estava gemendo um pouco. Mas não era irritante. Era tranquilizador. Balança, balança. Alivia a mente.

— Carrie? — A voz da mãe, meio perturbada, chegou a ela.

(ela está captando interferência como o rádio quando ligamos o liquidificador ótimo ótimo)

— Você fez suas orações, Carrie?

— Estou fazendo — respondeu ela.

Sim. Ela estava fazendo mesmo.

Ela olhou para a caminha.

Flexiona.

Um peso tremendo. Enorme. Insuportável.

A cama tremeu e então a ponta subiu uns oito centímetros.

Caiu com um estrondo. Ela esperou, um sorrisinho brincando nos lábios, que Mamãe gritasse com raiva. Ela não fez nada. Carrie se levantou, foi para a cama e se deitou no lençol fresco. Sua cabeça estava doendo e ela estava se sentindo eufórica, como sempre ficava depois dessas sessões de exercícios. Seu coração estava disparado de um jeito feroz, assustador.

Ela esticou a mão, apagou a luz e se deitou. Sem travesseiro. A Mamãe não permitia travesseiro.

Ela pensou em diabretes e famílias e bruxas

(eu sou uma bruxa mamãe a puta do diabo)

Cavalgando pela noite, azedando leite, virando potes de manteiga, arruinando plantações enquanto Eles se encolhiam dentro de casa com sinais de proteção entalhados nas portas.

Ela fechou os olhos, dormiu e sonhou com pedras enormes e vivas caindo na noite, procurando a Mamãe, procurando Eles. Eles estavam tentando fugir, tentando se esconder, mas a pedra não Os esconderia; a árvore morta não ofereceria abrigo.

De *Meu nome é Susan Snell*, de Susan Snell (Nova York: Simon & Schuster, 1986), pp. i-iv:

Tem uma coisa que ninguém entendeu ainda sobre o que aconteceu em Chamberlain na noite do Baile. A imprensa não entendeu, os cientistas da Universidade de Duke não entenderam, David Congress não entendeu — se bem que o *A explosão sombria* que ele escreveu deve ser o único livro razoável escrito sobre o assunto — e certamente a Comissão White, que me usou como um útil bode expiatório, não entendeu.

Essa coisa é o fato mais fundamental: nós éramos adolescentes.

Carrie tinha dezessete anos, Chris Hargensen tinha dezessete anos, eu tinha dezessete anos, Tommy Ross tinha dezoito anos, Billy Nolan (que tinha repetido o nono ano, provavelmente antes de aprender a colar nas provas) tinha dezenove...

Adolescentes mais velhos reagem de formas mais aceitáveis socialmente do que os mais novos, mas eles ainda têm uma peculiaridade para tomar decisões, reagir com exagero ou subestimar as coisas.

Na primeira parte depois desta introdução, vou mostrar essas tendências da melhor forma que conseguir. Mas a questão que vou discutir está no cerne do meu envolvimento na Noite do Baile, e se eu quiser limpar meu nome, preciso começar lembrando cenas que acho particularmente dolorosas...

Eu já contei essa história, mais notoriamente para a Comissão White, que a recebeu com incredulidade. Depois de duzentas mortes e da destruição de uma cidade inteira, é fácil demais esquecer uma coisa: nós éramos adolescentes. Nós éramos

adolescentes. Nós éramos adolescentes tentando dar o nosso melhor...

— Você só pode estar maluca.

Ele olhou para ela sem querer acreditar que tinha ouvido aquilo. Eles estavam na casa dele e a televisão estava ligada, mas esquecida. A mãe dele tinha ido visitar a sra. Klein, do outro lado da rua. O pai estava na oficina do porão fazendo uma casinha de pássaros.

Sue pareceu incomodada, mas determinada.

— É como eu quero, Tommy.

— Bom, não é como eu quero. Acho que é a coisa mais maluca que eu já ouvi. Tipo uma dessas coisas que você faz quando perde uma aposta.

O rosto dela se contraiu.

— Ah, é? Eu achei que quem tinha ficado fazendo discursos pomposos outro dia tinha sido você. Mas parece que é “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”...

— Espera, opa. — Ele não estava ofendido, estava sorrindo. — Eu não falei que não, falei? Ainda não, pelo menos.

— Você...

— Espera. Só espera. Me deixa falar. Você quer que eu convide Carrie White para o Baile de Primavera. Tudo bem, eu entendi isso. Mas tem umas coisinhas que eu não entendi.

— Pode falar. — Ela se inclinou para a frente.

— Primeiro, que bem faria? E segundo, o que te faz pensar que ela diria sim se eu convidasse?

— Não diria sim? Por quê... — Ela gaguejou. — Você... todo mundo gosta de você e...

— Nós dois sabemos que Carrie não tem motivo para gostar das pessoas de quem todo mundo gosta.

— Ela iria com você.

— Por quê?

Pressionada, ela pareceu desafiadora e orgulhosa ao mesmo tempo.

— Eu vi como ela te olha. Ela é a fim de você. Como metade das garotas de Ewen.

Ele revirou os olhos.

— Bom, eu só estou dizendo — disse Sue na defensiva. — Ela não vai conseguir dizer não.

— Vamos supor que eu acredite — disse ele. — E a outra coisa?

— Você quer dizer de que vai adiantar? Ora... vai tirá-la do casulo, claro. Vai torná-la... — Ela parou de falar.

— Parte das coisas? Para com isso, Suze. Você não acredita nessa baboseira.

— Tudo bem — disse ela. — Talvez não acredite. Mas eu ainda acho que tem algo que preciso compensar.

— O vestiário?

— Bem mais do que isso. Talvez, se fosse só isso, eu pudesse deixar pra lá, mas as brincadeiras cruéis acontecem desde que éramos pequenas. Eu participei de algumas. Se eu estivesse no grupo da Chris, sei que teria participado bem mais. Parecia... ah, uma grande piada. As garotas podem ser muito cruéis nesse tipo de coisa e os garotos não entendem. Os garotos pegavam um pouco no pé da Carrie e depois esqueciam, mas as garotas... não

paravam nunca, e nem consigo mais lembrar onde começou. Se eu fosse Carrie, não conseguiria me mostrar ao mundo. Eu encontraria uma pedra enorme pra me esconder embaixo.

— Vocês eram crianças — disse ele. — Crianças não sabem o que fazem. Crianças nem sabem que as atitudes delas magoam as outras pessoas. Elas não têm empatia. Sacou?

Ela percebeu que estava com dificuldade de expressar o pensamento que isso despertava nela, pois de repente pareceu básico, maior do que o incidente do vestiário da mesma forma que o céu é maior do que as montanhas.

— Mas quase *ninguém* descobre que suas ações magoam outras pessoas! As pessoas não se tornam melhores, só mais inteligentes. Quando se fica mais inteligente, você não para de arrancar as asas das moscas, só procura motivos melhores para fazer isso. Muita gente diz que tem pena de Carrie White, a maioria garotas, o que é uma *piada*, mas aposto que nenhuma entende como é *ser* Carrie White, todos os segundos de todos os dias. E elas não se importam.

— Você sabe?

— Não sei! — exclamou ela. — Mas alguém tinha que tentar e se arrepender de uma forma que faça diferença... de uma forma que signifique alguma coisa.

— Tudo bem. Eu vou convidar.

— Vai? — A declaração saiu de forma seca e surpresa. Ela não tinha pensado que ele aceitaria, não de verdade.

— Vou. Mas eu acho que ela vai dizer não. Você está superestimando o meu apelo. Essa coisa de popularidade é besteira. Você cismou com isso.

— Obrigada — disse ela, e a palavra saiu estranha, como se ela estivesse agradecendo a um Inquisidor pela tortura.

— Eu te amo — disse ele.

Ela olhou para ele com um sobressalto. Era a primeira vez que ele dizia aquilo.

De Meu nome é Susan Snell (p. 6):

Tem muitas pessoas, a maioria homens, que não ficam surpresas de eu ter pedido a Tommy para levar Carrie ao Baile de Primavera. Elas ficam surpresas de ele ter aceitado, o que mostra que a mente masculina espera muito pouco altruísmo dos companheiros.

Tommy a levou porque ele me amava e porque era o que eu queria. Como, pergunta o cético da sacada, você sabia que ele te amava? Porque ele me disse, moço. E, se você o conhecesse, isso teria sido o suficiente para você também...

Ele a convidou na quinta-feira depois do almoço e percebeu que estava tão nervoso quanto uma criança indo à sorveteria pela primeira vez.

Ela se sentou quatro filas atrás dele na sala de estudos do quinto tempo e, quando acabou, ele foi até ela, abrindo caminho no meio dos corpos apressados para saírem. À mesa do professor, o sr. Stephens, um homem alto que estava começando a engordar, estava dobrando papéis distraidamente e guardando-os na pasta marrom surrada.

— Carrie?

— Hã?

Ela ergueu o olhar dos livros com uma careta sobressaltada, como se esperasse um tapa. O dia estava nublado e as luzes fluorescentes no teto não eram gentis com a pele pálida dela. Mas ele viu pela primeira vez (porque era a primeira vez que ele realmente olhava) que ela estava longe de ser repulsiva. O rosto dela era redondo e não oval e os olhos eram tão escuros que pareciam lançar sombras abaixo, que mais pareciam hematomas. O cabelo era louro-escuro, meio crespo, e estava preso num coque que não caía bem nela. Os lábios eram carnudos, quase sensuais, e os dentes eram naturalmente brancos. O corpo, na maior parte, era indeterminado. Um suéter largo escondia os seios, exceto por duas leves protuberâncias. A saia era colorida, mas horrível mesmo assim: descia até o meio das canelas num estilo estranho e desajeitado de 1958. As panturrilhas eram fortes e arredondadas (a tentativa de escondê-las com meias mescladas até os joelhos era bizarra, mas não adiantou) e bonitas.

Ela estava olhando para ele com uma expressão que era um pouco temerosa, um pouco outra coisa. Ele tinha quase certeza de que sabia o que a outra coisa era. Sue estava certa e, por estar certa, ele teve tempo de se perguntar se aquilo era uma gentileza ou se ia piorar as coisas ainda mais.

— Se você não tiver par para o Baile, será que gostaria de ir comigo?

Ela piscou e, quando fez isso, uma coisa estranha aconteceu. O tempo que levou para acontecer pode ter sido menos de um segundo, mas depois ele não teve dificuldade de lembrar, como se faz com sonhos ou sensações de *déjà vu*. Ele sentiu uma tontura, como se a mente não estivesse mais controlando o corpo, o

sentimento infeliz e descontrolado que ele associava a beber demais, ao ponto de vomitar.

E então passou.

— O quê? O quê?

Ela não ficou com raiva, pelo menos. Ele tinha esperado uma onda breve de fúria e uma retirada imediata. Mas ela não ficou com raiva; ela pareceu incapaz de reagir ao que ele tinha dito. Eles estavam sozinhos na sala de estudos agora, no momento intermediário entre a saída dos alunos anteriores e a chegada dos próximos.

— O Baile de Primavera — disse ele, meio abalado. — É na sexta, e eu sei que está em cima da hora, mas...

— Eu não gosto de ser enganada — disse ela baixinho e abaixou a cabeça. Ela hesitou só por um segundo e passou por ele. Parou e se virou, e ele de repente viu dignidade nela, uma coisa tão natural que ele duvidava que ela estivesse ciente. — Vocês acham que podem ficar me enganando pra sempre? Eu sei com quem você anda.

— Eu não ando com ninguém que eu não queira — disse Tommy pacientemente. — Estou te convidando porque eu quero te convidar. — No fim das contas, ele sabia que era verdade. Se Sue estava fazendo um gesto de expiação, era por via indireta.

Os alunos do sexto tempo estavam entrando agora, e alguns estavam olhando com curiosidade. Dale Ullman disse alguma coisa para um garoto que Tommy não conhecia e os dois deram risadinhas.

— Vem — disse Tommy. Eles foram para o corredor.

Eles estavam a caminho da Ala Quatro (a aula dele era do outro lado), andando juntos, mas talvez só por acidente, quando ela disse quase rápido demais para ele ouvir:

— Eu adoraria. Mesmo.

Ele era perceptivo o suficiente para saber que não era uma aceitação e foi novamente tomado de dúvida. Ainda assim, era um começo.

— Então vem comigo. Vai ser bom. Pra nós dois. Vamos fazer com que seja.

— Não — disse ela, e naquele estado pensativo repentino ela poderia ser confundida com uma garota bonita. — Vai ser um pesadelo.

— Eu não tenho ingressos — disse ele, como se não tivesse ouvido. — Hoje é o último dia de venda.

— Ei, Tommy, você está indo para o lado errado! — gritou Brent Gillian.

Ela parou.

— Você vai se atrasar.

— Você vai?

— Pra sua aula — disse ela, consternada. — Pra sua aula. O sinal vai tocar.

— Você vai?

— Vou — disse ela com impotência zangada. — Você sabia que eu ia. — Ela secou os olhos com as costas da mão.

— Não — disse ele. — Mas sei agora. Vou te buscar às 19h30.

— Tudo bem — sussurrou ela. — Obrigada. — Ela parecia que ia desmaiar.

E, mais inseguro do que nunca, ele tocou na mão dela.

De *A explosão sombria* (pp. 74-6):

Provavelmente, nenhum outro aspecto do caso Carrie White tenha sido tão mal compreendido, tão mal interpretado e tão encoberto em mistério quanto a parte executada por Thomas Everett Ross, o infeliz acompanhante de Carrie ao Baile de Primavera da Escola Ewen de Ensino Médio.

Morton Cratzchbarken, em um discurso admitidamente sensacionalista no Colóquio Nacional de Fenômenos Psíquicos ano passado, disse que os dois eventos mais impressionantes do século XX foram o assassinato de John F. Kennedy em 1963 e a destruição que aconteceu em Chamberlain, Maine, em maio de 1979. Cratzchbarken observa que ambos os eventos foram explicados para os cidadãos pela imprensa e que os dois eventos quase gritaram os fatos assustadores de que, embora algo tenha terminado, uma outra coisa foi colocada irrevogavelmente em movimento, para o bem ou para o mal. Se a comparação puder ser feita, Thomas Ross fez o papel de Lee Harvey Oswald, o gatilho em uma catástrofe. A pergunta que permanece é: ele fez isso consciente ou inconscientemente?

Sue Snell, por admissão própria, seria acompanhada por Ross ao evento anual. Ela alega que sugeriu que Ross levasse Carrie para compensar por sua participação no incidente do vestiário. Aqueles que se opõem a essa história, mais recentemente liderados por George Jerome de Harvard, alegam que essa é uma distorção altamente romântica ou uma mentira deslavada. Jerome argumenta com força e eloquência que não é típico de adolescentes do ensino médio sentirem que precisam “expiar” qualquer coisa —

principalmente por uma agressão contra uma colega que sofre ostracismo dos grupinhos fechados.

“Seria animador se pudéssemos acreditar que a natureza humana adolescente é capaz de resgatar o orgulho e a autoimagem do pássaro inferior na cadeia de bicadas com um gesto desses”, disse Jerome em uma edição recente de *The Atlantic Monthly*, “mas nós sabemos que não é assim. O pássaro de posição inferior não é retirado da terra com carinho pelos companheiros; na verdade, é despachado rapidamente, sem misericórdia.”

É claro que Jerome está certo, ao menos sobre pássaros, e sua eloquência sem dúvida é responsável em grande parte pelo avanço da teoria da “pegadinha”, que a Comissão White abordou, mas não declarou abertamente. Essa teoria levantava a hipótese de que Ross e Christine Hargensen (ver pp. 10-8) estavam no centro de uma conspiração para levar Carrie White ao Baile de Primavera e, depois de ela estar lá, completar sua humilhação. Alguns teóricos (a maioria escritores de livros policiais) também alegam que Sue Snell foi parte ativa da conspiração. Isso deixa o misterioso sr. Ross na pior luz possível, a de agente da pegadinha que manobrou deliberadamente uma garota instável a uma situação de estresse extremo.

Este autor não acredita nisso em luz da personalidade do sr. Ross. Essa é uma faceta que ficou amplamente inexplorada pelos detratores dele, que o pintaram como um atleta burro voltado para a panelinha; a expressão “atleta pateta” expressa essa visão de Tommy Ross com perfeição.

É verdade que Ross era um atleta de capacidade acima da média. Seu melhor esporte era o beisebol e ele era membro da

equipe de Ewen desde o primeiro ano do ensino médio. Dick O'Connell, gerente-geral do Boston Red Sox, indicou que Ross receberia uma proposta alta para assinar um contrato se tivesse sobrevivido.

Mas Ross também era um aluno nota dez (o que não se encaixa com a imagem de “atleta pateta”), e seus pais disseram que ele tinha decidido que o beisebol profissional teria que esperar até ele terminar a faculdade, onde planejava se formar em inglês. Seus interesses incluía escrever poesia, e um poema escrito seis meses antes da morte dele foi publicado em uma consagrada “revista pequena” chamada *Everleaf*. Esse poema está disponível no Apêndice v.

Os colegas que sobreviveram também o elogiam muito, e isso é importante. Só houve doze sobreviventes do que passou a ser conhecido pela imprensa popular como Noite do Baile. Os que não estavam presentes eram membros não populares das turmas de segundo e terceiro ano. Se esses “excluídos” se lembram de Ross como um sujeito simpático e bem-humorado (muitos se referiram a ele como “um cara do cacete”), a tese do professor Jerome não fica abalada?

Os registros escolares de Ross, que não podem ser reproduzidos aqui devido à lei estadual, quando somados às lembranças dos colegas e aos comentários dos parentes, vizinhos e professores, formam a imagem de um jovem extraordinário. Isso é um fato que encaixa muito mal com a imagem do professor Jerome de um jovem durão malandro em busca de popularidade entre os colegas. Aparentemente, ele tinha alta tolerância a abuso verbal e independência suficiente do grupo para convidar Carrie. Na

verdade, Thomas Ross parece ter sido uma raridade: um jovem socialmente consciente.

Não haverá tentativa de fazê-lo passar por santo. De jeito nenhum. Mas pesquisas intensivas não me convenceram de que ele era um franguinho humano em um celeiro de escola pública, perseguindo desmioladamente a galinha mais fraca...

Ela se deitou

(eu não tenho medo não tenho medo dela)

na cama com um braço sobre os olhos. Era noite de sábado. Se ela quisesse fazer o vestido que tinha em mente, teria que começar no dia seguinte, no

(eu não tenho medo mamãe)

máximo. Ela já tinha comprado o material na loja John's, em Westover. O veludo pesado e amassado a assustava. O preço também a assustou, e ela ficou intimidada pelo tamanho do local, pelas mulheres chiques andando com vestidos leves de primavera, examinando rolos de tecido. Havia uma estranheza ecoante na atmosfera, e era um mundo completamente diferente da Woolworth's de Chamberlain, onde ela costumava comprar material.

Ela ficou intimidada, mas não se deteve. Porque, se quisesse, ela podia fazer todo mundo sair correndo pela rua. Manequins caindo, lâmpadas despencando, rolos de tecido rolando no ar e se desenrolando. Como Sansão no templo, ela podia fazer a destruição chover na cabeça de todo mundo se desejasse.

(eu não tenho medo)

O pacote estava agora escondido em uma prateleira do porão, e ela levaria lá para cima. Naquela noite.

Ela abriu os olhos.

Flexiona.

A escrivaninha subiu no ar, tremeu por um momento e subiu até quase tocar o teto. Ela a fez descer. Subir. Descer. Agora a cama, com o peso dela em cima e tudo. Para cima. Para baixo. Para cima. Para baixo. Igual a um elevador.

Ela quase nem se cansou. Bem, só um pouco. Não muito. A capacidade, quase perdida duas semanas antes, estava florescendo totalmente. Tinha progredido numa velocidade que era...

Bem, quase assustadora.

E agora, de forma aparentemente espontânea, como a informação da menstruação, várias lembranças voltaram, como se uma represa mental tivesse sido derrubada para que estranhas águas pudessem jorrar. Eram lembranças enevoadas e distorcidas de garotinha, mas muito reais mesmo assim. Fazer quadros dançar nas paredes; abrir torneiras de água do outro lado do aposento; a Mamãe pedindo a ela

(carrie fecha as janelas vai chover)

para fazer alguma coisa e as janelas batendo de repente na casa toda; fazer a srta. Macaferty ter quatro pneus furados ao mesmo tempo abrindo as válvulas dos pneus do Volkswagen; as pedras...

(!!!!!!! não não não não não !!!!!!!)

... mas agora não dava para negar a lembrança, tanto quanto não dava para negar o fluxo menstrual mensal, e essa lembrança não estava enevoadada, não, não essa; era chocante e brilhante, como relâmpagos irregulares; a garotinha

(mamãe para mamãe eu não consigo respirar ah minha garganta ah mamãe me desculpe por ter olhado mamãe ah minha língua

sangue na minha boca)

a pobre garotinha

(gritando: piranhazinha ah eu sei como é com você eu vejo o que tem que ser feito)

a pobre garotinha deitada metade dentro do armário e metade para fora, vendo estrelas pretas dançando na frente de tudo, um zumbido doce e distante, a língua inchada saindo entre os lábios, a garganta envolta por um aro de pele inchada e ferida no lugar onde a Mamãe a tinha esganado, e a Mamãe voltando, voltando para ela, sua mãe segurando a faca comprida de carne do Papai Ralph

(cortar fora eu tenho que cortar fora o mal o horror os pecados da carne ah eu sei sobre isso o olho cortar seus olhos)

na mão direita, o rosto da Mamãe mãe retorcido, se movendo, com baba no queixo, segurando a Bíblia do Papai Ralph na outra mão

(você nunca mais vai olhar para aquele horror nu de novo)

e algo se flexionou, não de flexionar, mas de *FLEXIONAR*, uma coisa enorme e não formada e titânica, uma fonte de poder que não era dela agora e jamais seria de novo, e algo caiu no telhado e a Mamãe gritou e largou a Bíblia do Papai Ralph e isso foi *bom*, e houve mais ruídos e batidas e a casa começou a jogar os móveis e a Mamãe largou a faca e ficou de joelhos e começou a orar, levantando as mãos e oscilando de joelhos enquanto cadeiras voavam pelo corredor e as camas no andar de cima caíam e a mesa da sala de jantar tentou se espremer por uma janela e os olhos da Mamãe ficaram enormes e enlouquecidos, saltados, o dedo apontando para a garotinha

(é você é você cria do demônio bruxa filhote do diabo é você fazendo isso)

e as pedras e a Mamãe desmaiou quando o telhado rachou e fez barulho como se fossem as pegadas de Deus e então...

Ela acabou desmaiando. Depois disso, não houve mais lembranças. A Mamãe não falou disso. A faca voltou para a gaveta. A Mamãe maquiou os hematomas pretos e azuis enormes no pescoço dela, e Carrie achava que se lembrava de perguntar à Mamãe como eles tinham ido parar lá e de a Mamãe apertando os lábios e não dizendo nada. Aos poucos, foi esquecido. O olho da memória só se abria em sonhos. Os quadros não dançavam mais nas paredes. As janelas não se fechavam. Carrie não se lembrava de uma época em que as coisas tinham sido diferentes. Não até agora.

Ela estava deitada na cama olhando para o teto, suando.

— Carrie! Jantar!

— Obrigada,

(eu não tenho medo)

Mamãe.

Ela se levantou e prendeu o cabelo com uma faixa azul-escura. E desceu.

De *A explosão sombria* (p. 59):

O quanto o “talento selvagem” de Carrie era aparente e o que Margaret White, com sua ética católica extrema, achava dele? É provável que nós nunca saibamos. Mas ficamos tentados a acreditar que a reação da sra. White deve ter sido extrema...

— Você não tocou na torta, Carrie. — A Mamãe ergueu o rosto do folheto que ela estava lendo enquanto bebia seu chá Constant Comment. — É caseira.

— Me dá espinhas, Mamãe.

— Suas espinhas são como o Senhor te pune. Agora, coma a torta.

— Mamãe?

— Sim?

Carrie mergulhou de cabeça.

— Eu fui convidada para o Baile de Primavera na sexta que vem pelo Tommy Ross...

O folheto foi esquecido. A Mamãe estava olhando para ela com olhos arregalados de quem diz “meus ouvidos me enganam”. As narinas dilataram como as de um cavalo que ouviu o chocalho de uma cobra.

Carrie tentou engolir em seco e só
(eu não tenho medo ah tenho sim)
conseguiu abrir a garganta de leve.

— ... e ele é um bom rapaz. Ele prometeu passar aqui pra te conhecer antes e...

— Não.

— ... me trazer de volta às onze. Eu...

— Não, não, *não!*

— ... aceitei. Mamãe, por favor, entenda que eu preciso começar a... tentar me dar bem com o mundo. Eu não sou como você. Eu sou engraçada, as pessoas me acham engraçada. Eu não quero ser. Eu quero tentar ser uma pessoa inteira antes que seja tarde pra...

A sra. White jogou o chá na cara de Carrie.

Estava só morno, mas não poderia ter calado as palavras de Carrie mais subitamente se estivesse escaldante. Ela ficou sentada atordoada, o fluido âmbar pingando do queixo e das bochechas na blusa branca, se espalhando. Estava grudento e com cheiro de canela.

A sra. White estava tremendo, o rosto imóvel exceto pelas narinas, que continuavam se dilatando. De repente, ela jogou a cabeça para trás e gritou para o teto.

— Deus! Deus! Deus! — A mandíbula dela estalou com brutalidade a cada sílaba.

Carrie ficou sentada sem se mexer.

A sra. White se levantou e contornou a mesa. Suas mãos estavam curvadas como garras trêmulas. Seu rosto estava com uma expressão de compaixão misturada com ódio.

— Para o armário — disse ela. — Vá para o seu armário orar.

— Não, Mamãe.

— Garotos. Sim, os garotos vêm em seguida. Depois do sangue, vêm os garotos. Como cães farejadores, sorrindo e babando, tentando descobrir onde está o cheiro. *Aquele... cheiro!*

Ela moveu o braço todo no golpe, e o som da palma no rosto de Carrie

(ah deus eu estou com tanto medo agora)

foi como aquele som seco de um cinto de couro estalado no ar. Carrie continuou sentada, mas o tronco oscilou. A marca na bochecha ficou primeiro branca, depois vermelho-sangue.

— A marca — disse a sra. White.

Seus olhos estavam enormes, mas vazios; ela estava respirando em lufadas rápidas de ar. Ela parecia estar falando sozinha enquanto a mão em garra desceu no ombro de Carrie e a tirou da cadeira.

— Eu já vi isso, sim. Ah, vi. Mas eu nunca fiz. Só ele. Ele me levou... — Ela fez uma pausa, os olhos vagando na direção do teto. Carrie estava apavorada. A Mamãe parecia à beira de uma grande revelação que talvez a destruísse.

— Mamãe...

— Em carros. Ah, eu sei onde eles te tomam nos braços. Nos limites da cidade. Bares de beira de estrada. Uísque. Cheirando... *ah, eles sentem o cheiro em você!* — A voz dela soou num grito. Os tendões se projetaram no pescoço e ela virou a cabeça em uma rotação interrogativa para cima.

— Mamãe, é melhor você parar.

Isso pareceu trazê-la de volta para uma espécie de realidade confusa. Os lábios dela tremeram numa espécie de surpresa elementar e ela parou, como se tentando se localizar em um mundo novo.

— Para o armário — murmurou ela. — Vá para o seu armário orar.

— Não.

A Mamãe levantou a mão para bater.

— *Não!*

A mão parou no ar. A Mamãe olhou para ela, como se para confirmar que ainda estava lá, e inteira.

A forma de torta subiu de repente do apoio na mesa e voou pela sala até bater ao lado da porta, numa explosão de calda de mirtilo.

— *Eu vou, Mamãe!*

A xícara virada da Mamãe subiu e voou ao lado da cabeça dela, até se estilhaçar acima do fogão. A Mamãe gritou e caiu de joelhos com as mãos sobre a cabeça.

— Filha do diabo — gemeu ela. — Filha do diabo. Cria de Satanás...

— Mamãe, se levanta.

— Luxúria e permissividade, os desejos da carne...

— *Se levanta!*

A voz da Mamãe falhou, mas ela se levantou, ainda com as mãos na cabeça, como uma prisioneira de guerra. Seus lábios se moveram. Para Carrie, parecia que ela estava recitando o Pai Nosso.

— Eu não quero brigar com você, Mamãe — disse Carrie, e a voz falhou e se dissolveu. Ela a controlou com dificuldade. — Eu só quero poder viver a minha própria vida. Eu... eu não gosto da sua. — Ela parou, horrorizada, apesar de tudo. A pior das blasfêmias havia sido dita e era mil vezes pior do que a palavra com F.

— Bruxa — sussurrou a Mamãe. — Diz no Livro do Senhor: “Não deixarás viver as feiticeiras”. Seu pai fez o trabalho do Senhor...

— Eu não quero falar sobre isso — disse Carrie. Sempre a perturbava ouvir a Mamãe falar do pai. — Eu só quero que você entenda que as coisas vão mudar aqui, Mamãe. — Os olhos dela brilharam. — É melhor que *Eles* entendam também.

Mas a Mamãe estava sussurrando sozinha de novo.

Insatisfeita, com uma sensação de anticlímax na garganta e o embrulho consternado de perturbação emocional na barriga, ela foi ao porão pegar o material para o vestido.

Era melhor do que o armário. Isso era verdade. Qualquer coisa era melhor do que o armário, com a luz azul e o fedor sufocante de suor e do seu próprio pecado. Qualquer coisa. Tudo.

Ela ficou com o pacote embrulhado junto ao peito e fechou os olhos para bloquear o brilho fraco da lâmpada exposta e coberta de teias do porão. Tommy Ross não a amava; ela sabia disso. Aquilo era um tipo estranho de expiação, e ela entendia isso e era capaz de reagir. Ela tinha andado de mãos dadas com o conceito de penitência desde que tinha idade para argumentar.

Ele disse que seria bom, que eles cuidariam para que fosse. Bom, *e/la* cuidaria. Era melhor Eles não começarem nada. Era melhor que não. Ela não sabia se seu dom vinha do senhor da luz ou das trevas e, agora que finalmente entendia que não fazia diferença, ela foi tomada de um alívio quase indescritível, como se um peso enorme, carregado havia muito tempo, tivesse saído dos seus ombros.

No andar de cima, a Mamãe continuou sussurrando. Não era o Pai Nosso. Era a Oração do Exorcismo de Deuterônômio.

De Meu nome é Susan Snell (p. 23):

Até fizeram um filme. Eu vi em abril. Quando saí, estava enjoada. Sempre que uma coisa importante acontece nos Estados Unidos, precisam cobrir de ouro, como se faz com sapatinhos de bebê. Assim, dá para esquecer. E esquecer Carrie White pode ser um erro maior do que as pessoas parecem se dar conta...

Segunda-feira de manhã: o diretor Grayle e seu substituto, Pete Morton, estavam tomando café na sala de Grayle.

— Nenhum sinal de Hargensen ainda? — perguntou Morty. Seu lábio se curvou numa expressão estilo John Wayne que parecia meio assustada.

— Nem um pio. E Christine parou de se gabar que o pai dela vai nos botar no olho da rua. — Grayle soprou o café de cara feia.

— Você não parece estar dando estrelas de comemoração.

— Não estou. Você sabia que Carrie White vai ao baile?

Morty piscou.

— Com quem? O Tucano? — O Tucano era Freddy Holt, outro dos desajustados de Ewen. Ele pesava uns cinquenta quilos se estivesse encharcado e um observador casual poderia ficar tentado a achar que uns trinta eram do nariz.

— Não — disse Grayle. — Com Tommy Ross.

Morty engoliu o café rápido demais e teve um ataque de tosse.

— Foi exatamente como eu me senti — disse Grayle.

— E a namorada dele? A garotinha Snell?

— Acho que ela que mandou ele fazer isso — disse Grayle. — Ela pareceu sentir uma culpa danada pelo que aconteceu com Carrie quando eu conversei com ela. Agora, ela está no Comitê de Decoração, feliz da vida, como se não ir ao baile de formatura não fosse nada.

— Ah — disse Morty sabiamente.

— E Hargensen... eu acho que ele deve ter falado com algumas pessoas e descoberto que nós podemos mesmo processá-lo em nome de Carrie se quisermos. Acho que ele avaliou as perdas. É a filha que me preocupa.

— Você acha que vai haver algum incidente na noite de sexta?

— Não sei. Eu sei que Chris tem muitos amigos que vão estar lá. E ela está andando com aquele tal Billy Nolan; ele também tem um zoológico de amigos. Do tipo que se especializam em assustar mulheres grávidas. Chris Hargensen faz ele comer na mão dela, pelo que eu soube.

— Você está com medo de alguma coisa específica?

Grayle fez um gesto inquieto.

— Específica? Não. Mas estou no jogo há tempo suficiente para saber que é uma situação ruim. Lembra do jogo com a Stadler em 76?

Morty assentiu. Seria preciso mais do que a passagem de três anos para obscurecer a lembrança do jogo entre Ewen e Stadler. Bruce Trevor era um aluno marginal, mas excelente jogador de basquete. O técnico Gaines não gostava dele, mas Trevor colocaria a Ewen no torneio da região pela primeira vez em dez anos. Ele foi cortado do time uma semana antes do último jogo que a Ewen tinha que ganhar contra os Stadler Bobcats. Uma inspeção regular e anunciada dos armários encontrou um quilo de maconha atrás dos livros de Trevor. A Ewen perdeu o jogo (e a chance no torneio) por 104 a 48. Mas ninguém se lembrava disso; todo mundo se lembrava da confusão que interrompeu o jogo no quarto tempo. Liderada por Bruce Trevor, que alegava que tinha sido acusado falsamente, e resultou em quatro internações no hospital. Uma delas foi do técnico da Stadler, que foi golpeado na cabeça com um kit de primeiros socorros.

— Eu estou com esse tipo de sensação — disse Grayle. — Com um palpite. Alguém vai aparecer com maçãs podres, sei lá.

— Talvez você seja médium — disse Morty.

De *A explosão sombria* (pp. 92-3):

Agora, é aceito de um modo geral que o fenômeno TC é uma ocorrência genética recessiva — mas o oposto de uma doença como a hemofilia, que fica evidente só nos homens. Nessa doença, que já foi chamada de “Mal do Rei”, o gene é recessivo na mulher e existe inofensivamente. Os filhos homens, entretanto, são “hemorrágicos”. Essa doença só é gerada se um homem que sofre dela se casar com uma mulher portadora do gene recessivo. Se os filhos dessa união forem homens, o resultado será um filho hemofílico. Se os filhos forem mulheres, o resultado será uma filha portadora. É preciso enfatizar que o gene da hemofilia *pode* ser portado de forma recessiva no homem como parte de sua formação genética. Mas, se ele se casar com uma mulher com o mesmo gene, o resultado vai ser hemofilia se os filhos forem homens.

No caso de famílias reais, onde casamento dentro da família era comum, as chances de um gene se reproduzir depois de entrar na árvore genealógica era alta — por isso o nome Mal do Rei. A hemofilia também apareceu em quantidades significativas nos Apalaches durante a parte inicial deste século e é comumente encontrada nas culturas em que o incesto e o casamento entre primos de primeiro grau é comum.

Com o fenômeno TC, o homem parece ser o portador: o gene TC *pode* ser recessivo na mulher, mas domina só na mulher. Parece que Ralph White portava o gene. Margaret Brigham, por pura coincidência, também portava o gene, mas nós podemos ficar confiantes de que era recessivo, pois nunca houve informação que indique que ela tinha poderes telecinéticos parecidos com os da filha. Há investigações sendo conduzidas sobre a vida da avó de

Margaret Brigham, Sadie Cochran — pois, se o padrão dominante/recessivo for na TC da mesma forma que na hemofilia, a sra. Cochran devia ser TC dominante.

Se a prole do casamento dos Whites tivesse sido do sexo masculino, o resultado teria sido outro portador. As chances de a mutação ter morrido com ele seriam altas, pois nenhum dos dois lados da aliança Ralph White-Margaret Brigham tinha primos de idade comparável com quem o suposto filho homem se casar. E as chances de encontrar e se casar com outra mulher com o gene TC de forma aleatória teria sido pequena. Nenhuma das equipes trabalhando no problema já isolou o gene.

Ninguém pode duvidar, à luz do holocausto do Maine, que isolar esse gene precisa se tornar uma das prioridades da medicina. O gene hemofílico (ou H) produz filhos homens com ausência de plaquetas. O gene telecinético (ou TC) produz Marias Tifoides capazes de destruir quase de acordo com a vontade...

Quarta-feira à tarde.

Susan e quatorze outros alunos, o Comitê de Decoração do Baile de Primavera, estavam trabalhando no mural enorme que ficaria entre os dois coretos gêmeos na noite de sexta. O tema era Primavera em Veneza (quem escolhia esses temas bregas, Sue se perguntou. Ela era aluna da Ewen havia quatro anos, tinha ido a dois bailes e ainda não sabia. Por que a porcaria *precisava* de um tema, afinal? Por que não fazer só uma festa e pronto?): George Chizmar, o aluno mais artístico da Ewen, tinha feito um desenho pequeno em giz de gôndolas num canal ao pôr do sol e um gondoleiro com um chapéu enorme de palha encostado no leme

enquanto uma linda panóplia de tons de rosa e vermelho e laranja pintava o céu e a água. *Era* lindo, não havia dúvida. Ele refez o desenho em silhueta em uma lona enorme de quatro por seis metros, numerando as várias partes em que entrava cada tom de giz. Agora, o Comitê estava pintando pacientemente, como crianças engatinhando sobre uma página enorme num livro de colorir gigante. Ainda assim, pensou Sue ao olhar para as mãos e antebraços, ambos sujos de giz rosa, seria o baile mais bonito do mundo.

Ao seu lado, Helen Shyres se sentou sobre os calcanhares, se espreguiçou e gemeu quando suas costas estalaram. Ela tirou uma mecha de cabelo da testa com as costas da mão e deixou uma mancha rosada.

— *Como foi* que você me convenceu a fazer isso?

— Você quer que seja bonito, não quer? — Sue imitou a srta. Geer, a diretora solteirona (um bom termo para a srta. Bigode) do Comitê de Decoração.

— Quero, mas por que não o Comitê de Bebidas ou o Comitê de Entretenimento? Menos costas, mais cabeça. A cabeça é a minha área. Além do mais, você nem... — Ela segurou as palavras.

— Vou? — Susan deu de ombros e pegou o giz de novo. Ela estava com uma dor danada na mão. — Não, mas eu quero que seja legal mesmo assim. — Ela acrescentou timidamente: — O Tommy vai.

Elas trabalharam em silêncio por um tempo e Helen parou de novo. Não havia ninguém por perto; a mais próxima era Holly Marshall, do outro lado do mural, colorindo o leme da gôndola.

— Posso perguntar sobre isso, Sue? — indagou Helen. — Meu Deus, todo mundo está falando.

— Claro. — Sue parou de colorir e flexionou a mão. — Acho que eu devia contar pra alguém, pra que a história seja contada da forma certa. Eu pedi ao Tommy pra levar a Carrie. Espero que a ajude a desabrochar um pouco... a derrubar algumas barreiras. Acho que eu devo isso a ela.

— E nós, o que fazemos? — perguntou Helen sem rancor.

Sue deu de ombros.

— Vocês precisam decidir o que acham sobre o que nós fizemos, Helen. Não estou em posição de atirar pedras em ninguém. Mas não quero que as pessoas achem que eu estou, hã...

— Bancando a mártir?

— Mais ou menos isso.

— E Tommy concordou? — Essa era a parte que mais a fascinava.

— Sim — respondeu Sue, e não entrou em detalhes. Depois de uma pausa: — Acho que o restante do pessoal me acha arrogante.

Helen pensou a respeito.

— Bom... as pessoas estão comentando. Mas a maioria ainda gosta de você. Como você falou, você toma suas próprias decisões, mas tem uma pequena facção dissidente. — Ela deu uma risadinha triste.

— O pessoal da Chris Hargensen?

— E do Billy Nolan. Meu Deus, como ele é nojento.

— Ela não gosta muito de mim? — disse Sue em formato de pergunta.

— Susie, ela odeia sua fuça.

Susan assentiu, surpresa de descobrir que a ideia a perturbava e, ao mesmo tempo, empolgava.

— Eu ouvi falar que o pai dela ia processar o departamento escolar, mas que depois mudou de ideia — disse ela.

Helen deu de ombros.

— Ela não fez nenhum amigo por conta disso — disse ela. — Não sei o que deu em nós, em cada uma de nós. Me faz pensar que eu nem me conheço direito.

Elas trabalharam em silêncio. Do outro lado do salão, Don Barrett estava abrindo uma escada para se preparar para decorar as vigas de aço com papel crepom.

— Olha — disse Helen. — Lá vem a Chris.

Susan olhou a tempo de vê-la entrando no escritório pequeno à esquerda da entrada do ginásio. Ela estava usando uma calça de veludo vinho e uma blusa branca de seda (sem sutiã pelo balanço das coisas na frente), o sonho de um velho sujo, pensou Sue com amargura, e se perguntou o que Chris podia querer com a administração do Comitê do Baile. Claro, Tina Blake era do Comitê e as duas eram unha e carne.

Para, disse ela, repreendendo a si mesma. Você quer que ela seja uma Madalena arrependida?

Queria, admitiu ela. Uma parte dela queria exatamente isso.

— Helen?

— Hum?

— Elas vão fazer alguma coisa?

O rosto de Helen assumiu uma expressão que parecia uma máscara.

— Não sei. — A voz soou leve, inocente demais.

— Ah — disse Sue, evasiva.

(você sabe você sabe de alguma coisa: aceite alguma coisa droga se for só você me conta)

Elas continuaram colorindo e ninguém falou nada. Ela sabia que as coisas não estavam tão bem quanto Helen tinha dito. Não podiam estar; ela jamais voltaria a ser a mesma garota de ouro aos olhos dos colegas. Fizera algo indisciplinado e perigoso: saíra do esconderijo e mostrou a cara.

O sol do fim da tarde, quente como óleo e doce como a infância, entrava pelas janelas altas e amplas do ginásio.

De Meu nome é Susan Snell (p. 40):

Eu entendo uma parte do que deve ter acontecido antes do baile. Por mais horrível que tenha sido, entendo como alguém como Billy Nolan podia colaborar, por exemplo. Chris Hargensen o puxava pela coleira, ao menos na maior parte do tempo. Os amigos dele eram levados com a mesma facilidade pelo próprio Billy. Kenny Garson, que largou o ensino médio aos dezoito anos, tinha o nível de leitura de um aluno de terceiro ano do fundamental. No sentido clínico, Steve Deighan era pouco mais do que um idiota. Alguns dos outros tinham passagem pela polícia; um deles, Jackie Talbot, foi pego aos nove anos por roubar calotas de carros. Quem tem mentalidade de assistente social até pode ver aquelas pessoas como vítimas infelizes.

Mas o que se pode dizer sobre Chris Hargensen?

A mim, parece que, do começo ao fim, o único objetivo que tinha em vista era a completa e total destruição de Carrie White...

— Eu não devia — disse Tina Blake com inquietação. Ela era uma garota pequena e bonita com uma cabeleira ruiva. Um lápis enfiado nele lhe dava um tom sério. — E se a Norma voltar, ela vai contar.

— Ela está no banheiro — disse Chris. — Anda.

Tina, meio chocada, riu baixinho, apesar de tudo. Ainda assim, não ofereceu muita resistência.

— Por que você quer ver? Você não vai poder ir.

— Não interessa — disse Chris. Como sempre, ela parecia esbanjar humor sarcástico.

— Aqui — disse Tina, e empurrou uma folha dentro de um plástico mole por cima da mesa. — Vou sair pra tomar uma Coca. Se aquela chata da Norma Watson voltar e te pegar, eu nunca te vi.

— Tudo bem — murmurou Chris, já absorta com a planta. Ela não ouviu a porta fechar.

George Chizmar também tinha feito a planta do ginásio, era perfeita. A pista de dança estava identificada claramente. Dois coretos. O palco onde o Rei e a Rainha seriam coroados

(eu queria coroar aquela filha da puta da snell e a carrie também) no fim da noite. Arrumadas em volta de três lados da pista estavam as mesas dos convidados. Mesas desmontáveis, na verdade, mas cobertas com uma camada de papel crepom e fitas, cada uma com brindes, programas do baile e cédulas para votar em Rei e Rainha.

Ela passou uma unha pintada e comprida pelas mesas à direita da pista de dança, depois à esquerda. Ali: *Tommy R & Carrie W.* Eles iam mesmo fazer aquilo. Ela nem conseguia acreditar. A fúria a fez tremer. Eles achavam mesmo que poderiam se safar com aquilo? Seus lábios se esticaram de um jeito sombrio.

Ela olhou para trás. Norma Watson ainda não estava por perto.

Chris botou o gráfico de mesas no lugar e mexeu depressa no restante dos papéis na mesa arranhada e rabiscada com iniciais. Notas fiscais (a maioria de papel crepom e pregos), uma lista de pais que tinham emprestado as mesas desmontáveis, vales de valores baixos, uma conta da Star Printers, que tinha feito os ingressos do baile, uma amostra de cédula para votação de Rei e Rainha...

A votação! Ela pegou a cédula.

Ninguém podia ver a cédula de Rei e Rainha antes de sexta, quando todo o corpo estudantil ouviria o anúncio dos candidatos nos alto-falantes da escola. O Rei e a Rainha seriam escolhidos por quem estivesse no baile, mas cédulas em branco tinham sido passadas nas salas quase um mês antes. O resultado era para ser segredo.

Havia uma movimentação crescente entre os alunos para acabar com a história de Rei e Rainha; algumas garotas alegavam que era machista, os garotos achavam palhaçada e meio constrangedor. Havia boas chances de aquele ser o último ano em que o baile seria tão formal ou tradicional.

Mas, para Chris, era o único ano que contava. Ela olhou para a cédula com intensidade gananciosa.

George e Frieda. De jeito nenhum. Frieda Jason era judia.

Peter e Myra. De jeito nenhum também. Myra era uma das garotas dedicadas a acabar com a competição. Ela nem aceitaria se fosse eleita. Além do mais, ela era tão bonita quanto o traseiro de um cavalo de carroça.

Frank e Jessica. Bem possível. Frank Frier tinha entrado no time de futebol americano All New England naquele ano, mas Jessica era um peidinho de pardal com mais espinhas do que cérebro.

Don e Helen. Esquece. Helen Shyres não conseguiria ser eleita nem para a carrocinha de cachorros.

E o último par: *Tommy e Sue.* Só que Sue tinha sido riscada, claro, e o nome de Carrie tinha sido escrito no lugar. Isso sim era um par! Uma risada estranha e agitada tomou conta dela, e ela colocou a mão sobre a boca para segurá-la.

Tina voltou correndo.

— Meu Deus, Chris, você ainda está aqui? Ela está *vindo*!

— Não esquenta, boneca — disse Chris, e botou os papéis de volta na mesa. Ela ainda estava sorrindo quando saiu, fazendo uma pausa para levantar uma mão debochada para Sue Snell, que estava trabalhando como louca naquele mural idiota.

No pátio de fora, ela tirou uma moeda de dez centavos da bolsa, enfiou no telefone público e ligou para Billy Nolan.

De *A explosão sombria* (pp. 100-1):

É impossível não imaginar o planejamento dedicado à ruína de Carrie White — foi um plano feito com cuidado, ensaiado muitas vezes, ou só uma coisa que aconteceu de um jeito meio desastrado?

... Eu acredito na segunda opção. Desconfio que Christine Hargensen tenha sido o cérebro da história, mas que ela só tinha ideias nebulosas sobre como “pegar” uma garota como Carrie. Desconfio que tenha sido ela quem sugeriu a William Nolan e

amigos que fossem até a fazenda de Irwin Henty em North Chamberlain. A ideia do resultado imaginado daquela ida teria apelado a um senso de justiça poética distorcido, tenho certeza...

O carro berrou pela esburacada rodovia Stack End, em North Chamberlain, a mais de cem quilômetros por hora, um perigo para a vida na terra lisa como sabão. Galhos baixos, carregados de folhas de maio, arranhavam de vez em quando o teto do Biscayne 61, que estava amassado, enferrujado, elevado na parte traseira e equipado com silenciadores duplos. Um farol estava quebrado; o outro piscava na escuridão total quando o carro passava por algum buraco mais pronunciado.

Billy Nolan estava no volante coberto por uma capa de pele cor-de-rosa. Jackie Talbot, Henry Blake, Steve Deighan e os irmãos Garson, Kenny e Lou, também estavam espremidos no carro. Havia três baseados passando de mão em mão na escuridão como os olhos brilhantes de um Cérbero rotativo.

— Tem certeza de que o Henty não está? — perguntou Henry. — Eu não tenho a menor vontade de voltar, Doce William. A comida é uma merda.

Kenny Garson, que estava chapado até a raiz do cabelo, achou isso muito engraçado e emitiu uma série de risadinhas agudas.

— Ele não está — disse Billy. Até aquelas poucas palavras pareceram sair rabugentas, contra a vontade. — Enterro.

Chris tinha descoberto isso por acaso. O velho Henty tinha uma das poucas fazendas independentes de sucesso na área de Chamberlain. Diferentemente do velho fazendeiro rabugento com coração de ouro que é um dos pilares da literatura pastoral, o velho

Henty era tão terrível quanto cocô de gato. Ele não carregava a espingarda com pedras de sal na época da colheita da maçã, mas com balas de atirar em pássaros. Ele também tinha processado várias pessoas por furto. Uma daquelas pessoas era amigo dos garotos, um filho da mãe azarado chamado Freddy Overlock. Freddy tinha sido pego no flagra no galinheiro do velho Henty e recebeu uma dose dupla de balas número seis no lugar onde o bom Senhor colocou uma fenda. Fred passou quatro horas gritando e xingando de bruços numa sala da Emergência enquanto um residente jovial tirava bolinhas de chumbo da bunda dele e largava num pote de aço. Para piorar as coisas, ele recebeu uma multa de duzentos dólares por furto e invasão de propriedade privada. Não havia amor entre Irwin Henty e a gangue da brilhantina de Chamberlain.

— E o Red? — perguntou Steve.

— Ele está tentando pegar uma garçonete nova do Cavalier — disse Billy, girando o volante e levando o Biscayne por uma descida agitada e veloz até a rua do Henty. Red Trelawney era o capataz do velho Henty. Ele bebia muito e era tão hábil com a espingarda quanto seu empregador. — Ele só volta quando fechar.

— Um risco do cacete pra um trote — resmungou Jackie Talbot.

Billy ficou tenso.

— Quer pular fora?

— Não, hã-hã — disse Jackie apressadamente. Billy tinha conseguido trinta gramas de erva boa para dividir entre os cinco; além do mais, eram quinze quilômetros até a cidade. — É um *bom* trote, Billy.

Kenny abriu o porta-luvas, pegou um suporte de cigarro decorado (da Chris) e prendeu a ponta apertada de um baseado nele. Essa operação foi muito engraçada para ele, que soltou a risadinha aguda de novo.

Agora eles estavam passando por placas de “Propriedade Particular” dos dois lados da estrada, além de arame farpado, campos recém-arados. O cheiro de terra fresca estava pesado e carregado e doce no ar quente de maio.

Billy apagou os faróis quando eles chegaram no alto da colina seguinte, botou o câmbio em ponto morto e desligou a ignição. Eles foram em frente, um casco silencioso de metal, na direção da entrada de carros de Henty.

Billy fez a curva sem dificuldade e a maior parte da velocidade deles se perdeu quando chegaram ao alto de outra elevação pequena e passaram pela casa escura e vazia. Agora, eles viam o volume enorme do celeiro e, atrás, o luar cintilando de forma sonhadora no lago das vacas e no pomar de maçãs.

No chiqueiro, duas porcas enfiaram os focinhos pelos vãos. No celeiro, uma vaca roncou baixo, talvez dormindo.

Billy parou o carro com o freio de mão, o que não era necessário considerando que a ignição estava desligada, mas era um belo toque. Eles saíram do carro.

Lou Garson esticou a mão na frente de Kenny e pegou uma coisa no porta-luvas. Billy e Henry foram até o porta-malas e o abriram.

— O filho da mãe vai se cagar quando voltar e der uma olhada — disse Steve com uma certa euforia.

— Por Freddy — disse Henry, tirando o martelo do porta-malas.

Billy não disse nada, mas claro que aquilo não era por Freddy Overlock, que era um babaca. Era por Chris Hargensen, assim como tudo era por Chris, desde o dia que ela desceu do Olimpo dela a caminho da faculdade e se fez vulnerável para ele. Ele mataria por ela e muito mais.

Henry estava balançando a marreta de quatro quilos na mão, para experimentá-la. O bloco pesado na ponta fazia um ruído portentoso no ar da noite e os outros garotos se reuniram em volta quando Billy abriu a tampa do cooler com gelo e pegou as duas latas de aço. Estavam geladas ao toque, com uma camada leve de gelo em volta.

— Pronto — disse ele.

Os seis andaram rapidamente até o chiqueiro, a respiração curta de empolgação. As duas porcas eram calmas e o porco velho estava dormindo de lado mais adiante. Henry balançou a marreta mais uma vez no ar, mas desta vez sem convicção. Ele a entregou para Billy.

— Eu não consigo — disse ele, enjoado. — Você.

Billy pegou a marreta e olhou com expressão interrogativa para Lou, que estava segurando a faca larga de carne que tinha tirado do porta-luvas.

— Não se preocupe — disse ele, e encostou a almofadinha do polegar no fio.

— A garganta — lembrou Billy.

— Eu sei.

Kenny estava murmurando e sorrindo quando deu os restos de um saco amassado de batatas fritas para os porcos.

— Não tenham medo, porquinhos, não tenham medo, o Bill vai esmagar a cabeça de vocês e vocês não vão precisar mais ter medo

da bomba.

Ele coçou os queixos dos animais e os porcos grunhiram e comeram com satisfação.

— Lá vai — observou ele, e a marreta desceu.

Houve um som que o lembrou da ocasião em que ele e Henry jogaram uma abóbora da passarela sobre a rua Claridge, que atravessava a 495 a oeste da cidade. Uma das porcas caiu morta com a língua para fora, os olhos ainda abertos, cheia de farelo de batata no focinho.

Kenny riu.

— Essa nem teve tempo de arrotar.

— Faz logo, Lou — disse Billy.

O irmão de Kenny passou entre as tábuas, levantou a cabeça do porco na direção da lua (os olhos vidrados olharam para a lua crescente com vazio atento) e cortou.

O fluxo de sangue foi imediato e surpreendente. Vários dos garotos receberam respingos e pularam para trás com gritinhos de repulsa.

Billy se inclinou para a frente e colocou uma das latas embaixo do fluxo de sangue. A lata encheu rapidamente e ele a colocou de lado. A segunda estava pela metade quando o fluxo diminuiu até parar.

— A outra — disse ele.

— Meu Deus, Billy — resmungou Jackie. — Não é suf...

— A outra — repetiu Billy.

— Ei, porca-porca-porca — chamou Kenny, sorrindo e sacudindo o saco vazio de batatas fritas. Depois de uma pausa, a porca voltou até a cerca, a marreta cintilou, a segunda lata foi enchida e o restante do sangue fluíu para o chão. Um cheiro rançoso de cobre

pairava no ar. Billy percebeu que estava sujo de sangue de porco até os antebraços.

Quando estava carregando as latas para o porta-malas, sua mente fez uma conexão obscura e simbólica. Sangue de porca. Isso era bom. Chris estava certa. Era bom mesmo. Fazia tudo se solidificar.

Sangue de porca para uma porca.

Ele colocou as latas de aço galvanizado no gelo moído e fechou a tampa do cooler.

— Vamos — disse ele.

Billy entrou atrás do volante e soltou o freio de mão. Os cinco garotos foram para trás, empurraram com os ombros, e o carro fez um círculo apertado e silencioso e passou pelo celeiro até a crista da colina em frente à casa de Henty.

Quando o carro começou a descer sozinho, eles correram ao lado das portas e entraram, bufando e ofegando.

O carro ganhou velocidade suficiente para desviar um pouco para o lado quando Billy o tirou da longa entrada de carros e entrou na estrada de terra. No pé da colina, ele botou o câmbio em terceira e girou a ignição. O motor tossiu e ganhou vida.

Sangue de porca para uma porca. Sim, isso era bom mesmo. Era muito bom. Ele sorriu, e Lou Garson sentiu uma pontada de surpresa e medo. Ele não sabia se conseguia se lembrar de ter visto Billy Nolan sorrir alguma vez. Nunca houve nem boatos disso.

— No enterro de quem o velho Henty foi? — perguntou Steve.

— Da mãe — disse Billy.

— Da *mãe*? — disse Jackie Talbot, perplexo. — Meu Deus, ela devia ser mais velha do que Deus.

A risada aguda de Kenny soou na escuridão sugestiva que tremia na iminência do verão.

PARTE DOIS

A NOITE DO BAILE

Ela experimentou o vestido pela primeira vez na manhã de 27 de maio, no quarto. Tinha comprado um sutiã especial para usar com ele, que levantava os seios do jeito adequado (não que precisassem), mas deixava a metade de cima exposta. Usá-lo lhe dava uma sensação estranha e sonhadora que era metade vergonha e metade empolgação desafiadora.

O vestido em si ia quase até o chão. A saia era solta, mas a cintura era justa, o tecido luxuoso e estranho na pele acostumada a algodão e lã.

O caimento parecia certo... ou ficaria com os sapatos novos. Ela os calçou, ajustou o decote e foi até a janela. Só dava para ver uma imagem fantasmagórica enlouquecedora de si mesma, mas tudo parecia certo. Talvez mais tarde ela pudesse...

A porta se abriu atrás dela só com um leve estalo da maçaneta, e Carrie se virou e olhou para a mãe.

Ela estava vestida para o trabalho, usando o suéter branco e a bolsa na mão. Na outra, ela estava segurando a Bíblia do Papai Ralph.

Elas se olharam.

Sem nem perceber direito, Carrie sentiu a coluna se empertigar até ela estar ereta na luz do sol de começo de primavera que entrava pela janela.

— Vermelho — murmurou a Mamãe. — Eu devia saber que seria vermelho.

Carrie não disse nada.

— Dá pra ver suas almofadinhasujas. Todo mundo vai ver. Vão olhar para o seu corpo. O Livro diz...

— São seios, Mamãe. Toda mulher tem.

— Tire esse vestido — disse a Mamãe.

— Não.

— Tire, Carrie. Nós vamos descer e queimar o vestido no incinerador juntas, depois vamos orar por perdão. Vamos fazer penitência. — Os olhos dela começaram a brilhar com o zelo estranho e desconectado que tomava conta dela em eventos que ela considerava serem testes de fé. — Eu vou ficar em casa em vez de ir trabalhar e você vai ficar em casa em vez de ir pra escola. Nós vamos orar. Vamos pedir um sinal. Vamos ficar de joelhos e pedir o Fogo Pentecostal.

— Não, Mamãe.

Sua mãe levantou a mão e beliscou o próprio rosto. Ficou uma marca vermelha. Ela olhou para Carrie em busca de reação, não viu nenhuma, fez uma garra com a mão direita e passou na própria bochecha até sair sangue. Ela choramingou e se balançou nos calcanhares. Seus olhos brilhavam de exultação.

— Pare de se machucar, Mamãe. Isso também não vai me fazer parar.

Mamãe gritou. Fez um punho com a mão direita e deu um soco na própria boca, fazendo sair sangue. Molhou os dedos, olhou com expressão sonhadora e passou sangue na capa da Bíblia.

— Lavada no Sangue do Cordeiro — sussurrou ela. — Muitas vezes. Muitas vezes ele e eu...

— Vá embora, Mamãe.

Ela olhou para Carrie, os olhos cintilando. Havia uma expressão apavorante de raiva moralista estampada no rosto.

— O Senhor não será ridicularizado — sussurrou ela. — Saiba que seu pecado a encontrará. Queime, Carrie! Arranque o vermelho do diabo de você e queime! Queime! *Queime!*

A porta se abriu sozinha.

— Vá embora, Mamãe.

Mamãe sorriu. A boca ensanguentada deixava o sorriso grotesco, distorcido.

— Assim como Jezebel caiu da torre, que o mesmo aconteça a você — disse ela. — E os cachorros vieram e lamberam seu sangue. Está na Bíblia! Está...

Os pés dela começaram a deslizar pelo chão e ela olhou para baixo, perplexa. A madeira parecia ter virado gelo.

— *Para com isso!* — gritou ela.

Ela estava no corredor agora. Segurou-se na moldura da porta e parou por um momento, mas seus dedos foram soltos, aparentemente por nada.

— Eu te amo, Mamãe — disse Carrie com firmeza. — Me desculpe.

Ela visualizou a porta se fechando e a porta fez de fato isso, como se movida por uma brisa leve. Com cuidado para não a machucar, ela soltou as mãos mentais que tinha usado para empurrar a mãe.

Um momento depois, Margaret estava batendo na porta. Carrie a manteve fechada, os lábios tremendo.

— Vai haver um julgamento! — delirou Margaret White. — Eu lavo as minhas mãos! Eu tentei!

— Pilatos também disse isso — murmurou Carrie.

Sua mãe foi embora. Um minuto depois, Carrie a viu andando na calçada e atravessando a rua, a caminho do trabalho.

— Mamãe — disse ela baixinho, e encostou a testa no vidro.

De A explosão sombria (p. 129):

Antes de entrar em uma análise mais detalhada da Noite do Baile em si, seria bom resumir o que sabemos da pessoa Carrie White.

Nós sabemos que Carrie foi vítima da obsessão religiosa da mãe. Sabemos que ela tinha um talento telecinético latente, comumente referido como TC. Sabemos que esse dito “talento descontrolado” é uma característica hereditária, produzida por um gene que costuma se recessivo, isso quando está presente. Nós desconfiamos que a habilidade TC pode ser de natureza glandular. Nós sabemos que Carrie produziu pelo menos uma demonstração da habilidade quando pequena, quando foi colocada numa situação extrema de culpa e estresse. Sabemos que uma segunda situação extrema de culpa e estresse surgiu no incidente do vestiário. Há uma teoria levantada (principalmente por William G. Throneberry e Julia Givens, Berkeley) de que o ressurgimento da habilidade TC naquele momento foi causado por fatores psicológicos (a reação das outras garotas e da própria Carrie ao primeiro período menstrual) e fisiológicos (o advento da puberdade).

E, por fim, nós sabemos que, na Noite do Baile, uma terceira situação de estresse aconteceu, provocando os eventos terríveis

que agora precisamos começar a discutir. Vamos começar com...

(eu não estou nervosa nem um pouco nervosa)

Tommy tinha passado lá mais cedo para levar sua flor, e agora ela a estava prendendo no ombro do vestido. Não havia mãe, claro, para fazer por ela e colocar no lugar certo, Mamãe tinha se trancado na capela e estava lá há duas horas, orando histericamente. A voz dela subia e descia em ciclos assustadores e incoerentes.

(desculpa mamãe mas não posso me lamentar)

Quando ficou satisfeita com a posição da flor, ela baixou as mãos e ficou parada por um momento de olhos fechados.

Não havia espelho de corpo inteiro na casa,

(vaidade vaidade tudo é vaidade)

mas ela achou que estava bem. *Tinha* que estar. Ela...

Ela abriu os olhos de novo. O cuco Black Forest, comprado com selos do programa de recompensas Green Stamps, dizia sete e dez.

(ele vai chegar em vinte minutos)

Será que ia mesmo?

Talvez tudo fosse uma peça elaborada, a pegadinha final, o grande arremate. Deixá-la sentada lá metade da noite com o vestido de baile de veludo molhado com a cintura princesa, mangas julieta e saia reta simples... e as rosas chá presas no ombro esquerdo.

Da outra sala, aumentando agora:

— ... na terra sagrada! Nós sabemos que trazeis o Olho Que Vigia, o horrível olho de três globos, e o som de trombetas negras. Nós nos arrependemos sinceramente...

Carrie não achava que alguém seria capaz de entender a coragem brutal que tinha sido necessária para ela aceitar aquilo,

para se deixar aberta para qualquer possibilidade temerosa que a noite pudesse trazer. Levar um bolo não era a pior delas. Na verdade, de uma forma sorrateira e sonhadora, ela achava que poderia ser melhor para ela se...

(não. para com isso)

Claro que seria mais fácil ficar com a Mamãe. Mais seguro. Ela sabia o que Eles achavam da Mamãe. Bom, talvez a Mamãe fosse fanática, uma aberração, mas pelo menos ela era previsível, a casa era previsível. Ela nunca voltava para casa e encontrava garotas gargalhando e berrando e jogando coisas.

E se ele não aparecesse, se ela recuasse e desistisse? O ensino médio acabaria em um mês. E depois? Uma existência sorrateira e subterrânea naquela casa, apoiada pela Mamãe, vendo jogos e novelas na televisão o dia inteiro na casa da sra. Garrison quando ela recebia a visita de Carrie (a sra. Garrison tinha 86 anos), andando até o centro para tomar um leite maltado depois do jantar no Kelly Companhia das Frutas quando estivesse vazio, engordando, perdendo a esperança, perdendo até a capacidade de pensar?

Não. Ah, Deus, por favor, não.

(por favor permita um final feliz)

— ... nos proteja d'e/e com o pé fendido, que espera nos becos e estacionamentos de bares de beira de estrada, ó Salvador...

Sete e vinte e cinco.

Com inquietação, sem pensar, ela começou a levantar objetos com a mente e a colocá-los no lugar, como uma mulher nervosa esperando alguém em um restaurante fica abrindo e dobrando o guardanapo. Ela conseguiu erguer seis objetos de uma vez sem

sinal de cansaço e dor de cabeça. Carrie ficou esperando que o poder diminuísse, mas continuou em alta sem sinal de baixar. Na outra noite, voltando para casa da escola, ela empurrou um carro estacionado

(ah por favor deus que não seja uma pegadinha)

por seis metros junto ao meio fio sem esforço nenhum. As pessoas na porta do fórum ficaram olhando como se os olhos fossem pular da cara, e claro que ela fez o mesmo, mas estava sorrindo por dentro.

O cuco saiu de dentro do relógio e falou uma vez. Sete e meia.

Ela tinha passado a ficar um pouco cautelosa com o esforço terrível que usar o poder parecia exercer no seu coração e pulmões e termostato interno. Ela desconfiava que seria possível que seu coração literalmente explodisse com o esforço. Era como estar no corpo de outra pessoa forçando-a a correr e correr e correr. Você não pagaria o preço; o outro corpo pagaria. Ela estava começando a perceber que seu poder talvez não fosse tão diferente dos faquires indianos, que andavam sobre carvão quente, enfiavam agulhas nos olhos ou se enterravam com alegria por períodos de até seis semanas. A mente acima da matéria em qualquer forma que seja é um esgotamento enorme dos recursos do corpo.

Sete e trinta e dois.

(ele não vem)

(não pense nisso panela vigiada não ferve ele vem)

(não ele não vem ele está rindo de você com os amigos e depois de um tempo eles vão passar aqui num daqueles carros velozes e barulhentos rindo e gritando e berrando)

Com infelicidade, ela começou a erguer a máquina de costura, balançando-a em arcos cada vez maiores no ar.

— ... e nos proteja também de filhas rebeldes imbuídas da obstinação do Maligno...

— *Cala a boca!* — gritou Carrie de repente.

Houve um silêncio sobressaltado por um momento, mas a falação recomeçou.

Sete e trinta e três.

Não vem.

(então eu vou destruir a casa)

O pensamento lhe ocorreu naturalmente, de forma limpa. Primeiro a máquina de costura jogada pela parede da sala. O sofá por uma janela. Mesas, cadeiras, livros e folhetos voando, o encanamento arrancado ainda jorrando água, como artérias arrancadas da carne. Até o telhado, se o poder dela fosse capaz, telhas explodindo noite acima como pombos sobressaltados...

A janela foi banhada com luzes espalhafatosas.

Outros carros tinham passado e feito seu coração dar pulinhos, mas aquele estava indo bem mais devagar.

(ah)

Ela correu até a janela sem conseguir se segurar, e era ele, Tommy, saindo do carro, e mesmo debaixo da luz do poste ele estava lindo e vivo e quase... estalando. A palavra estranha fez com que ela tivesse vontade de rir.

Mamãe tinha parado de orar.

Ela pegou a estola de seda no encosto da cadeira e a colocou em volta dos ombros expostos. Mordeu o lábio, tocou no cabelo e teria

vendido a alma por um espelho. A campainha no saguão soltou seu ruído estridente.

Ela se obrigou a esperar o segundo toque, controlando o tremor nas mãos. Só aí ela andou devagar, com um ruído sedoso.

Ela abriu a porta e ele estava ali, quase ofuscante com o paletó branco e a calça preta.

Eles se olharam e nenhum dos dois disse nada.

Ela sentiu que seu coração se partiria se ele fizesse o som errado e, se ele risse, ela morreria. Ela sentiu (fisicamente, de verdade) sua vida infeliz inteira se estreitar a um ponto que podia ser o fim ou o começo de um raio de luz cada vez mais amplo.

Enfim, sem conseguir evitar, ela disse:

— Gostou de como estou?

— Você está linda — disse ele.

Ela estava.

De *A explosão sombria* (p. 131):

Enquanto os que iam ao Baile de Primavera da Ewen estavam se reunindo na escola ou saindo de bufês pré-Baile, Christine Hargensen e William Nolan se encontraram em um quarto acima de uma taverna nos limites da cidade chamada The Cavalier. Nós sabemos que eles se encontravam lá havia algum tempo; isso está nos registros da Comissão White. O que não sabemos é se os planos deles estavam completos e irrevogáveis ou se foram em frente quase de impulso...

— Já está na hora? — perguntou ela no escuro.

Ele olhou para o relógio.

— Não.

Baixinho, através do piso de tábuas, veio a batida da jukebox tocando *She's Got To Be a Saint*, de Ray Price. Chris refletiu que o Cavalier não mudava os discos desde a primeira vez que ela foi lá com identidade falsificada dois anos antes. Claro que, na época, ela ficou embaixo, no salão do bar, não em um dos “especiais” de Sam Deveau.

O cigarro de Billy se moveu com agitação na escuridão, como o olho de um demônio inquieto. Ela o observou com introspecção. Não tinha deixado que ele dormisse com ela até a segunda-feira anterior, quando ele prometeu que ele e os amigos a ajudariam a pregar a peça em Carrie White se ela realmente ousasse ir ao baile com Tommy Ross. Mas eles tinham ido lá antes e dado uns amassos intensos; o que ela pensava como amor juvenil e ele chamaria, com sua capacidade infalível de preferir o vulgar, de esfregação.

Ela pretendia fazê-lo esperar até ele ter *feito* alguma coisa de verdade,

(mas claro ele conseguiu o sangue)

mas tudo começou a escapar do controle dela, e ela ficou inquieta. Se não tivesse cedido na segunda-feira, ele a teria tomado à força.

Billy não foi seu primeiro amante, mas foi o primeiro que ela não conseguia manipular de acordo com sua vontade. Antes dele, os garotos foram marionetes inteligentes com rostos limpos e sem espinhas e pais com conexões e títulos do country clube. Eles dirigiam seus próprios Volkswagens ou Javelins ou Dodge Chargers.

Estudavam na Universidade do Massachusetts ou na Faculdade de Boston. Usavam jaquetas de fraternidades no outono e camisetas com as mangas cortadas com listras coloridas no verão. Fumavam muita maconha e falavam sobre as coisas engraçadas que aconteciam quando eles estavam chapados. Eles começavam tratando-a com companheirismo condescendente (todas as garotas de ensino médio, por mais bonitas que fossem, eram inferiores) e sempre acabavam correndo atrás dela com luxúria ofegante e subserviente. Se eles corressem o suficiente e passassem tempo suficiente no processo, ela costumava deixar que eles fossem para a cama com ela. Era comum que ela ficasse deitada passivamente embaixo deles, sem ajudar nem atrapalhar, até acabar. Mais tarde, ela chegava ao próprio clímax solitário enquanto via o incidente como uma lembrança encerrada.

Ela conheceu Billy Nolan depois de uma batida atrás de drogas em um apartamento de Portland. Quatro estudantes, inclusive o acompanhante de Chris naquela noite, foram presos por porte de drogas. Chris e as outras garotas foram acusadas de estarem no local. O pai dela cuidou de tudo silenciosamente e perguntou se ela sabia o que aconteceria com a imagem e com o trabalho dele se a filha desse sofresse uma acusação relacionada a drogas. Ela falou que duvidava que alguma coisa pudesse fazer mal a algum dos dois e ele tirou o carro dela.

Billy ofereceu a ela carona da escola para casa uma semana depois e ela aceitou.

Ele era o que os outros chamavam de aprendiz de mecânico. Mas alguma coisa nele a excitava e, agora, deitada sonolenta naquela cama ilícita (mas com uma sensação crescente de excitação e

medo prazeroso), ela achou que podia ter sido o carro dele, ao menos no começo.

Estava a um milhão de quilômetros dos veículos modernos e anônimos dos seus garotos de fraternidade com janelas sem quebra-vento, volantes móveis e o cheiro vagamente desagradável de cobertura plástica de assento e solvente de para-brisa.

O carro do Billy era velho, escuro, meio sinistro, o para-brisa estava leitoso nas bordas, como se houvesse catarata começando a se formar. Os assentos estavam soltos. Havia garrafas de cerveja tilintando no banco de trás (seus garotos de fraternidade bebiam Budweiser; Billy e os amigos bebiam Rheingold), e ela precisava colocar os pés em volta de uma caixa de ferramentas Craftsman enorme, suja de graxa e sem tampa. As ferramentas dentro eram de muitas marcas diferentes e ela desconfiava que muitas eram roubadas. O carro tinha cheiro de óleo e gasolina. O som do escapamento passava alto pelo piso fino. Uma fileira de sintonizadores embaixo do painel registrava amperes, pressão de óleo e tacômetro (o que quer que isso fosse). As rodas traseiras eram levantadas e o capô parecia apontar para a rua.

E, claro, ele dirigia rápido.

Na terceira ida para casa, um dos pneus carecas da frente estourou a noventa e cinco quilômetros por hora, o carro saiu deslizando ruidosamente e ela gritou alto, segura de repente da própria morte. Uma imagem do seu cadáver quebrado e ensanguentado, jogado na base de um poste telefônico como uma pilha de trapos, surgiu na mente dela como uma fotografia de tabloide. Billy xingou e virou o volante com capa peludinha de um lado para o outro.

Eles pararam no acostamento esquerdo, e, quando ela saiu do carro com joelhos que ameaçavam se dobrar a cada passo, ela viu que eles tinham deixado um rastro de borracha queimada por vinte metros.

Billy já estava abrindo o porta-malas, tirando um macaco e falando sozinho. Nem um fio de cabelo tinha saído do lugar.

Ele passou para ela um cigarro que já estava no canto da boca.

— Me traz aquela caixa de ferramentas, gata.

Ela ficou perplexa. Abriu e fechou a boca duas vezes, como um peixe fora d'água, antes de conseguir falar as palavras.

— Eu... não vou! Você quase m... você... quase... seu *filho da mãe maluco!* Além do mais, está *suja!*

Ele se virou e olhou para ela, os olhos sérios.

— Se você não trouxer, não te levo pra porra da luta amanhã à noite.

— Eu odeio luta! — Ela nunca tinha ido a uma, mas sua raiva e seu ultraje eram absolutos. Seus garotos de fraternidade a levavam a shows de rock, que ela odiava. Eles sempre acabavam ao lado de alguém que tinha ficado semanas sem tomar banho.

Ele deu de ombros, voltou para a frente e começou a levantar o carro no macaco.

Ela levou a caixa de ferramentas, sujando o suéter novinho todo de graxa. Ele grunhiu sem se virar. A camiseta tinha saído de dentro da calça jeans e a pele das costas dele era lisa, bronzeada, cheia de músculos. Fascinou-a, e ela sentiu a língua ir até o canto da boca. Ela o ajudou a tirar o pneu da roda e sujou as mãos de graxa. O carro balançou de forma alarmante sobre o macaco, e o estepe estava careca até a lona em duas partes.

Quando o trabalho terminou e ela entrou no carro de novo, havia manchas de graxa no suéter e na saia vermelha cara que ela estava usando.

— Se você acha... — disse ela quando ele entrou atrás do volante.

Ele deslizou pelo banco e a beijou, as mãos se movendo sobre seu corpo, da cintura até os seios. O hálito dele fedia a tabaco; havia cheiro de creme modelador Brylcreem e suor. Ela interrompeu o beijo e olhou para baixo, ofegante. O suéter estava sujo de graxa e terra agora. Vinte e sete dólares e cinquenta centavos na Jordan Marsh e estava pronto para a lata de lixo. Ela estava intensa e quase dolorosamente excitada.

— Como você vai explicar isso? — perguntou ele, e a beijou de novo. A sensação da boca de Billy era de que ele estava sorrindo.

— Passa a mão em mim — disse ela no ouvido dele. — Passa a mão em mim todinha. Me suja.

Ele fez isso. Uma meia de náilon se abriu como uma boca aberta. A saia dela, que já era curta, foi empurrada para cima até a cintura. Ele tateou avidamente, sem refinação nenhuma. E algo, talvez, só talvez, aquele contato repentino com a morte, a levou a um orgasmo repentino e agitado. Ela foi à luta com ele.

— Quinze pras oito — disse ele ao se sentar na cama. Acendeu o abajur e começou a se vestir. O corpo dele ainda a fascinava. Ela pensou na noite da segunda-feira passada e como tinha sido. Ele tinha...

(não)

Talvez houvesse tempo para pensar sobre isso depois, quando fosse servir para alguma coisa além de provocar excitação inútil. Ela

virou as pernas para fora da cama e vestiu a calcinha transparente.

— Talvez seja má ideia — disse ela, sem saber se o teste era para ele ou para si mesma. — Talvez nós devêssemos voltar pra cama e...

— É uma boa ideia — disse ele, e uma sombra de humor perpassou seu rosto. — Sangue de porca pra uma porca.

— O quê?

— Nada. Vamos. Se veste.

Ela fez isso, e quando eles saíram pela escada dos fundos, ela sentiu uma grande empolgação florescendo, como uma gavinha voraz que florescia à noite, na barriga.

De Meu nome é Susan Snell (p. 45):

Sabe, eu não lamento tanto tudo quanto as pessoas acham que eu devia lamentar. Não que digam abertamente; são *e/les* que sempre dizem o quanto lamentam. Isso costuma ser antes de pedirem meu autógrafo. Mas esperam que você lamente. Esperam que você fique chorosa, que use muito preto, que beba demais ou use drogas. Dizem coisas como: “Ah, é uma pena. Mas você sabe o que aconteceu com ela...” e blá-blá-blá.

Mas lamentar é o suco artificial de todas as emoções humanas. É o que você diz quando derruba uma xícara de café ou arremessa a bola na vala quando está jogando boliche com as garotas na liga. O sofrimento verdadeiro é tão raro quanto o verdadeiro amor. Eu não lamento mais que Tommy esteja morto. Ele se tornou muito mais uma fantasia que eu tive um dia. Você deve achar isso cruel, mas muita água já rolou desde a Noite do Baile. E eu não lamento minha

aparição na Comissão White. Eu falei a verdade — o tanto dela quanto eu sabia.

Mas eu lamento por Carrie.

Eles a esqueceram, sabe. Eles a transformaram numa espécie de símbolo e esqueceram que ela era um ser humano tão real quanto você que está lendo isso, com esperanças e sonhos e blá-blá-blá. É inútil dizer isso, acho. Nada pode transformá-la de volta, de uma coisa feita de jornais e manchetes a uma pessoa. Mas ela era, e ela sofreu. Mais do que qualquer um de nós sabe, ela sofreu.

E por isso eu lamento e espero que tenha sido bom para ela, aquele baile. Até o terror começar, espero que tenha sido bom e divertido e maravilhoso e mágico...

Tommy entrou no estacionamento ao lado da ala nova da escola, deixou o motor ligado por um segundo e o desligou. Carrie continuou sentada, segurando a estola de seda nos ombros expostos. De repente, ela teve a sensação de que estava vivendo um sonho de intenções escondidas e de que tinha acabado de ficar ciente do fato. O que ela podia estar fazendo? Ela tinha deixado a Mamãe sozinha.

— Nervosa? — perguntou ele, e ela deu um salto.

— Sim.

Ele deu uma risada e saiu do carro. Ela estava prestes a abrir a porta quando ele fez isso por ela.

— Não fique nervosa — disse ele. — Hoje você é Galateia.

— Quem?

— Galateia. Nós lemos sobre ela na aula da professora Evers. Ela se transformou de escrava em uma mulher linda e ninguém a

reconheceu.

Ela refletiu.

— Eu quero que me reconheçam — disse ela por fim.

— Eu entendo. Vamos.

George Dawson e Frieda Jason estavam perto da máquina de Coca. Frieda estava usando um vestido de tule laranja e estava meio parecida com uma tuba. Donna Thibodeau estava recebendo os ingressos na porta junto com David Bracken. Eles eram ajudantes da Sociedade de Honra Nacional, parte da Gestapo pessoal da srta. Geer, e estavam usando calças brancas e blazers vermelhos, as cores da escola. Tina Blake e Normal Watson estavam distribuindo programas e levando as pessoas aos lugares de acordo com o planejamento. Ambas estavam de preto, e Carrie achou que elas deviam se achar muito chiques, mas elas pareciam vendedoras de cigarro de um filme antigo de gângsters.

Todos se viraram para olhar para Tommy e Carrie quando eles entraram e, por um momento, houve um silêncio rígido e constrangedor. Carrie sentiu uma vontade enorme de molhar os lábios, mas a controlou. George Dawson disse:

— Caramba, você está parecendo um viadinho, Ross.

Tommy sorriu.

— Quando você desceu das árvores, Bomba?

Dawson se adiantou com os punhos erguidos e, por um instante, Carrie sentiu pavor puro. Em seu estado tenso, ela esteve a um segundo de levantar George e o jogar do outro lado do saguão. Mas percebeu que era uma brincadeira antiga, repetida muitas vezes, adorada.

Os dois lutaram em círculo. E George, que levou dois socos nas costelas, começou a gritar:

— Mata os vietcongues! Pega os olhinhos puxados! Vara de bambu! Jaula de tigre! — E Tommy baixou a guarda, rindo.

— Não deixe que isso te incomode — disse Frieda, inclinando para cima o nariz pontudo que mais parecia um abridor de cartas e se aproximando. — Se eles se matarem, eu danço com você.

— Eles parecem idiotas demais pra alguém acabar morto — arriscou Carrie. — Tipo dinossauros. — E quando Frieda sorriu, ela sentiu uma coisa bem estranha e enferrujada se soltar dentro dela. Um calor acompanhou a sensação. Alívio. Calma.

— Onde você comprou esse vestido? — perguntou Frieda. — Eu adorei.

— Eu que fiz.

— Fez? — Frieda arregalou os olhos com surpresa genuína. — Está de sacanagem!

Carrie sentiu que ficou furiosamente vermelha.

— Eu fiz mesmo. Eu... eu gosto de costurar. Comprei o material na John's, em Andover. O molde na verdade é bem fácil.

— Vem — disse George para todos em geral. — A banda vai começar. — Ele revirou os olhos e fez uma dança engraçada balançando os braços. — Vibra, vibra, vibra. Os olhinhos puxados adoram uma boa vibração Fender.

Quando eles entraram, George estava fazendo imitações de Flash Bobby Pickett e fazendo careta. Carrie estava contando a Frieda sobre o vestido e Tommy estava sorrindo, as mãos enfiadas nos bolsos. Isso estragava os vincos do paletó, Sue diria, mas foda-se, a

coisa toda parecia estar funcionando. Até ali, tudo estava indo muito bem.

Ele e George e Frieda tinham menos de duas horas de vida.

De *A explosão sombria* (p. 132):

A posição da Comissão White sobre o gatilho da história toda — dois baldes de sangue de porco em uma viga acima do palco — parece ser claramente fraca e vacilante, mesmo à luz de tão poucas provas concretas. Se escolhermos acreditar em evidências comentadas pelo círculo imediato de amigos de Nolan (e, sendo bem franco, eles não parecem inteligentes o suficiente para mentir de forma convincente), então Nolan tirou essa parte da conspiração das mãos de Christine Hargensen e agiu por iniciativa própria...

Ele não falou enquanto dirigia; ele gostava de dirigir. Dava a ele uma sensação de poder à qual nada se igualava, nem mesmo trepar.

A rua se desenrolava à sua frente em pretos e brancos fotográficos, e o velocímetro tremia acima de cento e dez. Ele vinha do que os assistentes sociais chamavam de lar desfeito; seu pai tinha ido embora de casa depois da falência de um empreendimento mal gerenciado num posto de gasolina quando Billy tinha 12 anos, e sua mãe havia tido quatro namorados até a última contagem. Brucie era o favorito até agora. Ele era um homem que bebia uísque Seagram's 7. E ela estava ficando uma coisa muito feia.

Mas o carro; o carro lhe dava força e glória a partir de sua linha mística de força. Ele o tornava alguém a considerar, alguém com *poder*. Não era acidente ele ter trepado quase sempre no banco de

trás. O carro era seu escravo e seu deus. Dava e podia tirar. Billy o usara para tirar muitas vezes. Em noites longas e insones em que sua mãe e Brucie brigavam, Billy fazia pipoca e saía de carro atrás de cachorros de rua. Em algumas manhãs, ele deixava o carro entrar com o motor desligado na garagem que ele tinha construído atrás da casa com o para-choque dianteiro pingando.

Ela já conhecia bem os hábitos dele e não se deu ao trabalho de puxar uma conversa que seria simplesmente ignorada. Só ficou sentada com uma perna dobrada sob o corpo, mordendo um nó de dedo. As luzes nos carros passando por eles na 302 se refletiam de leve no cabelo dela, deixando-o com mechas prateadas.

Ele se perguntou quanto tempo ela duraria. Talvez não muito depois daquela noite. De alguma forma, tudo tinha levado àquilo, até mesmo a parte inicial, e quando acabasse a cola que os unia ficaria fina e podia se dissolver, deixando-os se perguntando como aquilo pôde acontecer. Ele achou que ela começaria a parecer menos uma deusa e mais uma piranha típica da sociedade de novo, e isso o faria querer bater um pouco nela. Talvez muito. Talvez dar uma lição nela.

Eles subiram a colina Brickyard e lá estava a escola abaixo deles, o estacionamento cheio dos carros brilhantes e enormes dos papai-zinhos. Ele sentiu a repulsa e o ódio familiares subirem pela garganta. Eles vão ver só uma coisa

(uma noite memorável)

mesmo. Nós podemos fazer isso.

As alas das salas de aula estavam escuras e silenciosas e desertas; o saguão estava iluminado com um brilho amarelo padrão e a fileira de vidro que era o lado leste do ginásio brilhava com uma

luz suave e alaranjada que era etérea, quase fantasmagórica. Novamente, o gosto amargo e a vontade de jogar pedras.

— Estou vendo luzes, as luzes da festa — murmurou ele.

— Hã? — Ela se virou para ele, sobressaltada, arrancada dos pensamentos.

— Nada. — Ele tocou na nuca dela. — Acho que vou deixar você puxar a corda.

Billy fez tudo sozinho porque sabia perfeitamente bem que não podia confiar em mais ninguém. Tinha sido uma lição difícil, bem mais difícil do que as que ensinavam na escola, mas ele tinha aprendido bem. Os garotos que foram com ele à fazenda do Henty na noite anterior nem sabiam para que ele queria o sangue. Deviam desconfiar que Chris estava envolvida, mas não tinham como ter certeza nem disso.

Ele dirigiu até a escola minutos depois que a noite de quinta virou madrugada de sexta e passou duas vezes para ter certeza de que estava vazia e de que nenhuma das duas viaturas da polícia de Chamberlain estava na área.

Ele entrou no estacionamento com os faróis desligados e foi até o fundos do prédio. Mais ao fundo, o campo de futebol americano cintilava embaixo de uma membrana fina de neblina rente ao chão.

Ele abriu o porta-malas e o cooler. O sangue tinha congelado, mas tudo bem. Teria vinte e quatro horas para descongelar.

Ele botou os baldes no chão e tirou algumas ferramentas da caixa. Enfiou todas no bolso de trás e pegou um saco de papel no banco. Parafusos tilintaram dentro.

Ele trabalhou sem pressa, com a concentração tranquila de alguém incapaz de conceber interrupção. O ginásio onde o baile aconteceria também era o auditório da escola, e a fileira de janelas virada para onde ele tinha estacionado dava na área de depósito nos fundos.

Ele pegou uma ferramenta achatada com espátula na ponta e enfiou na pequena junção entre a vidraça superior e a inferior de uma janela. Era uma boa ferramenta. Ele mesmo a tinha feito na oficina de metais de Chamberlain. Ele a mexeu até a tranca da janela se soltar. Ele empurrou a janela para cima e entrou.

Estava muito escuro. O odor predominante era o de tinta velha das telas do Clube de Teatro. As sombras esquálidas dos suportes de partitura e caixas de instrumentos musicais da Sociedade da Banda pareciam sentinelas. O piano do sr. Downer ocupava um canto.

Billy tirou uma pequena lanterna da bolsa e foi até o palco e passou pelas cortinas de veludo vermelho. O chão do ginásio, com as linhas de beisebol pintadas e a superfície muito encerada, cintilava como uma lagoa âmbar. Ele apontou a lanterna para a parte do palco na frente da cortina. Ali, com linhas fantasmagóricas de giz, alguém tinha desenhado a silhueta dos tronos de Rei e Rainha que seriam posicionados no dia seguinte. O palco todo ficaria coberto de flores de papel... só Deus sabia por quê.

Ele esticou o pescoço e apontou a lanterna para as sombras. Acima, vigas de metal se cruzavam em linhas escuras. As vigas acima da pista de dança tinham sido cobertas de papel crepom, mas a área diretamente acima do palco não tinha sido decorada. Uma cortina curta escondia as vigas de lá, invisíveis do chão do ginásio.

A cortina também escondia as lâmpadas que iluminariam o mural da gôndola.

Billy apagou a lanterna, foi até o lado esquerdo do palco e subiu numa escada de degraus de aço presa à parede. O conteúdo do saco de papel, que ele tinha enfiado na camisa para proteger, tilintou com uma alegria estranha e seca no ginásio deserto.

No alto da escada havia uma pequena plataforma. Agora, virado para o palco, o sistema de cordas ficava à direita e o ginásio em si à esquerda. Os adereços do Clube de Teatro ficavam perto das cordas, alguns até de 1920. Um busto de Palas, usado em uma versão dramática antiga de “O corvo”, de Poe, olhou para Billy com olhos cegos e flutuantes acima de uma mola de cama enferrujada. À frente, uma viga de ferro passava em cima do palco. As luzes a serem usadas no mural estavam aparafusadas nela.

Ele foi até lá e andou sem esforço e sem medo mesmo com a queda abaixo. Estava cantarolando uma melodia popular baixinho. A viga estava coberta de poeira e ele deixou pegadas. Na metade, ele parou, se apoiou de joelhos e olhou para baixo.

Sim. Com a ajuda da lanterna, dava para ver as linhas de giz abaixo. Ele soltou um assovio sem som.

(lá vem a bomba)

Ele marcou com um X o lugar certinho na poeira e voltou andando pela viga até a plataforma. Ninguém subiria lá entre aquele momento e a noite do Baile; a luz que apontava para o mural e para o palco onde o Rei e Rainha seriam coroados

(eles vão ser coroados de verdade)

era controlada de uma cabine nos bastidores. Qualquer pessoa que olhasse para cima ficaria cego por elas. Sua arrumação só seria

vista se alguém subisse nas cordas para alguma coisa. Ele não achava que alguém fosse. Era um risco aceitável.

Ele abriu o saco de papel e tirou um par de luvas de borracha, colocou-as e tirou duas pequenas polias que ele tinha comprado no dia anterior. A compra foi feita em uma loja de ferramentas em Boxford, só por garantia. Ele botou uns pregos na boca como se fossem cigarros e pegou o martelo. Ainda cantarolando com a boca cheia de pregos, ele prendeu a polia no canto acima da plataforma. Ao lado, ele prendeu um pitão pequeno.

Ele desceu a escada, atravessou os bastidores e subiu em outra escada, não muito longe da outra da qual ele tinha descido. Ele estava no mezanino, uma espécie de sótão da escola para guardar tudo. Ali havia pilha de anuários velhos, uniformes de esportes comidos por traças e livros antigos roídos por ratos.

Ao olhar para a esquerda, ele podia apontar a lanterna por cima das cordas e ver a polia que tinha acabado de prender. Ao virar para a esquerda, o ar fresco da noite brincou no rosto dele vindo de uma abertura de ventilação na parede. Ainda cantarolando, ele pegou a segunda polia e a prendeu.

Ele desceu a escada, saiu pela janela que tinha arrombado e pegou as duas latas de sangue de porco. Ele estava preparando tudo havia meia hora, mas o sangue nem tinha dado sinal de derreter. Ele pegou as duas latas e andou até a janela, delineado no escuro como um fazendeiro voltando de tirar o leite das vacas. Ele os colocou dentro e entrou.

Andar na viga foi mais fácil com uma lata em cada mão, para dar equilíbrio. Quando chegou no X marcado na poeira, ele colocou as latas na viga, olhou de novo para as marcas de giz no palco e voltou

para a plataforma. Pensou em limpar os baldes na sua última ida até lá (pois as digitais do Kenny estariam nele, assim como do Don e do Steve), mas era melhor não. Talvez eles tivessem uma pequena surpresa no sábado de manhã. A ideia fez seus lábios tremerem.

O último item na bolsa era um rolo de barbante de juta. Ele voltou para as latas e amarrou as alças das duas com nós corrediços. Enfiou o pitão e a roldana. Ele jogou o barbante desenrolado para a esquerda e prendeu o outro. Ele talvez não teria achado graça de saber que, na penumbra do auditório, coberto e manchado com poeira de décadas, com bolinhas de poeira voando no cabelo, ele parecia um Rube Goldberg corcunda e meio louco determinado a preparar a melhor ratoeira.

Ele colocou o barbante solto em cima de uma pilha de caixas ao alcance do vão de ventilação. Desceu a escada pela última vez e limpou as mãos. Estava feito.

Ele olhou pela janela, pulou-a e caiu no chão. Fechou a janela, enfiou a ferramenta de volta e a trancou da melhor maneira que pôde. E voltou para o carro.

Chris disse que havia boas chances de que Tommy Ross e a piranha White ficassem embaixo dos baldes; ela tinha feito uma promoção discreta entre as amigas. Seria bom se acontecesse. Mas, para Billy, qualquer um dos outros também seria bom.

Ele estava começando a achar que seria bom até se fosse a própria Chris.

Ele foi embora.

De Meu nome é Susan Snell (p. 48):

Carrie foi ver Tommy no dia anterior ao baile. Ela estava esperando do lado de fora de uma das salas dele e ele disse que ela estava com uma cara péssima, como se achasse que ele ia gritar com ela para parar de ir atrás dele e de o incomodar.

Ela disse que tinha que estar em casa no máximo às 23h30, senão sua mãe ficaria preocupada. Disse que não ia estragar a diversão dele nem nada, mas que não seria justo deixar sua mãe preocupada.

Tommy sugeriu que eles parassem no Kelly Companhia das Frutas depois para tomar uma gengibirra e comer um hambúrguer. Todos os outros jovens iriam a Westover e Lewiston, e eles teriam o ambiente só para eles. O rosto de Carrie se iluminou, ele disse. Ela falou que seria ótimo. Ótimo mesmo.

É essa garota que ficam chamando de monstro. Eu quero que você guarde isso na mente. A garota que era capaz de ficar satisfeita com um hambúrguer e uma gengibirra de dez centavos depois do único baile de escola da vida dela para a mãe não ficar preocupada...

A primeira coisa que Carrie percebeu quando eles entraram foi o Glamour. Não glamour, mas Glamour. Lindas sombras ondulavam em chiffon, renda, seda, cetim. O ar estava carregado do odor de flores, o nariz ficava constantemente impressionado com isso. Garotas de vestidos bem abertos nas costas, com corpetes exibindo decotes, com cinturas império. Saias longas, saltos altos. Paletós brancos ofuscantes, faixas nas cinturas, sapatos pretos reluzentes de tão engraxados.

Algumas pessoas estavam na pista de dança, não muitas ainda, e na penumbra suave e agitada, elas eram espectros sem substância. Ela não queria vê-los como seus colegas. Queria que eles fossem belos estranhos.

A mão de Tommy estava firme em seu cotovelo.

— O mural ficou bonito — disse ele.

— Ficou — concordou ela com voz fraca.

Com uma luz suave embaixo dos spot laranja, o barqueiro estava apoiado com eterna indolência no leme enquanto o pôr do sol ardia ao redor e os prédios conspiravam juntos sobre águas urbanas. Ela soube de forma repentina e tranquila que aquele momento estaria sempre com ela, ao alcance da mão na memória.

Ela duvidava que todos eles sentissem, pois eles tinham visto o mundo, mas até George ficou em silêncio por um minuto enquanto ela olhava, e a cena, o cheiro, até o som da banda tocando um tema de cinema levemente reconhecível ficaram gravados para sempre dentro dela, e ela ficou em paz. Sua alma conheceu um momento de calma, como se tivesse sido desamassada e esticada com um ferro de passar roupa.

— Viiiibra — gritou George de repente, e levou Frieda para a pista de dança. Ele começou a fazer uma dança sarcástica ao som da música antiga e alguém assobiou para ele. George gritou, fez caras e bocas e iniciou uma dança breve de cossaco com os braços cruzados que o fez cair de bunda no chão.

Carrie sorriu.

— George é engraçado.

— É mesmo. Ele é um cara legal. Tem muita gente boa por aqui. Quer ir se sentar?

— Quero — disse ela, agradecida.

Ele foi até a porta e voltou com Norma Watson, cujo cabelo tinha sido preso em um penteado enorme e explosivo para a festa.

— É do outro LADO — disse ela, e seus olhos brilhosos de esquilo avaliaram Carrie de cima a baixo, procurando uma alça aparecendo, uma explosão de espinhas, qualquer notícia para levar para a porta quando sua tarefa terminasse. — Que vestido LINDO, Carrie. Onde você COMPROU?

Carrie contou enquanto Norma contornava com eles a pista de dança até a mesa. Ela exalava odores de sabonete Avon, perfume Woolworth's e chiclete Juicy Fruit.

Havia duas cadeiras dobráveis à mesa (decoradas e cobertas com o inevitável papel crepom), e a mesa em si estava coberta de papel crepom nas cores da escola. Acima havia uma vela em uma garrafa de vinho, um programa do baile, um lápis dourado pequeno e dois brindes de festa: gôndolas cheias de mix de frutas secas.

— Eu não ACREDITO — disse Norma. — Você está tão DIFERENTE. — Ela lançou um olhar estranho e furtivo para o rosto de Carrie que a deixou nervosa. — Você está RELUZINDO. Qual é seu SEGREDO?

— Eu sou a amante secreta de Don MacLean — disse Carrie. Tommy riu, mas disfarçou rapidamente. O sorriso de Norma diminuiu um pouco, e Carrie ficou impressionada com sua própria espirituosidade... e audácia. Essa era a cara de quando faziam piada com você. Como se uma abelha tivesse picado seu traseiro. Carrie percebeu que gostava de Norma ficar assim. Não era nem um pouco cristão.

— Bem, eu tenho que voltar — disse ela. — Não é DIVERTIDO, Tommy? — O sorriso dela foi solidário: *Não seria divertido se...*

— Tem suor frio descendo pelas minhas coxas como se fossem rios — disse Tommy seriamente.

Norma foi embora com um sorriso estranho e intrigado. As coisas não tinham sido como deveriam. Todo mundo sabia como as coisas tinham que ser com Carrie. Tommy riu de novo.

— Quer dançar? — perguntou ele.

Ela não sabia dançar, mas ainda não estava pronta para admitir *isso*.

— Vamos nos sentar por um minuto.

Enquanto ele segurava a cadeira, ela viu a vela e perguntou a Tommy se ele podia acendê-la. Seus olhares se encontraram sobre a chama. Ele esticou a mão e segurou a dela. E a banda continuou tocando.

De *A explosão sombria* (pp. 133-4):

Talvez façam um estudo completo da mãe de Carrie um dia, quando o assunto Carrie se tornar mais acadêmico. Eu mesmo talvez tente desenvolvê-lo, ao menos para ter acesso à árvore genealógica Brigham. Pode ser extremamente interessante saber que ocorrências estranhas podem ser encontradas em duas ou três gerações anteriores...

E há, claro, a informação de que Carrie foi para casa na Noite do Baile. Por quê? É difícil dizer o quanto os motivos de Carrie foram sãos naquela época. Ela pode ter ido para ter absolvição e perdão ou pode ter ido pelo expresso motivo de cometer matricídio. De qualquer modo, as provas físicas parecem indicar que Margaret White a estava esperando...

A casa estava completamente silenciosa.

Ela tinha saído.

À noite.

Saído.

Margaret White andou lentamente do quarto para a sala. Primeiro vieram o fluxo de sangue e as fantasias imundas que o Diabo enviou junto. Depois, esse Poder infernal que o Diabo deu para ela. Veio na época do sangue e na época dos pelos no corpo, claro. Ah, ela conhecia o Poder do Diabo. Sua própria avó tinha. Ela conseguia acender a lareira sem nem se levantar da cadeira de balanço junto da janela. Fazia seus olhos brilharem com

(não deixarás viver as feiticeiras)

uma espécie de brilho de bruxa. E às vezes, na mesa de jantar, o açucareiro girava loucamente como um dervixe. Sempre que acontecia, sua avó ria como louca e babava e fazia o sinal de mau olhado. Às vezes, ela ofegava como um cachorro num dia quente, e quando ela morreu de ataque cardíaco aos 66 anos, senil ao ponto da idiotice mesmo numa idade tão precoce, Carrie não tinha nem um ano de idade ainda. Margaret entrou no quarto dela menos de quatro semanas depois do enterro da avó e sua garotinha estava deitada no berço rindo e gorgolejando, vendo uma mamadeira pairando no ar acima da cabeça.

Margaret quase a matou na ocasião. Ralph a impediu.

Ela não devia ter deixado que ele a impedisse.

Agora, Margaret White estava no meio da sala. O Cristo no Calvário olhava para ela com os olhos magoados, sofridos, reprovadores. O cuco Black Forest tiquetaqueava. Eram oito e dez.

Ela conseguiu sentir, *sentir* de verdade o Poder do Diabo trabalhando em Carrie. Ele se espalhava, levantava e puxava como um demônio, fazia cócegas com seus dedinhos. Ela tinha decidido fazer seu trabalho de novo quando Carrie tinha três anos, quando a viu olhando em pecado para a piranha do diabo do quintal ao lado. E as pedras vieram, ela enfraqueceu. E o poder cresceu de novo, depois de treze anos. De Deus não se zomba.

Primeiro o sangue, depois o poder,
(você assina seu nome assina com sangue)

agora um garoto e dança e ele a levaria para um bar de beira de estrada depois, e a levaria para o estacionamento, e a possuiria no banco de trás, a tomaria...

Sangue, sangue fresco. Sangue estava sempre na raiz de tudo, e só sangue podia expiar.

Ela era uma mulher grande com braços enormes que produziam covinhas nos cotovelos, mas sua cabeça era surpreendentemente pequena no fim do pescoço forte e cheio de tendões. Já tinha tido um rosto bonito. Ainda era bonito de um jeito estranho e zeloso. Mas os olhos tinham assumido um brilho estranho, flutuante, e as linhas tinham se acentuado cruelmente em volta da boca contrariada e estranhamente fraca. O cabelo, quase todo preto um ano antes, agora estava todo branco.

A única forma de matar o pecado, o verdadeiro pecado sombrio, era afogá-lo no sangue de

(ela precisa ser sacrificada)

um coração arrependido. Deus entenderia isso e Ihe tinha concedido Seu dedo. Não tinha sido o Próprio Deus a ordenar que Abraão levasse o filho Isaac para a montanha?

Ela foi para a cozinha com os chinelos velhos e desfiados e abriu a gaveta de utensílios. A faca que elas usavam para carne era longa e afiada e levemente curva no meio de tanto ser afiada. Ela se sentou no banco alto perto da bancada, encontrou o pedaço de pedra no pratinho de alumínio e começou a esfregar no fio brilhante da lâmina com a atenção apática e absorta dos malditos.

O cuco Black Forest tiquetaqueou sem parar e enfim a ave pulou para fora para anunciar que eram oito e meia.

Na boca, ela sentia gosto de azeitona.

**O TERCEIRO ANO APRESENTA
O BAILE DE PRIMAVERA DE 1979**

27 de maio de 1979

Música de The Billy Bosman Band
Música de Josie and the Moonglows

ENTRETENIMENTO

“Cabaret” — Rodopio de bastão com Sandra Stenchfield
“500 Miles”
“Lemon Tree”
“Mr. Tambourine Man”
Música folk de John Swithen e Maureen Cowan
“The Street Where You Live”
“Raindrops Keep Fallin’ on My Head”
Coral da Escola Ewen
“Bridge Over Troubled Waters”

RESPONSÁVEIS

Sr. Stephens, srta. Geer, sr. e sra. Lublin, srta. Desjardin
Coroação às 22h
Lembre-se, é o SEU baile; torne-o memorável!

Quando ele perguntou uma terceira vez, Carrie teve que admitir que não sabia dançar. Ela não acrescentou que, agora que a banda

de rock tinha começado uma sequência de meia hora, ela se sentiria deslocada girando na pista.

(e pecaminosa)

Sim, e pecaminosa.

Tommy assentiu e sorriu. Ele se inclinou para a frente e disse que odiava dançar. Ela queria ir visitar outras mesas? Uma trepidação subiu rapidamente na garganta dela, mas ela assentiu. Sim, seria bom. Ele estava cuidando dela. Ela devia cuidar dele (mesmo que ele não esperasse); era parte do acordo. E ela se sentiu coberta pelo encantamento da noite. Ela ficou esperançosa de repente de que ninguém fosse esticar o pé ou colar discretamente um papel escrito “me chute” nas costas dela, nem borrifar água de um cravo de plástico na cara dela e se afastar rindo enquanto todo mundo também ria, apontava e assobiava.

E, se havia encantamento, não era divino e sim pagão.

(mamãe desamarra o avental eu estou crescendo)

e ela queria assim.

— Olha — disse ele quando eles se levantaram.

Duas ou três pessoas estavam empurrando os tronos de Rei e Rainha das coxias enquanto o sr. Lavoie, o zelador-chefe, os instruía com movimentos de mão na direção das marcas no palco. Ela os achou bem arturianos, os tronos, cobertos de branco ofuscante, decorados com flores reais e com faixas enormes de papel crepom.

— São lindos — disse ela.

— *Você é linda* — disse Tommy, e ela teve certeza nessa hora que nada de ruim podia acontecer naquela noite; talvez eles até

fossem escolhidos Rei e Rainha do Baile. Ela sorriu do seu próprio delírio.

Eram nove horas.

— Carrie? — disse uma voz com hesitação.

Ela estava tão absorta olhando a banda e a pista de dança e as outras mesas que não percebeu que alguém tinha se aproximado. Tommy tinha ido buscar ponche.

Ela se virou e viu a srta. Desjardin.

Por um momento, as duas só se olharam e a lembrança passou entre elas, comunicada

(ela me viu ela me viu nua e gritando e ensanguentada)
sem palavras nem pensamentos. Estava nos olhos dela.

Carrie disse, timidamente:

— Você está muito bonita, srta. Desjardin.

Ela estava mesmo. Estava usando um vestido reto prateado cintilante, um complemento perfeito para o cabelo louro, que estava preso. Um pingente simples estava pendurado no pescoço dela. Ela estava muito jovem, tão jovem a ponto de parecer uma convidada e não uma responsável.

— Obrigada. — Ela hesitou e botou a mão enluvada no braço de Carrie. — Você está linda — disse ela, e cada palavra carregava uma ênfase peculiar.

Carrie se sentiu corar de novo e baixou o olhar para a mesa.

— É muita gentileza sua dizer isso. Eu sei que não sou... não de verdade... mas obrigada mesmo assim.

— É verdade — disse Desjardin. — Carrie, qualquer coisa que tenha acontecido antes... bem, está tudo esquecido. Eu queria que você soubesse disso.

— Eu não tenho como esquecer — disse Carrie. Ela olhou para a frente. As palavras que subiram aos lábios dela foram: *Eu não culpo mais ninguém*. Ela as engoliu. Era mentira. Ela culpava todas e sempre culparia, e queria mais do que tudo ser sincera. — Mas acabou. Agora, acabou.

A srta. Desjardin sorriu, e seus olhos pareceram captar e segurar a mistura suave de luzes em um cintilar quase líquido. Ela olhou na direção da pista de dança e Carrie acompanhou o olhar dela.

— Eu me lembro do meu baile — disse Desjardin baixinho. — De saltos, eu era cinco centímetros mais alta do que o garoto com quem eu fui. Ele me deu uma flor que não combinava com o meu vestido. O escapamento do carro dele estava quebrado e o motor fazia... ah, uma barulheira horrível. Mas foi mágico, não sei por quê. Mas eu nunca tive outro encontro igual, nunca mais. — Ela olhou para Carrie. — Está sendo assim pra você?

— Está sendo muito bom — disse Carrie.

— Só isso?

— Não. Mais. Eu não poderia contar tudo. Pra ninguém.

Desjardin sorriu e apertou o braço dela.

— Você nunca vai esquecer — disse ela. — Nunca.

— Acho que você está certa.

— Divirta-se, Carrie.

— Obrigada.

Tommy chegou com dois copos de plástico com ponche quando Desjardin se afastou, contornou a pista de dança e foi na direção da mesa dos responsáveis.

— O que ela queria? — perguntou ele, colocando os copos na mesa com cuidado.

Carrie, olhando para ela, falou:

— Eu acho que ela queria pedir desculpas.

Sue Snell estava sentada em silêncio na sala de casa, costurando a barra de um vestido e ouvindo o disco *Long John Silver*, da Jefferson Airplane. Era velho e estava arranhado, mas a acalmava.

A mãe e o pai dela tinham saído. Eles sabiam o que estava acontecendo, ela tinha certeza, mas a tinham poupado dos discursos desajeitados do quanto estavam orgulhosos da Filhinha Deles ou do quanto estavam felizes de ela estar finalmente Crescendo. Ela ficou feliz de eles terem decidido deixá-la sozinha, porque ela ainda estava incomodada com seus próprios motivos e com medo de examiná-los a fundo, com medo de descobrir uma joia de egoísmo brilhando e piscando para ela do veludo preto do seu subconsciente.

Ela tinha feito; era suficiente. Ela estava satisfeita.

(talvez ele se apaixone por ela)

Ela ergueu o rosto como se alguém tivesse falado do corredor, um sorriso sobressaltado curvando seus lábios. Seria um final de contos de fadas mesmo. O príncipe se curva sobre a Bela Adormecida, encosta os lábios nos dela.

Sue, não sei como te dizer, mas...

O sorriso sumiu.

Sua menstruação estava atrasada. Quase uma semana. E ela sempre foi regular como um relóginho.

O toca-discos estalou; outro disco caiu. No silêncio repentino e breve, ela ouviu uma coisa dentro dela se virar. Talvez só sua alma.

Eram nove e quinze.

Billy dirigiu até a extremidade do estacionamento e entrou em uma vaga virada para a rampa de asfalto que levava à rodovia. Chris estava começando a sair e ele a puxou de volta. Os olhos dele brilhavam com ferocidade no escuro.

— O quê? — disse ela com nervosismo irritado.

— Usam os alto-falantes para anunciar o Rei e a Rainha — disse ele. — Depois, uma das bandas vai tocar o hino da escola. Isso vai querer dizer que eles vão estar sentados nos tronos, nos alvos.

— Eu sei disso tudo. Me solta. Está machucando.

Ele apertou o pulso dela ainda mais e sentiu os ossinhos se espremerem. Fez com que ele sentisse um prazer sombrio. Mas ela não gritou. Ela era boa.

— Me escuta bem. Eu quero que você saiba em que está se metendo. Puxa a corda quando a música estiver tocando. Puxa com força. Vai haver uma folguinha entre as polias, mas não muito. Quando você puxar e sentir os baldes virarem, *corre*. Não fica pra ouvir os gritos nem nada. Isso está longe de ser uma pegadinha engraçadinha. Isso é crime, sabe? Não te fazem pagar uma multa. Colocam na cadeia e jogam a chave pra trás.

Em se tratando de Billy, aquele era um grande discurso.

Os olhos dela só faiscaram para ele, cheios de raiva desafiadora.

— *Entendeu?*

— Entendi.

— Tudo bem. Quando os baldes virarem, eu vou correr. Quando chegar ao carro, vou embora dirigindo. Se você estiver nele, pode ir comigo. Se não estiver, vou te deixar. Se eu te deixar e você contar tudo, eu te mato. Você acredita em mim?

— Acredito. Tira a porra da mão de mim.

Ele tirou. Uma sombra involuntária de sorriso tocou no rosto dele.

— Tudo bem. Vai ser bom.

Eles saíram do carro.

Eram quase nove e meia.

Vic Mooney, presidente dos formandos, estava falando jovialmente no microfone:

— Muito bem, senhoras e senhores. Vão para os seus lugares, por favor. Está na hora de votar. Nós vamos escolher o Rei e a Rainha.

— Essa competição é um insulto às mulheres! — gritou Myra Crewes com amabilidade inquietante.

— Também é um insulto aos homens! — gritou George Dawson, e houve risadas generalizadas. Myra ficou em silêncio. Ela tinha feito seu protesto simbólico.

— Vão para os seus lugares, por favor! — Vic estava sorrindo no microfone, sorrindo e corando furiosamente, cutucando uma espinha no queixo. O barqueiro veneziano enorme atrás dele olhava sonhador por cima do ombro de Vic. — Hora de votar.

Carrie e Tommy se sentaram. Tina Blake e Norma Watson estavam distribuindo cédulas mimeografadas, e quando Norma botou uma na mesa deles e sussurrou “Boa SORTE!”, Carrie pegou a cédula e a observou. Sua boca se abriu.

— Tommy, nós estamos *nela*!

— É, eu vi — disse ele. — A escola vota em candidatos sozinhos e o acompanhante meio que vem junto. Bem-vinda a bordo. Quer recusar?

Ela mordeu o lábio e olhou para ele.

— Você quer recusar?

— Claro que não — disse ele com alegria. — Se você ganhar, só vai ter que ficar sentada lá em cima durante o hino da escola e dançar uma vez e acenar com um cetro e fazer cara de idiota. Tiram a sua foto para o anuário, para todo mundo te ver com cara de idiota.

— Em quem a gente vota? — Ela olhou em dúvida da cédula para o lápis pequeno ao lado do barquinho de frutas secas. — É mais seu pessoal do que meu. — Uma risadinha escapou dela. — Na verdade, eu não tenho pessoal.

Ele deu de ombros.

— Vamos votar em nós mesmos. Ao inferno com a falsa modéstia.

Ela riu alto e botou a mão sobre a boca. O som foi quase totalmente estranho para ela. Antes que pudesse pensar, ela circulou os nomes deles, o terceiro par de cima para baixo. O lápis quebrou na mão dela e ela levou um susto. Uma farpa arranhou a almofadinha de um dedo e uma gotinha de sangue surgiu.

— Você se machucou?

— Não. — Ela sorriu, mas de repente ficou difícil sorrir. A visão do sangue a desagradou. Ela o secou com o guardanapo. — Mas eu quebrei o lápis, era uma lembrança. Que burra, eu.

— Lá vem o barco — disse ele, e o empurrou na direção dela. — Tchu tchu. — A garganta dela fechou e ela teve certeza de que choraria e sentiria vergonha. Não foi o que aconteceu, mas seus olhos cintilaram como prismas e ela baixou a cabeça para ele não ver.

A banda estava tocando uma música de fundo enquanto ajudantes da Sociedade de Honra recolhiam as cédulas dobradas. Foram levadas para a mesa dos responsáveis perto da porta, onde Vic e o sr. Stephens e os Lublins apuraram o resultado. A srta. Geer supervisionou tudo com olhos sombrios.

Carrie sentiu uma tensão involuntária crescer nela, contraindo os músculos do estômago e das costas. Ela segurou a mão de Tommy com força. Era um absurdo, claro. Ninguém ia votar neles. No garanhão, talvez, mas não quando amarrado junto a um boi com roupa de menina. Seriam Frank e Jessica ou talvez Don Farnham e Helen Shyres. Ou... caramba!

Duas pilhas estavam ficando maiores do que as outras. O sr. Stephens terminou de separar os papéis e os quatro se revezaram para contar as pilhas grandes, que pareciam iguais. Eles juntaram as cabeças, conversaram e contaram de novo. O sr. Stephens assentiu, mexeu nas cédulas novamente como um homem prestes a dar uma cartada de pôquer e as devolveu a Vic. Ele subiu no palco e se aproximou do microfone. The Billy Bosman Band tocou um floreio. Vic sorriu com nervosismo, limpou a garganta no microfone e piscou por causa do ruído repentino de microfonia. Ele quase deixou os votos caírem no chão, que estava coberto de cabos elétricos, e alguém deu uma risadinha.

— Nós temos um impasse — disse Vic, sem jeito. — O sr. Lublin diz que é a primeira vez na história do Baile de Primavera...

— Desde quando ele está aqui? — resmungou alguém atrás de Tommy. — Século XIX?

— Nós temos um empate.

Isso gerou um murmúrio na multidão.

— Deu zero a zero? — gritou George Dawson, e houve algumas risadas. Vic abriu um sorriso tenso e quase deixou os votos caírem de novo.

— Sessenta e três votos para Frank Grier e Jessica MacLean e sessenta e três votos para Thomas Ross e Carrie White.

Isso foi seguido de um momento de silêncio e de aplausos repentinos e crescentes. Tommy olhou para sua acompanhante. A cabeça dela estava abaixada como se de vergonha, mas ele teve um sentimento repentino

(carrie carrie carrie)

não muito diferente do que teve quando a convidou para o baile. A mente dele parecia estar com algo alienígena se movendo dentro, chamando o nome de Carrie sem parar. Como se...

— Atenção! — disse Vic. — Se vocês puderem me dar sua atenção, por favor. — Os aplausos morreram. — Nós vamos ter uma votação de desempate. Quando as pessoas distribuindo as folhas de papel chegarem a vocês, escrevam o casal que vocês preferem.

Ele saiu da frente do microfone com expressão aliviada.

As folhas de papel foram distribuídas; tinham sido arrancadas apressadamente de programas do baile que tinham sobrado. A banda tocou sem que reparassem e as pessoas falaram com empolgação.

— Não estavam nos aplaudindo — disse Carrie, erguendo o olhar. A coisa que ele sentiu (ou achava que tinha sentido) tinha passado. — Não pode ter sido para nós.

— Talvez tenha sido pra você.

Ela olhou para ele, muda.

— Por que está demorando tanto? — sussurrou ela para ele. — Eu os ouvi aplaudir. Deve ter sido a hora. Se você fez merda... — O pedaço de barbante de juta estava entre os dois, intocado desde que Billy enfiou uma chave de fenda pelo buraco da ventilação e o puxou para fora.

— Não se preocupe — disse ele com calma. — Vão tocar o hino da escola. Sempre tocam.

— Mas...

— Cala a boca. Você fala demais. — A ponta do cigarro dele piscou pacificamente no escuro.

Ela se calou. Mas

(ah quando isso acabar você vai ver cara talvez você vá pra cama com os testículos doendo hoje)

sua mente repassou com fúria as palavras dele, arquivando-as. As pessoas não falavam com ela daquele jeito. Seu pai era advogado.

Faltavam sete minutos para as dez.

Ele estava segurando o lápis quebrado, pronto para escrever, quando ela tocou no pulso dele de leve, com hesitação.

— Não...

— O quê?

— Não vota na gente — disse ela por fim.

Ele ergueu as sobrancelhas com curiosidade.

— Por quê? Se está no inferno, abraça o capeta. É o que a minha mãe sempre diz.

(mãe)

Uma imagem surgiu na mente dela na mesma hora, sua mãe falando orações infinitas para um Deus enorme, sem face, colunar que vagava por estacionamento de bares de beira de estrada com uma espada de fogo na mão. O terror surgiu nela, sombrio, e ela precisou lutar com toda a sua força para segurá-lo. Ela não sabia explicar seu medo, a sensação de premonição. Só conseguiu sorrir com impotência e repetir:

— Não. Por favor.

Os ajudantes da Sociedade de Honra estavam recolhendo os papezinhos dobrados. Ele hesitou mais um momento e rabiscou *Tommy e Carrie* de repente no papel.

— Por você — disse ele. — Hoje tudo pra você tem que ser de primeira classe.

Ela não conseguiu responder, pois a premonição estava nela: o rosto da sua mãe.

A faca escorregou da pedra de amolar e em um instante cortou a palma da mão dela embaixo do polegar.

Ela olhou para o corte. Estava sangrando lentamente, um sangue denso, saindo dos lábios abertos da ferida, escorrendo pela mão e pingando no linóleo gasto do piso da cozinha. Que bom, então. Era bom. A lâmina tinha sentido gosto de carne e sangue. Ela não botou curativo, virou o fluxo sobre a lâmina cortante, deixando o sangue cobrir o brilho do metal, e começou a afiar de novo, alheia aos pingos que manchavam o vestido.

Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti.

Se era um versículo difícil, também era doce e bom. Adequado para os que se esgueiravam nas sombras de portas de motéis e no

mato atrás de boliches.

Arranca-o.

(ah e a música nojenta que tocam)

Arranca-

(as garotas mostram a calcinha que sua que sua sangue)

-o!

O cuco Black Forest começou a dar as dez e

(corta as tripas dela no chão)

se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti.

O vestido estava pronto e ela não conseguiu ver televisão nem pegar seus livros, nem podia ligar para Nancy. Não havia nada para fazer além de se sentar no sofá olhando para a escuridão da janela da cozinha e sentir um tipo de medo sem nome crescendo nela como um bebê cuja hora de nascer se aproxima.

Com um suspiro, ela começou a massagear os braços distraidamente. Estavam frios e arrepiados. Eram dez e doze e não havia motivo, nenhum motivo real, para sentir que o mundo estava chegando ao fim.

As pilhas estavam maiores desta vez, mas ainda pareciam idênticas. Novamente, houve três contagens para ter certeza. Vic Mooney foi para o microfone de novo. Ele parou por um momento, apreciando a sensação de tensão no ar, e anunciou apenas:

— Tommy e Carrie venceram. Por um voto.

Houve um silêncio mortal por um momento e os aplausos ocuparam o salão outra vez, alguns com tons satíricos. Carrie

inspirou com um sobressalto, e Tommy sentiu de novo (mas só por um segundo) aquela vertigem estranha na mente

(carrie carrie carrie carrie)

que pareceu apagar todo pensamento, exceto o nome e a imagem daquela garota estranha com quem ele estava. Por uma fração de segundo, ele ficou morrendo de medo.

Algo caiu no chão com um tilintar e na mesma hora a vela entre eles se apagou.

E Josie and the Moonglows começou a tocar uma versão rock de *Pompa e circunstância*, os ajudantes da Sociedade apareceram junto à mesa deles (quase como mágica; tudo tinha sido ensaiado meticulosamente pela srta. Geer, que, de acordo com boatos, comia os ajudantes lentos e desajeitados no almoço), um cetro enrolado em papel alumínio foi colocado na mão de Tommy, uma capa com uma luxuosa gola de pele foi jogada nos ombros de Carrie e eles foram levados pelo corredor central por um garoto e uma garota de blazers brancos. A banda continuou tocando. A plateia aplaudiu. A srta. Geer parecia vingada. Tommy Ross estava sorrindo com expressão confusa.

Eles foram levados ao palco pelos degraus e até se sentarem nos tronos. Os aplausos só cresciam. O sarcasmo tinha se perdido agora; era honesto e intenso, meio assustador. Carrie estava feliz de se sentar. Tudo estava acontecendo rápido demais. As pernas dela estavam tremendo e de repente, mesmo com o decote comparativamente alto do vestido, seus seios

(almofadinhasujas)

pareceram expostos demais. O som dos aplausos fez com que ela se sentisse tonta, quase bêbada. Parte dela estava convencida

de que era um sonho do qual ela acordaria com sentimentos misturados de perda e alívio.

Vic gritou no microfone:

— O Rei e a Rainha do Baile de Primavera de 1979, Tommy ROSS e Carrie WHITE!

Mais aplausos, aumentando, explodindo, estalando. Tommy Ross, nos momentos finais de sua vida agora, segurou a mão de Carrie e sorriu para ela, pensando que a intuição de Susie estava muito certa. Ela conseguiu sorrir para ele. Tommy

(ela estava certa e eu a amo bem eu amo essa aqui também essa carrie ela é linda e está certo e eu amo todas a luz a luz nos olhos dela)

e Carrie

(não consigo vê-los as luzes estão fortes demais consigo ouvir mas não consigo vê-los o vestiário se lembra do vestiário ah mamãe está alto demais eu quero descer eles estão rindo e prontos para jogar coisas e apontar e gritar de tanto rir eu não consigo ver eu não consigo ver está claro demais)

e o holofote sobre eles.

As duas bandas, em uma aliança repentina e fortuita de rock e metais, começaram o hino da escola. A plateia ficou de pé e começou a cantar, ainda aplaudindo.

Eram dez e sete.

Billy tinha acabado de flexionar os joelhos para fazê-los estalarem. Chris Hargensen estava ao lado dele com sinais crescentes de nervosismo. Suas mãos brincavam sem parar com as costuras da

calça jeans que ela estava usando e ela estava mordendo a maciez do lábio inferior, deixando-o machucado.

— Você acha que vão votar *neles*? — disse Billy baixinho.

— Vão — disse ela. — Eu armei tudo. Não vai nem chegar perto. Por que continuam aplaudindo? O que está acontecendo lá dentro?

— Não me pergunta, gata. Eu...

O hino da escola começou de repente, intensa e forte no ar suave de maio, e Chris deu um pulo, como se tivesse levado uma ferroadada. Um ruído de surpresa escapou dela.

Todos de pé para a Escola Thomas Eeeeeewen...

— Vai — disse ele. — Eles estão lá. — Os olhos dele cintilaram de leve no escuro. Um meio-sorriso estranho tinha surgido nas feições dele.

Ela lambeu os lábios. Os dois olharam para o barbante de juta.

Vamos erguer as faixas ao cééééu

— Cala a boca — sussurrou ela. Ela estava tremendo e ele achou que o corpo dela nunca tinha ficado tão exuberante e excitante. Quando aquilo acabasse, ele a possuiria até todas as outras experiências dela parecerem duas bombadinhas com o dedo mindinho de um viado. Ele ia entrar nela como milho quente em manteiga.

— Perdeu a coragem, gata?

Ele se inclinou para a frente.

— Eu não vou puxar por você, gata. Pode ficar lá até o inferno congelar.

Com orgulho usamos vermelho e braaaanco

Um som sufocado repentino que podia ter sido quase um grito saiu dela, e ela se inclinou para a frente e puxou o fio violentamente

com as duas mãos. Soltou-se com folga por um momento, fazendo-a pensar que Billy a estava enganando o tempo todo, que a corda não estava presa a nada. Mas então se esticou, ficou parada um segundo e passou pelas palmas das mãos dela com força, deixando uma ardência leve.

— Eu... — disse ela.

A música lá dentro deu uma parada confusa, dissonante. Por um momento, as vozes continuaram alheias, de repente pararam. Houve um momento de silêncio e alguém gritou. Silêncio de novo.

Eles se olharam no escuro, paralisados pelo ato real de uma forma que o pensamento nunca poderia ter feito. A respiração dela virou vidro na garganta.

Então, lá dentro, as risadas começaram.

Eram 22h25 e a sensação só estava piorando. Sue estava na frente do fogão apoiada em um pé, esperando o leite começar a ferver para ela poder jogar no pó de chocolate Nestlé. Duas vezes ela se preparou para subir e vestir a camisola, mas duas vezes ela parou, atraída sem motivo para a janela da cozinha que dava vista para a colina Brickyard e para a espiral da Route 6 que levava para a cidade.

Agora, quando a sirene no alto da prefeitura na rua principal começou a tocar na noite, subindo e descendo em ciclos de pânico, ela nem se virou no mesmo instante para a janela, só desligou o fogo do leite para que não queimasse.

A sirene da prefeitura tocava todos os dias ao meio-dia e só, exceto para chamar os bombeiros voluntários durante a época das queimadas de verão, em agosto e setembro. Era rigorosamente

para grandes desastres e o som foi sonhador e apavorante na casa vazia.

Ela foi até a janela, mas devagar. O grito da sirene subiu e desceu, subiu e desceu. Em algum lugar, cornetas começaram a tocar, como se para um casamento. Ela via seu próprio reflexo no vidro escuro, os lábios abertos, os lábios arregalados, mas logo a condensação da respiração obscureceu a imagem.

Uma lembrança meio esquecida voltou à mente dela. Quando pequena, na escola, eles fizeram exercícios de invasões aéreas. Quando a professora batia palmas e dizia “A sirene da cidade está tocando”, eles tinham que entrar embaixo da carteira e cobrir a cabeça com as mãos e esperar, fosse pela liberação ou pelos mísseis inimigos os transformarem em pó. Agora, na mente dela, de forma tão clara quanto uma folha plastificada,

(a sirene da cidade está tocando)

ela ouviu as palavras ressoarem na mente.

Bem abaixo, à esquerda, onde ficava o estacionamento da escola (o aro de lâmpadas de vapor de sódio o tornava um marco, embora o prédio da escola em si estivesse escondido na escuridão), uma fagulha piscou, como se Deus tivesse batido aço em pedra.

(é lá que ficam os tanques de óleo)

A fagulha hesitou e floresceu em laranja. Agora, dava para ver a escola, que estava pegando fogo.

Ela já estava indo para o armário pegar o casaco quando a primeira explosão sacudiu o chão embaixo dos pés dela e fez a louça da sua mãe tremer nos armários.

De *Nós sobrevivemos ao Baile Sombrio*, de Norma Watson (publicado na edição de agosto de 1980 do *The Reader's Digest* como um artigo da seção “Drama da Vida Real”):

... e aconteceu tão rápido que ninguém soube o que estava acontecendo. Nós estávamos de pé, aplaudindo e cantando o hino da escola. Eu estava à mesa dos ajudantes ao lado da porta principal, olhando para o palco e houve uma fagulha quando as luzes enormes acima do palco refletiram em algo metálico. Eu estava com Tina Blake e Stella Horan e acho que elas também viram.

De repente, houve uma coisa líquida vermelha no ar. Uma parte bateu no mural e escorreu. Eu soube na mesma hora, antes de cair neles, que era sangue. Stella Horan achou que era tinta, mas eu tive uma premonição, como tive na vez que meu irmão foi atropelado pelo caminhão de feno.

Eles ficaram encharcados. Foi pior para a Carrie. Ela parecia ter sido mergulhada num balde de tinta vermelha. Ela só ficou sentada. Nem se mexeu. A banda que estava mais perto do palco, Josie and the Moonglows, foi borrifada. O guitarrista principal tinha uma guitarra branca, que ficou toda manchada.

Eu disse: “Meu Deus, é sangue!”.

Quando eu falei isso, Tina gritou. Foi bem alto e soou claramente no auditório.

As pessoas tinham parado de cantar e tudo estava em silêncio total. Eu não consegui me mexer. Fiquei paralisada no lugar. Olhei para cima e havia dois baldes pendurados acima do trono, balançando e batendo um no outro. Ainda estavam pingando. De repente, eles caíram, com muito barbante atrás. Um deles acertou

Tommy Ross na cabeça. Fez um som bem alto, como o de um gongo.

Isso fez alguém rir. Não sei quem foi, mas não foi do jeito que uma pessoa ri quando vê uma coisa engraçada e divertida. Foi um riso áspero, histérico e horrível.

Nesse mesmo momento, Carrie arregalou bem os olhos.

Foi nessa hora que todo mundo começou a rir. Eu também ri. Que Deus me perdoe. Foi tão... estranho.

Quando eu era pequena, eu tive um livrinho de Walt Disney chamado *A canção do sul*, e tinha a história do tio Remus sobre o bebê de piche sentado na beira da estrada, parecendo um daqueles menestréis negros de antigamente, com a cara preta e olhos brancos enormes. Quando Carrie abriu os olhos, foi assim. Eram a única parte dela que não estava completamente vermelha. E a luz bateu neles e os deixou vidrados. Que Deus me perdoe, mas ela parecia Eddie Cantor fazendo aquele negócio de arregalar os olhos.

Foi isso que fez as pessoas rirem. Não deu para controlar. Foi uma daquelas situações em que você ri ou fica maluco. Carrie foi motivo de todas as piadas por tanto tempo que nós sentíamos que éramos parte de uma coisa especial naquela noite. Foi como se estivéssemos vendo uma pessoa voltar para a raça humana, e eu agradeci ao Senhor por isso. Mas aí, *aquilo* aconteceu. Aquele horror.

E não havia mais nada a fazer. Era rir ou chorar, e quem podia aceitar chorar por Carrie depois de todos aqueles anos?

Ela só ficou sentada lá, olhando para todo mundo, e as risadas foram crescendo, ficando mais e mais altas. As pessoas estavam com as mãos na barriga e se curvando para a frente e apontando

para ela. Tommy era o único que não estava olhando para ela. Ele estava meio caído na cadeira, como se tivesse pegado no sono. Mas não dava para perceber que ele estava machucado. Ele tinha ficado molhado demais.

E aí, o rosto dela... se partiu. Não sei como descrever. Ela levou as mãos ao rosto e ficou de pé cambaleando. Ela quase tropeçou nos próprios pés e caiu, e isso fez as pessoas rirem ainda mais. Ela meio que... pulou do palco. Foi como ver um sapo vermelho grande pular de uma vitória régia. Ela quase caiu de novo, mas manteve o equilíbrio.

A srta. Desjardin foi correndo até ela, e ela não estava mais rindo. Ela estava com os braços esticados para ela. Mas ela desviou e bateu na parede ao lado do palco. Foi uma coisa muito estranha. Ela não tropeçou nem nada. Foi como se alguém a tivesse empurrado, mas não tinha ninguém lá.

Carrie correu no meio das pessoas com as mãos segurando o rosto e alguém esticou o pé. Não sei quem foi, mas ela caiu de cara, deixando uma marca vermelha comprida no chão. E ela disse “Uff!”, eu lembro. Isso me fez rir bem mais, ouvir Carrie dizer Uff assim. Ela começou a engatinhar no chão, mas se levantou e saiu correndo. Ela passou correndo por mim. Dava para sentir o cheiro de sangue. Tinha cheiro de coisa ruim, podre.

Ela desceu dois degraus de cada vez e saiu pela porta. Sumiu.

As risadas foram sumindo, um pouco de cada vez. Algumas pessoas ainda estavam fazendo ruídos, soltando roncos. Lennie Brock estava com um lenço branco grande na mão, limpando os olhos. Sally McManus estava pálida, como se fosse vomitar, mas ainda estava rindo e não parecia conseguir parar. Billy Bosnan

estava parado ali com a batuta de maestro na mão, balançando a cabeça. O sr. Lublin estava sentado ao lado da srta. Desjardin, pedindo um lenço de papel. O nariz dela estava sangrando.

É preciso entender que isso tudo aconteceu em menos de dois minutos. Ninguém conseguiu entender direito. Todos estavam perplexos. Algumas pessoas estavam vagando, falando um pouco, mas não muito. Helen Shyres caiu no choro e isso fez alguns outros começarem a chorar também.

Alguém gritou: “Chamem um médico! Ei, chamem um médico, rápido!”.

Foi Josie Vreck. Ele estava no palco, ajoelhado ao lado de Tommy Ross, e seu rosto estava branco como papel. Ele tentou pegá-lo, e o trono caiu e Tommy rolou para o chão.

Ninguém se mexeu. Todo mundo só ficou olhando. Eu senti como se estivesse congelada. Meu Deus, essa era a única coisa que eu conseguia pensar. Meu Deus, meu Deus, meu Deus. E aí, um outro pensamento surgiu, e foi como se não fosse meu. Eu estava pensando em Carrie. E em Deus. Tudo estava meio misturado e foi horrível.

Stella olhou para mim e disse: “Carrie voltou”.

E eu falei: “É, isso mesmo”.

A porta do saguão bateu. O som foi como o de palmas. Alguém nos fundos gritou e a correria começou. As pessoas correram para a porta. Eu fiquei parada, sem acreditar. E, quando olhei, pouco antes da primeira pessoa chegar lá e começar a empurrar, eu vi Carrie olhando para dentro, o rosto todo sujo, como um indígena com pintura de guerra.

Ela estava sorrindo.

As pessoas estavam empurrando as portas, batendo nelas, mas as portas nem se mexiam. Quando mais gente se reuniu na frente delas, eu vi as primeiras pessoas a chegar serem esmagadas, grunhindo e com dificuldade de respirar. Mas não se abriram, e aquelas portas não podem ser trancadas. É a lei estadual.

O sr. Stephens e o sr. Lublin se aproximaram e começaram a afastar as pessoas, puxando paletós, saias, qualquer coisa. Todo mundo estava gritando e empurrando como gado. O sr. Stephens deu tapas em duas garotas e deu um soco no olho de Vic Mooney. Eles estavam gritando para as pessoas saírem pelas portas dos fundos. Alguns foram. Esses sobreviveram.

Foi nessa hora que começou a chover... pelo menos, foi o que eu achei que era no começo. Havia água caindo para todo lado. Eu olhei para cima e os sprinklers estavam funcionando no ginásio todo. A água estava caindo na quadra de basquete e respingando. Josie Vreck estava gritando para os caras da banda para desligarem os amplificadores e microfones correndo, mas todos tinham sumido. Ele pulou do palco.

O pânico nas portas parou. As pessoas recuaram, olhando para cima. Eu ouvi alguém — acho que Don Farnham — dizer: “Isso vai estragar a quadra de basquete”.

Algumas outras pessoas foram olhar Tommy Ross. Na mesma hora, eu soube que queria sair de lá. Eu segurei a mão de Tina Blake e disse: “Vamos correr. Rápido”.

Para chegar às portas de incêndio, é preciso seguir um corredor curto à esquerda do palco. Havia sprinklers lá também, mas não estavam ligados. E as portas estavam abertas — eu vi algumas pessoas saírem correndo. Mas a maioria estava parada em

grupinhos, se olhando. Alguns estavam olhando para a mancha de sangue onde Carrie caiu, a água lavando tudo.

Eu peguei a mão de Tina e comecei a puxá-la para a placa que dizia SAÍDA. Nesse instante, houve um brilho de luz imenso, um grito e um ruído horrível de microfonia. Eu olhei ao redor e vi Josie Vreck segurando um dos suportes de microfone. Ele não conseguia soltar. Os olhos dele estavam saltando e o cabelo estava em pé e parecia que ele estava dançando. Os pés estavam deslizando na água e tinha fumaça saindo da camisa dele.

Ele caiu por cima de um dos amplificadores — eram grandes, com 1,5 metro mais ou menos —, que caiu na água. A microfonia virou um grito de partir o crânio, e houve outro brilho elétrico e parou. A camisa do Josie estava pegando fogo.

“Corre!”, Tina gritou para mim. “Vem, Norma. *Por favor!*”

Nós fomos para o corredor e algo explodiu nos bastidores — acho que o quadro de luz. Só por um segundo, eu olhei para trás. Dava para ver o palco, onde o corpo do Tommy estava, porque a cortina estava levantada. Todos os cabos pesados de luz estavam no ar, voando e sacudindo e se contorcendo como cobras saindo da cesta de um faquir indiano. Um deles se partiu em dois. Houve um brilho violento quando bateu na água e todo mundo gritou ao mesmo tempo.

Nós saímos pela porta e corremos pelo estacionamento. Eu acho que estava gritando. Eu não lembro muito bem. Não me lembro de nada direito depois que as pessoas começaram a gritar. Depois que os cabos de alta voltagem bateram no chão coberto de água...

Para Tommy Ross, dezoito anos, o fim veio rápido e misericordioso, quase sem dor.

Ele nem soube que uma coisa importante estava acontecendo. Houve um ruído metálico e alto que ele associou momentaneamente com

(lá vem os baldes de leite)

uma lembrança de infância da fazenda do tio Galen e com

(alguém deixou alguma coisa cair)

a banda abaixo. Ele teve um vislumbre de Josie Vreck olhando para cima

(quê eu estou com uma auréola por acaso)

e um balde ainda com um pouco de sangue o acertou. A borda alta acertou o alto da cabeça dele e

(ei isso dói pra ca)

ele caiu rapidamente na inconsciência. Ele ainda estava estatelado no palco quando o incêndio que se originou no equipamento elétrico de Josie and the Moonglows foi até o mural do barqueiro veneziano e para o ninho de ratos de uniformes velhos, livros e papéis nos bastidores e acima.

Ele estava morto quando o tanque de óleo explodiu meia hora depois.

Da agência Associated Press da Nova Inglaterra, 22h46:

CHAMBERLAIN, MAINE (AP)

UM INCÊNDIO DESCONTROLADO ASSOLA A ESCOLA CONSOLIDADA EWEN (U-WIN) NESTE MOMENTO. UM BAILE ESTAVA EM ANDAMENTO NA HORA EM QUE O INCÊNDIO, QUE SE ACREDITA SER DE ORIGEM ELÉTRICA, SE INICIOU. TESTEMUNHAS DIZEM QUE O SISTEMA DE SPRINKLERS DA ESCOLA FOI ACIONADO SUBITAMENTE, O QUE CAUSOU UM CURTO-CIRCUITO NO EQUIPAMENTO DE UMA BANDA DE ROCK. ALGUMAS TESTEMUNHAS TAMBÉM RELATAM ROMPIMENTOS NOS CABOS DE FORÇA. ACREDITA-SE QUE ATÉ CENTO E DEZ PESSOAS PODEM ESTAR PRESAS NO GINÁSIO DA ESCOLA EM CHAMAS. EQUIPES DE COMBATE A INCÊNDIO DAS CIDADES VIZINHAS DE WESTOVER,

MOTTON E LEWISTON RECEBERAM PEDIDOS DE AJUDA E ESTÃO SE MOBILIZANDO. ATÉ O MOMENTO, NENHUMA MORTE FOI RELATADA. FIM.
22H46 27 DE MAIO 6904D AP

Da agência Associated Press da Nova Inglaterra, 23h22:

URGENTE
CHAMBERLAIN, MAINE (AP)

UMA ENORME EXPLOSÃO OCORREU NA ESCOLA CONSOLIDADA EWEN (U-WIN) NA PEQUENA CIDADE DE CHAMBERLAIN, NO MAINE. OS TRÊS CARROS DE BOMBEIROS DE CHAMBERLAIN, ENVIADOS MAIS CEDO PARA COMBATER UM INCÊNDIO NO GINÁSIO, ONDE UM BAILE ESTAVA ACONTECENDO, NÃO PUDEAM SER UTILIZADOS. TODOS OS HIDRANTES DA REGIÃO FORAM VANDALIZADOS E A PRESSÃO DA REDE DE ÁGUA DA CIDADE NA REGIÃO DA RUA SPRING ATÉ A GRASS PLAZA É ZERO. UM BOMBEIRO DISSE: "ARRANCARAM OS BICOS DAS PORCARIAS, DEVIAM ESTAR JORRANDO PARA TODO LADO ENQUANTO AQUELES ADOLESCENTES ESTAVAM PEGANDO FOGO". TRÊS CORPOS FORAM RECUPERADOS ATÉ O MOMENTO. UM FOI IDENTIFICADO COMO THOMAS B. MEARS, UM BOMBEIRO DE CHAMBERLAIN. OS OUTROS DOIS APARENTEMENTE ERAM CONVIDADOS DO BAILE. TRÊS OUTROS BOMBEIROS DE CHAMBERLAIN FORAM LEVADOS PARA O HOSPITAL DE MOTTON SOFRENDO DE QUEIMADURAS LEVES E INALAÇÃO DE FUMAÇA. ACREDITA-SE QUE A EXPLOSÃO OCORREU QUANDO O FOGO CHEGOU AOS TANQUES DE ÓLEO DE COMBUSTÍVEL DA ESCOLA, QUE FICAM PERTO DO GINÁSIO. O FOGO EM SI PARECE TER COMEÇADO EM EQUIPAMENTOS ELÉTRICOS MAL ISOLADOS DEPOIS DE UM PROBLEMA DE FUNCIONAMENTO NOS SPRINKLERS. FIM.

23H22 27 DE MAIO 70119E AP

Sue só tinha autorização temporária para dirigir, mas ela pegou a chave do carro da mãe no gancho ao lado da geladeira e correu para a garagem. O relógio da cozinha marcava exatamente 23h.

Ela afogou o carro na primeira tentativa e se obrigou a esperar antes de tentar de novo. Desta vez, o motor tossiu e pegou, e ela saiu da garagem como louca, batendo um para-choque. Ela fez a volta e as rodas traseiras passaram pelo cascalho. O Plymouth 1977 da mãe dela derrapou na estrada, quase bateu no acostamento e a deixou enjoada. Foi só nessa hora que ela percebeu que estava gemendo no fundo da garganta, como um animal numa armadilha.

Ela não parou na placa de pare que identificava o cruzamento da Route 6 e a estrada Back Chamberlain. As sirenes dos carros de

bombeiro ocupavam a noite ao leste, onde Chamberlain fazia fronteira com Westover, e do sul, atrás dela: Motton.

Ela estava quase na base da colina quando a escola explodiu.

Ela enfiou os dois pés no freio e foi jogada no volante como uma boneca de pano. Os pneus cantaram no asfalto. Ela conseguiu abrir a porta e sair, protegendo os olhos do brilho.

Uma chama subiu para o céu, levando junto uma nuvem de painéis de aço do telhado, madeira e papel. O cheiro estava denso e oleoso. A rua principal ficou iluminada, como se por um holofote. Naquele momento terrível entre segundos, ela viu que o ginásio todo da escola Ewen estava uma ruína em chamas.

O abalo a atingiu um momento depois e a jogou para trás. O lixo passou voando em uma velocidade repentina e tremenda, junto com o sopro de ar quente que a lembrou levemente

(do cheiro de metrô)

de uma viagem que ela fez a Boston no ano anterior. As janelas da Drogaria Casa do Bill e do Kelly Companhia das Frutas tremeram e caíram para dentro.

Ela tinha caído de lado e o fogo iluminou a rua com uma luz infernal. O que aconteceu em seguida foi em câmera lenta, enquanto a mente dela seguia com firmeza em frente

(mortos eles estão todos mortos carrie por que pensar em carrie)

em ritmo próprio. Havia carros em disparada na direção do local, e algumas pessoas estavam correndo de roupão, de camisola, de pijama. Ela viu um homem sair do prédio que era uma combinação de delegacia e fórum de Chamberlain. Ele estava se movendo lentamente. Os carros estavam se movendo lentamente. Até as pessoas correndo estavam se movendo lentamente.

Ela viu o homem nos degraus da delegacia colocar as mãos em concha em volta da boca e gritar alguma coisa; não deu para entender com a sirene tocando, com as sirenes dos carros de bombeiro, com a boca monstruosa de fogo. Pareceu:

— *Ei! Gado com o carro!*

A rua estava toda molhada ali. A luz dançou na água. Perto do posto de gasolina Amoco do Teddy.

— ... *ei, isso é...*

E o mundo explodiu.

Do depoimento sob juramento de Thomas K. Quillan, tomado perante do Comitê Investigativo Estadual do Maine em ligação aos eventos de 27-28 de maio em Chamberlain, Maine (a versão editada a seguir está em *Baile sombrio: O relatório da Comissão White*. Nova York: Signet Books, 1980):

P: Sr. Quillan, você é residente de Chamberlain?

R: Sim.

P: Qual é seu endereço?

R: Eu tenho um quarto em cima do salão de sinuca. É onde eu trabalho. Eu limpo o chão, passo aspirador nas mesas, faço a manutenção das máquinas. Máquinas de pinball, sabe.

P: Onde você estava na noite de 27 de maio, às 22h30, sr. Quillan?

R: Bem... na verdade, eu estava numa cela de detenção na delegacia. Eu recebo meu pagamento às quintas, sabe. E eu sempre saio e encho a cara. Eu vou para o Cavalier, tomo umas cervejas Schlitz, jogo um pouco de pôquer nos fundos. Mas eu fico

péssimo quando eu bebo. Parece que tem um Roller Derby na minha cabeça. Horrível, né? Uma vez, eu bati na cabeça de um cara com uma cadeira e...

P: Você tinha o hábito de ir para a delegacia quando sentia essas ondas de temperamento ruim chegando?

R: Tinha. O Otis Grandão é meu amigo.

P: Você está falando do xerife Otis Doyle, do condado?

R: Estou. Ele me disse pra ir pra lá sempre que eu sentisse que a coisa estava ficando ruim. Na noite antes do baile, um grupo de nós estava no salão de trás do Cavalier jogando pôquer aberto e eu comecei a achar que o Marcel Dubay Rapidinho estava trapaceando. Eu teria pensado melhor se estivesse sóbrio, afinal, a ideia de trapaça de um francês é olhar as próprias cartas, mas aquilo me irritou. Eu tinha tomado umas cervejas, sabe, então eu baixei as minhas cartas e fui para a delegacia. Plessy estava no atendimento e ele me trancou na cela 1. Plessy é um bom garoto. Eu conheci a mãe dele, mas isso foi muitos anos atrás.

P: Sr. Quillan, você acha que podemos falar da noite do dia 27, às 22h30?

R: A gente não está falando?

P: Eu realmente espero que sim. Continue.

R: Bom, Plessy me trancou às quinze pras duas da madrugada de sexta e eu caí no sono. Apaguei, podemos dizer. Acordei por volta das quatro da tarde seguinte, tomei três antiácidos e voltei a dormir. Eu tenho um talento pra isso. Consigo dormir até minha ressaca passar. Otis Grandão diz que eu devia descobrir como se faz isso e patentear. Ele diz que eu poderia evitar muita dor no mundo.

P: Sei que poderia, sr. Quillan. Agora, quando você acordou de novo?

R: Por volta das dez da noite de sexta. Eu estava morrendo de fome e decidi comer alguma coisa na lanchonete.

P: Deixaram você sozinho em uma cela aberta?

R: Claro. Eu sou um cara ótimo quando estou sóbrio. Na verdade, uma vez...

P: Só conte ao comitê o que aconteceu quando você saiu da cela.

R: A sirene de incêndio começou a tocar, foi isso que aconteceu. Fiquei me borrando de medo. Eu não ouço aquela sirene desde a noite que a guerra do Vietnã acabou. Então, eu subi correndo e, cacete, não tinha ninguém no escritório. Eu disse a mim mesmo, porra, Plessy vai se ferrar por isso. Tem que ter sempre alguém no atendimento para o caso de haver uma ligação. Então, eu fui até a janela e olhei pra fora.

P: Dava para ver a escola daquela janela?

R: Claro. Fica do outro lado da rua, um quarteirão e meio depois. As pessoas estavam correndo e gritando. E foi nessa hora que eu vi Carrie White.

P: Você já tinha visto Carrie White?

R: Não.

P: Então, como sabia que era ela?

R: É difícil explicar.

P: Dava para vê-la claramente?

R: Ela estava embaixo de um poste de luz, perto do hidrante da esquina da rua principal com a Spring.

P: Aconteceu alguma coisa?

R: Acho que sim. O topo do hidrante explodiu de três formas diferentes. Pra esquerda, pra direita e pra cima, para o céu.

P: Que hora esse... hã... defeito aconteceu?

R: Por volta de vinte pras onze. Não pode ter sido mais do que isso.

P: O que aconteceu depois?

R: Ela foi para o centro. Moço, ela estava horrível. Estava com um vestido de festa, o que tinha sobrado dele, e estava toda molhada daquele hidrante e coberta de sangue. Ela parecia ter saído de um acidente de carro. Mas ela estava *sorrindo*. Eu nunca vi um sorriso assim. Parecia um crânio. E ela ficava olhando para as mãos e esfregando no vestido, tentando tirar o sangue e achando que nunca ia conseguir e como ela ia jogar sangue na cidade toda e fazer todo mundo pagar. Foi uma coisa horrível.

P: Como você pode ter alguma ideia do que ela estava pensando?

R: Não sei. Não consigo explicar.

P: Daqui em diante em seu depoimento, eu gostaria que você falasse sobre o que *viu*, sr. Quillan.

R: Tudo bem. Tinha um hidrante na esquina da Glass Plaza e ele também explodiu. Dava para ver aquele melhor. As bolotas nas laterais se desatarraxaram sozinhas. Eu *vi* acontecer. Ele explodiu, como o outro. E ela ficou *feliz*. Ela estava falando sozinha *isso* vai ser um banho neles, *isso...* ops, desculpa. Os carros de bombeiro começaram a passar e eu a perdi de vista. O carro novo parou perto da escola e eles foram para aqueles hidrantes e viram que não ia ter água. O chefe Burton estava gritando com eles e foi nessa hora que a escola explodiu. *Je-sus*.

P: Você saiu da delegacia?

R: Saí. Eu queria encontrar o Plessy e contar pra ele sobre a maluca e os hidrantes. Eu olhei para o posto do Teddy e vi uma coisa que fez meu sangue gelar. Todas as seis bombas de gasolina estavam fora do gancho. Teddy Duchamp está morto desde 1968, que Deus o tenha, mas o filho dele trancava as bombas todas as noites, como Teddy fazia. Todos os cadeados Yale estavam pendurados e arrebitados. As pontas das bombas estavam no chão e os alimentadores automáticos estavam acionados em todas. A gasolina escorria pra calçada e pra rua. Santa Mãe de Deus, quando eu vi isso, minhas bolas encolheram. E aí, eu vi um cara correndo com um cigarro aceso.

P: O que você fez?

R: Gritei com ele. Alguma coisa do tipo *Ei! Cuidado com o cigarro! Ei, não, isso é gasolina!* Ele nem me ouviu. Com as sirenes dos carros de bombeiro e da prefeitura e os carros em disparada na rua, não me espanta. Eu vi que ele ia jogar o cigarro no chão e corri para dentro.

P: O que aconteceu depois?

R: Depois? Ora, depois disso o Diabo veio pra Chamberlain...

Quando os baldes caíram, primeiro ela só percebeu um estalo alto e metálico cortando a música, e depois foi encharcada de calor e umidade. Ela fechou os olhos por instinto. Houve um grunhido ao lado dela, e na parte da mente que tinha despertado tão recentemente, ela sentiu uma dor breve.

(tommy)

A música parou de um jeito repentino e dissonante, algumas vozes ainda soando depois como cordas arrebentadas, e no silêncio repentino da expectativa, enchendo o vazio entre o evento e a percepção, como o juízo final, ela ouviu alguém dizer claramente:

— Meu Deus, é sangue.

Um momento depois, como se para estabelecer a verdade disso, para deixar totalmente claro, alguém gritou.

Carrie ficou sentada de olhos fechados e sentiu o volume negro do pavor crescendo na mente dela. Mamãe estava certa, afinal. Eles a pegaram de novo, zombaram dela de novo, a sacanearam de novo. O horror da situação devia ter sido enfadonho, mas não foi; eles a levaram lá para cima, na frente da escola toda, e repetiram a cena do vestiário... só que a voz tinha dito

(meu deus é sangue)

uma coisa horrível demais para ser contemplada. Se ela abrisse os olhos e fosse verdade, ah, e depois? E depois?

Alguém começou a rir, um som solitário e assustado de hiena, e ela *abriu* os olhos, abriu-os para ver quem era e *era* verdade, o pesadelo final, ela estava vermelha e pingando sangue, tinha sido encharcada no segredo do sangue, na frente de todo mundo, e seu pensamento

(ah... eu... *COBERTA*... com isso)

ficou colorido de um roxo medonho com sua repulsa e sua vergonha. Ela sentia o próprio cheiro e era o *fedor* de sangue, o cheiro horrível, úmido e acobreado. Em um caleidoscópio tremeluzente de imagens ela viu o sangue escorrendo denso pela coxas nuas, ouviu o som da água do chuveiro nos azulejos, sentiu o toque suave de absorventes externos e internos na pele enquanto

as vozes a mandavam enfiar uma ROLHA, sentia o amargor carnudo e excessivo do horror. Eles tinham finalmente dado nela o banho que queriam.

Uma segunda voz se juntou à primeira e foi seguida por uma terceira, uma risadinha aguda de menina, uma quarta, uma quinta, uma sexta, doze, todos, todos rindo. Vic Mooney estava rindo. Ela o via. O rosto dele estava paralisado, chocado, mas as gargalhadas saíam mesmo assim.

Ela ficou bem parada, deixando o barulho a atingir como uma onda. Eles ainda estavam todos lindos e ainda havia encantamento e assombro, mas ela tinha cruzado o limite e agora o conto de fadas estava verde de degradação e mal. Naquele ela morderia uma maçã envenenada, seria atacada por trolls, seria comida por tigres.

Estavam rindo dela de novo.

De repente, aconteceu. A horrível percepção do quanto ela foi enganada tomou conta dela, e um grito horrível e sem som

(estão OLHANDO pra mim)

tentou sair dela. Ela botou as mãos no rosto para escondê-lo e cambaleou da cadeira. Seu único pensamento era correr, sair da luz, deixar que a escuridão a engolisse e a escondesse.

Mas era como tentar correr no melado. Sua mente traidora tinha feito o tempo se arrastar; era como se Deus tivesse mudado a cena toda de 78 rotações para 33 1/3. Até as risadas pareceram ficar mais graves e mais lentas, num rimbombar sinistro de baixo.

Seus pés se embolaram e ela quase caiu da beira do palco. Ela se recuperou, se curvou e pulou no chão. As risadas sufocantes ficaram ainda mais altas. Era como pedras arrastadas umas nas outras.

Ela não queria ver, mas *viu*; as luzes estavam fortes demais e ela viu o rosto de todo mundo. As bocas, os dentes, os olhos. Ela viu suas próprias mãos sujas de sangue na frente do rosto.

A srta. Desjardin estava correndo na direção dela com o rosto cheio de compaixão mentirosa. Carrie via por baixo da superfície que a *verdadeira* srta. Desjardin estava rindo e se divertindo com zombaria rançosa de solteirona. A boca da srta. Desjardin se abriu e a voz dela saiu, horrível e lenta e grave:

— Me deixe te ajudar, querida. Ah, eu sinto tan...

Ela esticou a mão para ela

(*flexiona*)

e a srta. Desjardin voou de cara na parede ao lado do palco e caiu no chão.

Carrie correu. Ela correu no meio deles. Suas mãos estavam no rosto, mas ela via através da prisão dos dedos, via todos, como eles estavam, lindos, envoltos em luz, banhados nas vestes luminosas e angelicais da Aceitação. Os sapatos engraxados, os rostos limpos, os penteados lindos de salão de beleza, os vestidos cintilantes. Eles se afastaram dela como se ela fosse leprosa, mas continuaram rindo e um pé foi esticado maliciosamente

(ah sim isso vem agora sim)

e ela caiu de quatro e saiu engatinhando, engatinhando pelo piso com o cabelo sujo de sangue caindo na cara, engatinhando como São Paulo no caminho de Damasco, cujos olhos tinham sido ofuscados pela luz. Em seguida, alguém daria um chute na bunda dela.

Mas ninguém fez isso e ela se levantou de novo. As coisas começaram a acelerar. Ela saiu pela porta, foi para o saguão e voou

pela escada que ela e Tommy tinham subido tão graciosamente duas horas antes.

(tommy está morto preço cheio pagou o preço cheio por levar a leprosa para um lugar de luz)

Ela desceu em saltos grandes e desajeitados, com o som de risadas ao redor como pássaros.

Em seguida, a escuridão.

Ela correu pelo gramado da frente da escola, perdeu os dois sapatinhos e seguiu descalça. O gramado aparado parecia veludo, levemente coberto de orvalho, e as risadas ficaram para trás. Ela começou a se acalmar um pouco.

Seus pés *se emaranharam* e ela caiu estatelada em frente ao mastro da bandeira. Ela ficou deitada, imóvel, respirando com dificuldade, o rosto escondido na grama fresca. As lágrimas de vergonha começaram a descer, tão quentes e pesadas quanto aquele primeiro fluxo de sangue menstrual. Eles a venceram, a superaram de uma vez por todas. Tinha acabado.

Ela se levantaria em pouco tempo e voltaria para casa por ruas menores, ficando nas sombras caso alguém a procurasse, e acharia a Mamãe, admitiria que estava errada...

(!!NÃO!!)

A determinação nela, e havia muita, cresceu de repente e gritou a palavra com força. O armário? As orações infinitas e errantes? Os folhetos e a cruz e só o pássaro mecânico no cuco Black Forest para marcar o resto das horas e dias e anos e décadas da vida dela?

De repente, como se uma máquina de videoteipe tivesse sido ligada na mente dela, ela viu a srta. Desjardin correndo na direção

dela e a viu ser jogada longe como uma boneca de pano como se ela tivesse usado a mente nela, sem nem pensar de forma consciente.

Ela rolou para se deitar de costas e olhou loucamente para as estrelas com o rosto pintado. Ela estava esquecendo

(!!O PODER!!)

Era hora de dar uma lição neles. Hora de mostrar umas coisinhas. Ela riu histericamente. Era uma das frases favoritas da Mamãe.

(mamãe chegando em casa botando de lado a bolsa os óculos refletindo bom acho que mostrei àquela bruxa umas coisinhas na loja hoje)

Havia o sistema de sprinklers. Ela podia ligá-lo, e com facilidade. Ela riu de novo e se levantou, foi andando descalça na direção das portas do saguão. Ligar o sistema de sprinklers e fechar todas as portas. Olhar dentro e deixar que eles a *vissem* olhando para dentro, vendo e rindo enquanto a água destruía os vestidos e penteados e tirasse o brilho dos sapatos. Ela só lamentava que não tinha como ser sangue.

O saguão estava vazio. Ela parou na metade da escada e *FLEXIONA*, e todas as portas se fecharam com a força concentrada que dirigiu a elas, as molas pneumáticas arrebatando. Ela ouviu alguns gritarem e foi música, doce música soul.

Por um momento, nada mudou, e ela os sentiu empurrando as portas, querendo que se abrissem. A pressão foi ridícula. Eles estavam encurralados

(*encurralados*)

e a palavra ecoou de forma intoxicante na mente dela. Eles estavam na palma da mão dela, sob o poder dela. *Poder!* Que

palavra!

Ela subiu o resto da escada e olhou para dentro, e George Dawson estava esmagado no vidro, lutando, empurrando, o rosto distorcido com o esforço. Havia outros atrás dele, todos pareciam peixes em um aquário.

Ela olhou para cima e, sim, lá estavam os canos dos sprinklers, com os sprays parecendo margaridas de metal. Os canos entravam por buraquinhos na parede de concreto verde. Havia muitos dentro, ela lembrava. Lei de incêndio, algo assim.

Leis de incêndio. Num piscar de olhos, sua mente lembrou
(fios pretos grossos como cobras)

dos cabos de força espalhados no palco. Estavam longe da vista da plateia, escondidos pela iluminação de chão, mas ela teve que passar por cima com cuidado para chegar ao trono. Tommy estava segurando o braço dela.

(fogo e água)

Ela projetou a mente, sentiu os canos, acompanhou-os. Frios; cheios de água. Ela sentiu gosto de ferro na boca, metal frio e molhado, o gosto da água bebida do bocal de uma mangueira de jardim.

Flexiona

Por um momento, nada aconteceu. Mas eles começaram a se afastar das portas e olhar em volta. Ela foi até o vidro oblongo pequeno na porta do meio e olhou para dentro.

Estava chovendo no ginásio.

Carrie começou a sorrir.

Ela não pegou todos, só alguns. Mas viu que, ao olhar para o sistema de sprinklers com os olhos, ela conseguia acompanhar o

caminho com mais facilidade com a mente. Ela começou a abrir mais bocais, e mais. Mas não foi suficiente. Eles ainda não estavam chorando, então não era suficiente.

(machuca eles então machuca eles)

Havia um garoto no palco ao lado do Tommy, fazendo gestos loucos e gritando alguma coisa. Enquanto ela olhava, ele desceu e correu na direção do equipamento da banda de rock. Pegou um dos suportes de microfone e ficou paralisado. Carrie ficou olhando, impressionada, enquanto o corpo dele fazia uma dança quase imóvel de eletricidade. Os pés dele se moveram na água, o cabelo ficou de pé e a boca se abriu, como a boca de um peixe. Ele estava engraçado. Ela começou a rir.

(por cristo então que todos fiquem engraçados)

E em um movimento repentino e cego, ela puxou todo o poder que sentia.

Algumas das lâmpadas estouraram. Houve um brilho ofuscante em algum lugar quando um cabo de energia bateu numa poça de água. Houve baques secos na mente dela quando disjuntores começaram a trabalhar inutilmente. O garoto que estava segurando o microfone caiu por cima de um dos amplificadores e houve uma explosão de fagulhas roxas e o papel crepom que decorava o palco estava em chamas.

Abaixo dos tronos, um cabo de 220 volts desencapado estava estalando no chão e, ao lado dele, Rhonda Simard estava fazendo uma dança maluca de marionete com o vestido verde de tule. A saia ampla pegou fogo de repente e ela caiu para a frente, ainda tremendo.

Pode ter sido nesse momento que Carrie passou do limite. Ela se apoiou na porta, o coração batendo loucamente, mas o corpo frio como um cubo de gelo. Seu rosto estava lívido, mas havia pontos vermelhos e febris em cada bochecha. Sua cabeça estava latejando muito e o pensamento consciente tinha se perdido.

Ela se afastou das portas, ainda as mantendo fechadas, fazendo isso sem pensamento nem planejamento. Lá dentro, o fogo estava aumentando e ela percebeu vagamente que o mural devia estar pegando fogo.

Ela se sentou no degrau de cima e colocou a cabeça nos joelhos para tentar reduzir o ritmo da respiração. Estavam tentando sair pelas portas de novo, mas ela as manteve fechadas com facilidade; isso por si só nem era esforço. Um sentido obscuro disse a ela que alguns estavam saindo pela saída de incêndio, mas que saíssem. Ela os pegaria depois. Ela pegaria todos. Cada um deles.

Ela desceu a escada devagar e saiu pela porta da frente, ainda mantendo as portas do ginásio fechadas. Foi fácil. Era só vê-las na mente.

A sirene da cidade começou a tocar de repente, fazendo-a gritar e botar as mãos na frente do rosto

(a sirene é só a sirene de incêndio)

por um momento. Seu olho mental parou de ver as portas do ginásio e alguns quase saíram. Não, não. Levados. Ela as fechou de novo e prendeu os dedos de alguém (pareceram de Dale Norbert), cortando um.

Ela começou a cambalear pelo gramado de novo, uma figura parecendo um espantalho com olhos saltados, indo na direção da rua principal. À direita dela ficava o centro: a loja de departamentos,

o Kelly Companhia das Frutas, o salão de beleza e barbearia, postos de gasolina, a delegacia, o corpo de bombeiros...

(eles vão apagar meu fogo)

Mas não apagariam. Ela começou a rir e foi um som insano: triunfante, perdido, vitorioso, apavorado. Ela foi até o primeiro hidrante e tentou girar a tampa enorme e pintada na lateral.

(oh-oh)

Era pesada. Era muito pesada. O metal estava bem apertado ali. Não importou.

Ela girou com mais força e sentiu ceder. Depois, o outro lado. E a parte de cima. Ela girou os três de uma vez, chegou para trás, e todos se abriram rapidamente. A água explodiu para fora e para cima, uma das tampas voando um metro e meio na frente dela em velocidade suicida. Bateu na rua, quicou alto no ar e sumiu. A água jorrou com pressão branca em forma de cruz.

Sorrindo, cambaleando, o coração a mais de duzentos batimentos por minuto, ela começou a andar na direção da Grass Plaza. Não percebeu que estava esfregando as mãos sujas de sangue no vestido como Lady Macbeth, nem que estava chorando enquanto ria, nem que aquela parte escondida da mente estava à beira da ruína total e final.

Porque ela os levaria junto e haveria muito fogo até a terra feder a queimado.

Ela abriu o hidrante na Grass Plaza e começou a andar na direção do posto Amoco do Teddy. Por acaso, foi o primeiro posto de gasolina pelo qual ela passou, mas não foi o último.

Do depoimento sob juramento do xerife Otis Doyle, tomado perante o Comitê Investigativo Estadual do Maine (de *O relatório da Comissão White*), pp. 29-31:

P: Xerife, onde você estava na noite de 27 de maio?

R: Eu estava na Route 179, conhecida como Estrada Velha Bentown, investigando um acidente de carro. Na verdade, foi depois do limite municipal de Chamberlain, em Durham, mas eu estava ajudando Mel Crager, que é o chefe de polícia de Durham.

P: Quando você foi informado que havia um problema na Escola Ewen?

R: Eu recebi uma transmissão de rádio do policial Jacob Plessy às 22h21.

P: Qual foi a natureza do chamado de rádio?

R: O policial Plessy disse que havia um problema na escola, mas ele não sabia se era sério ou não. Havia muita gritaria, ele disse, e alguém tinha disparado uns alarmes de incêndio. Ele disse que ia até lá tentar determinar a natureza do problema.

P: Ele disse que a escola estava pegando fogo?

R: Não, senhor.

P: Você pediu para ele fazer contato para informá-lo?

R: Pedi.

P: O policial Plessy fez contato?

R: Não. Ele foi morto na explosão subsequente do posto de gasolina Amoco do Teddy, na esquina da rua principal com a Summer.

P: Quando foi o contato seguinte por rádio sobre Chamberlain?

R: Às 22h42. Eu estava voltando para Chamberlain com um suspeito no banco de trás do carro, um motorista embriagado. Como

falei, o caso foi na cidade de Mel Crager, mas Durham não tem cadeia. Quando chegamos em Chamberlain, nós também já não tínhamos, praticamente.

P: Que comunicado você recebeu às 22h42?

R: Eu recebi um chamado da polícia estadual que tinha sido transmitido do Corpo de Bombeiros de Motton. O atendente da polícia estadual disse que havia um incêndio e um aparente tumulto na Escola Ewen, e uma provável explosão. Ninguém tinha certeza de nada na ocasião. Lembre que tudo aconteceu em um espaço de quarenta minutos.

P: Nós sabemos disso, xerife. O que aconteceu depois?

R: Eu dirigi para Chamberlain com a sirene e a luz piscando. Eu estava tentando fazer contato com Jake Plessy sem resultado. Foi nessa hora que Tom Quillan surgiu e começou a falar descontroladamente que a cidade estava pegando fogo e que não tinha água.

P: Você sabe que horas eram?

R: Sim, senhor. Eu estava registrando. Eram 22h58.

P: Quillan alega que o posto de gasolina Amoco explodiu às 23h.

R: Eu tiraria a média, senhor. Digamos que foi às 22h59.

P: Que horas você chegou em Chamberlain?

R: Às 23h10.

P: Qual foi sua impressão imediata ao chegar, xerife Doyle?

R: Eu fiquei atordoado. Não consegui acreditar no que estava vendo.

P: O que *exatamente* você estava vendo?

R: A metade superior inteira da parte comercial da cidade estava em chamas. O posto Amoco não existia mais. O Woolworth's não

passava de uma chama ardente. O fogo tinha se espalhado para três fachadas de madeira de lojas ao lado: o Duffy's Bar e Grill, o Kelly Companhia das Frutas e o salão de sinuca. O calor estava violento. Fagulhas voavam nos telhados da Imobiliária Maitland e da Loja de Automotivos Western do Doug Brann. Os carros de bombeiro estavam chegando, mas não puderam fazer muito. Todos os hidrantes daquele lado da rua estavam arrebentados. Os únicos carros fazendo alguma coisa eram dois antigos com tanque, dos bombeiros voluntários de Westover, e a única coisa que eles podiam fazer era molhar os telhados dos prédios em volta. E, claro, a escola. Estava... acabada. Claro que fica bem isolada, não tem nada perto pra queimar, mas, meu Deus, todos aqueles alunos lá dentro... todos aqueles jovens...

P: Você encontrou Susan Snell ao entrar na cidade?

R: Sim, senhor. Ela me fez parar.

P: Que horas eram?

R: Na hora que eu entrei... 23h12, no máximo.

P: O que ela disse?

R: Ela estava perturbada. Tinha estado num pequeno acidente de carro, uma derrapagem, e não estava falando coisa com coisa. Ela me perguntou se Tommy estava morto. Eu perguntei quem era Tommy, mas ela não respondeu. Ela me perguntou se eu já tinha capturado Carrie.

P: A Comissão está extremamente interessada nessa parte do seu depoimento, xerife Doyle.

R: Sim, senhor, eu sei disso.

P: Como você respondeu à pergunta dela?

R: Bom, só tem uma Carrie na cidade até onde eu sei, a filha da Margaret White. Eu perguntei se Carrie tinha alguma coisa a ver com os incêndios. A srta. Snell me disse que Carrie tinha feito aquilo. Foram essas as palavras dela. “Carrie fez isso. Carrie fez isso.” Ela falou duas vezes.

P: Ela disse mais alguma coisa?

R: Sim, senhor. Ela disse: “Eles fizeram mal à Carrie pela última vez”.

P: Xerife, você tem certeza de que ela não disse “*Nós fizemos* mal à Carrie pela última vez”?

R: Eu tenho certeza.

P: Certeza absoluta? Cem por cento?

R: Senhor, a cidade estava pegando fogo ao nosso redor. Eu...

P: Ela tinha bebido?

R: Como?

P: Ela tinha bebido? Você disse que ela esteve envolvida num acidente de carro.

R: Eu acredito que tenha dito um acidente pequeno, uma derrapagem.

P: E você não tem como ter certeza se ela não disse *nós* em vez de *e/les*?

R: Acho que ela pode ter dito, mas...

P: O que a srta. Snell fez depois?

R: Ela caiu no choro. Eu dei um tapa nela.

P: Por que você fez isso?

R: Ela pareceu histérica.

P: Ela parou de chorar?

R: Sim, senhor. Ela ficou quieta e se controlou bem, considerando o fato de que o namorado dela provavelmente estava morto.

P: Você a interrogou?

R: Bom, não da forma que se interrogaria um criminoso, se é isso que você quer dizer. Eu perguntei se ela sabia o que tinha acontecido. Ela repetiu o que já tinha dito, mas de um jeito mais calmo. Eu perguntei onde ela estava quando a confusão começou, e ela me disse que estava em casa.

P: Você a interrogou mais?

R: Não, senhor.

P: Ela disse mais alguma coisa para você?

R: Sim, senhor. Ela me pediu, suplicou, para encontrar Carrie White.

P: Qual foi sua reação a isso?

R: Eu falei para ela ir para casa.

P: Obrigado, xerife Doyle.

Vic Mooney saiu das sombras perto do banco Bankers Trust com um sorriso na cara. Era um sorriso enorme e horrível, como o do gato Cheshire, flutuando sonhador na escuridão com os brilhos do incêndio como uma lembrança leve de insanidade. O cabelo, cuidadosamente penteado com gel para seu trabalho de mestre de cerimônias, estava agora em pé num ninho de rato. Havia gotículas de sangue na testa dele, de alguma queda já esquecida em sua fuga louca do Baile de Primavera. Um olho estava roxo e fechado de tão inchado. Ele andou até bater na viatura do xerife Doyle, quicou como uma bola de bilhar e sorriu para o motorista embriagado cochilando no banco de trás, depois se virou para Doyle, que tinha

terminado de falar com Sue Snell. O fogo lançava sombras bruxuleantes em tudo, deixando o mundo nos tons amarronzados de sangue seco.

Quando Doyle se virou, Vic Mooney o segurou. Ele segurou Doyle como um apaixonado poderia abraçar sua garota numa dança lenta. Ele segurou Doyle com o dois braços e o apertou, o tempo todo olhando para o rosto de Doyle com o sorriso enorme e lunático.

— Vic... — começou Doyle.

— Ela tirou tudo da tomada — disse Vic com tom leve, sorrindo.
— Tirou tudo da tomada e ligou a água e buzz, buzz, buzz.

— Vic...

— Nós não podemos deixar. Ah, não. NãoNãoNão. Nós não podemos. Carrie tirou tudo da tomada. Rhonda Simard pegou fogo. *Ah, Jeeeeeeeeeeeeesuuuuuuuuuusss...*

Doyle deu dois tapas nele, a mão calejada estalando na cara do garoto. O grito morreu com rapidez chocante, mas o sorriso permaneceu no lugar, como um eco do mal. Era frouxo e horrível.

— O que aconteceu? — disse Doyle ríspidamente. — O que aconteceu na escola?

— Carrie — murmurou Vic. — Carrie aconteceu na escola. Ela...
— Ele parou de falar e sorriu para o chão.

Doyle deu três sacolejos bruscos nele. Os dentes de Vic bateram como castanholas.

— O que tem Carrie?

— A Rainha do Baile — murmurou Vic. — Jogaram sangue nela e no Tommy.

— O que...

Eram 23h15. O posto Citgo do Tony na rua Summer explodiu de repente com um rugido alto e engasgado. A rua ficou tão clara que os dois cambalearam até baterem na viatura e protegeram os olhos. Uma nuvem de fogo enorme e oleosa subiu acima dos olmos no parque Courthouse, iluminando o laguinho e o campo da Pequena Liga de vermelho. Em meio ao rugido faminto cheio de estalos que veio em seguida, Doyle ouviu vidro e madeira e pedaços de concreto do posto de gasolina caindo de volta no chão. Uma explosão secundária veio em seguida, levando-os a fazerem outra careta. Ele ainda não conseguia entender

(minha cidade isso está acontecendo na minha cidade)

que aquilo estava acontecendo em Chamberlain, em *Chamberlain*, pelo amor de Deus, onde ele tomava chá gelado na varanda da casa da mãe e era juiz no basquete paroquial e dava uma última volta pela Route 6 passando pelo Cavalier antes de ir para casa às 2h30 da madrugada. A cidade dele estava pegando fogo.

Tom Quillan saiu da delegacia de polícia e correu pela calçada até a viatura de Doyle. O cabelo dele estava todo em pé e ele estava usando um uniforme verde sujo e uma camiseta e estava com os mocassins calçados errados, mas Doyle achou que nunca tinha ficado tão feliz de ver alguém na vida. Tom Quillan era tão Chamberlain quanto qualquer outra coisa e ele estava ali: intacto.

— Meu Deus — disse ele, ofegante. — Você viu *aquilo*?

— O que está acontecendo? — perguntou Doyle.

— Eu estava monitorando o rádio — disse Quillan. — Motton e Westover queriam saber se deviam enviar ambulâncias e eu disse claro que sim, enviem tudo. Rabecões também. Eu fiz certo?

— Fez. — Doyle passou as mãos pelo cabelo. — Você viu Harry Block? — Block era o encarregado dos serviços públicos, inclusive da água.

— Não. Mas o chefe Deighan disse que tem água no velho Rennet Block, do outro lado da cidade. Estão desenrolando a mangueira agora. Eu catei uns garotos e eles estão montando um hospital na delegacia. São bons meninos, mas vão sujar seu chão de sangue, Otis.

Otis Doyle sentiu a irreabilidade tomar conta dele. Aquela conversa não podia estar acontecendo em Chamberlain. *Não podia.*

— Tudo bem, Tommy. Você fez bem. Volte lá e comece a ligar para todos os médicos da lista telefônica. Eu vou para a rua Summer.

— Tudo bem, Otis. Se você encontrar a garota maluca, toma cuidado.

— Quem? — Doyle não era homem de gritar, mas nessa hora ele gritou.

Tom Quillan se encolheu.

— Carrie. Carrie White.

— Quem? Como você sabe?

Quillan piscou lentamente.

— Sei lá. Meio que... apareceu na minha cabeça.

Da agência Associated Press nacional, 23h46:

CHAMBERLAIN, MAINE (AP)

UM DESASTRE DE PROPORÇÕES ABSURDAS ATINGIU A CIDADE DE CHAMBERLAIN, NO MAINE, ESTA NOITE. UM INCÊNDIO, QUE SE ACREDITA TER SE INICIADO NA ESCOLA EWEN (U-WIN) DURANTE UM BAILE DE ESCOLA, SE ESPALHOU PARA O CENTRO, RESULTANDO EM MÚLTIPLAS EXPLOSÕES QUE APLANARAM A ÁREA DO CENTRO. UMA ÁREA RESIDENCIAL A OESTE DO CENTRO TAMBÉM FOI ATINGIDA PELO FOGO. NO ENTANTO, A MAIOR PREOCUPAÇÃO NO MOMENTO É NA ESCOLA DE

ENSINO MÉDIO, ONDE ACONTECIA UM BAILE DE FORMATURA. ACREDITA-SE QUE MUITOS DOS CONVIDADOS DO BAILE FICARAM PRESOS NO GINÁSIO DA ESCOLA. UM BOMBEIRO DE ANDOVER CHAMADO AO LOCAL DISSE QUE O TOTAL DE MORTES CONFIRMADAS ESTAVA EM SESENTA E SETE, A MAIORIA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO. EM RESPOSTA À PERGUNTA DE ATÉ QUE NÚMERO O TOTAL PODIA CHEGAR, ELE DISSE: "NÓS NÃO SABEMOS. TEMOS MEDO DE SUPOR. ISSO VAI SER PIOR DO QUE COCONUT GROVE". NO ÚLTIMO COMUNICADO, HAVIA TRÊS INCÊNDIOS DESCONTROLADOS NA CIDADE. RELATOS DE UM POSSÍVEL INCÊNDIO CRIMINOSO AINDA NÃO FORAM CONFIRMADOS. FIM.
2H56 27 DE MAIO 8943F AP

Não houve mais relatórios da Associated Press de Chamberlain. À 00h06, um duto de gás na avenida Jackson se rompeu. À 00h17, um atendente de ambulância de Motton jogou uma guimba de cigarro pela janela quando o veículo seguia em disparada para a rua Summer.

A explosão destruiu quase metade de um quarteirão instantaneamente, inclusive a sede do jornal *The Chamberlain Clarion*. À 00h18, Chamberlain foi isolada do resto do país que adormeceu em total perplexidade.

À 00h10, ainda sete minutos antes da explosão de gás, a central telefônica passou por uma explosão menos brutal: um congestionamento total de todas as linhas telefônicas ainda em operação. As três pobres garotas de serviço ficaram em seus postos, mas não podiam fazer mais nada. Elas trabalhavam com expressões paralisadas de horror no rosto, tentando fazer ligações impossíveis.

E assim, Chamberlain invadiu as ruas.

Eles vieram como uma invasão do cemitério que ficava no canto formado pelo cruzamento da estrada The Bellsqueeze e a Route 6; eles vieram de camisolas brancas e roupões, como se enrolados em mortalhas. Eles vieram de pijama e bobes (a sra. Dawson, a do

agora falecido filho que tinha sido um sujeito muito engraçado, veio de máscara de argila no rosto, como se pronta para um show de trovadores); eles vieram para ver o que tinha acontecido com a cidade, para ver se estava mesmo queimada e sangrando. Muitos deles também vieram para morrer.

A rua Carlin estava lotada deles, uma maré de pessoas, indo para o centro pela luz confusa no céu, quando Carrie saiu da Igreja Congregacional da rua Carlin, onde estava orando.

Ela entrara só cinco minutos antes, depois de abrir o duto de gás (foi fácil; assim que ela o visualizou debaixo da rua, ficou fácil), mas pareceram horas. Ela orou por muito tempo, profundamente, às vezes em voz alta, às vezes em silêncio. O coração dela batia e trabalhava. As veias do rosto e do pescoço saltaram. A mente estava tomada pelo enorme conhecimento de PODERES e de um ABISMO. Ela orou na frente do altar, ajoelhada com o vestido molhado e rasgado e ensanguentado, os pés descalços e sujos e sangrando de uma garrafa quebrada na qual ela tinha pisado. A respiração dela soluçava na garganta e a igreja foi tomada de gemidos e balanços e estalos, com energia psíquica emanando dela. Bancos caíram, hinários voaram e um conjunto de comunhão de prata percorreu silenciosamente a escuridão abobadada da nave até bater na parede mais distante. Ela orou e não houve resposta. Não havia ninguém lá... ou, se havia, Ele estava se escondendo dela. Deus tinha virado a cara, e por que não? Aquele horror era tão coisa Dele quanto dela. E assim, ela saiu da igreja, foi embora para ir para casa e encontrar sua mãe e completar a destruição.

Ela parou no degrau inferior e olhou os bandos de pessoas andando na direção do centro. Animais. Que queimassem, então.

Que as ruas fossem tomadas do cheiro do sacrifício delas. Que aquele lugar fosse chamado de raca, icabode, absinto, o lugar dos tolos condenados, sem a Glória de Deus.

Flexiona.

E transformadores de energia acima de postes explodiram em luz roxa nacarada, cuspidos fagulhas giratórias. Fios de alta tensão caíram nas ruas em emaranhados e alguns deles correram, e isso foi ruim para eles porque agora a rua toda estava coberta de fios e o fedor começou, a queima começou. As pessoas começaram a gritar e recuar e tocaram nos cabos e começaram danças elétricas trêmulas. Algumas já tinham caído nas ruas, os roupões e pijamas soltando fumaça.

Carrie se virou para trás e olhou fixo para a igreja da qual tinha acabado de sair. A porta pesada se fechou de repente, como se pelo vento de um furacão.

Carrie se virou na direção de casa.

Do depoimento sob juramento da sra. Cora Simard, tomado perante o Comitê Investigativo Estadual (de *O relatório da Comissão White*), pp. 217-8:

P: Sra. Simard, o comitê sabe que a senhora perdeu a filha na Noite do Baile. Nossos sentimentos. Nós vamos fazer com que isso seja o mais breve possível.

R: Obrigada. Eu quero ajudar se puder, claro.

P: Você estava na rua Carlin aproximadamente à 00h12, quando Carietta White saiu da Primeira Igreja Congregacional na mesma rua?

R: Sim.

P: Por que você estava lá?

R: Meu marido teve que ir para Boston a trabalho no fim de semana e Rhonda estava no Baile de Primavera. Eu estava em casa sozinha vendo televisão e esperando por ela. Estava vendo o filme de sexta à noite quando a sirene da prefeitura tocou, mas não liguei isso ao baile. Mas a explosão... eu não sabia o que fazer. Tentei ligar para a polícia, mas deu ocupado depois dos três primeiros números. Eu... eu... Depois...

P: Leve o tempo que precisar, sra. Simard. Todo o tempo que precisar.

R: Eu estava ficando desesperada. Houve uma segunda explosão, agora sei que foi o Amoco do Teddy, e eu decidi ir para o centro ver o que estava acontecendo. Havia um brilho no céu, um brilho horrível. Foi quando a sra. Shyres bateu na porta.

P: A sra. Georgette Shyres?

R: Sim, eles moram virando a esquina. Na Willow 217. Fica do lado da rua Carlin. Ela estava batendo na porta e gritando: "Cora, você está aí dentro? Está aí dentro?". Eu fui até a porta. Ela estava de roupão e chinelo. Os pés pareciam gelados. Ela disse que eles tinham ligado para Auburn para ver se sabiam de alguma coisa e disseram para ela que a escola estava pegando fogo. Eu falei: "Ah, meu Deus, Rhonda está no baile".

P: Foi nessa hora que você decidiu ir para o centro com a sra. Shyres?

R: Nós não decidimos nada. Nós só fomos. Eu calcei um par de chinelos, acho que da Rhonda. Tinham bolinhas brancas peludas em cima. Eu devia ter calçado meus sapatos, mas eu não estava

pensando. Acho que não estou pensando agora. Por que você ia querer saber dos meus sapatos?

P: Conte do seu jeito, sra. Simard.

R: O-obrigada. Eu dei uma jaqueta velha para a sra. Shyres e nós fomos.

P: Havia muita gente andando pela rua Carlin?

R: Não sei. Eu estava perturbada demais. Talvez trinta. Talvez mais.

P: O que aconteceu?

R: Georgette e eu estávamos andando na direção da rua principal, de mãos dadas como duas garotinhas andando numa campina depois de escurecer. Georgette estava batendo os dentes, eu me lembro disso. Eu queria pedir para ela parar de bater os dentes, mas achei que seria falta de educação. A um quarteirão e meio da Igreja Congo, eu vi a porta se abrir e pensei: alguém entrou para pedir a ajuda de Deus. Mas, um segundo depois, eu soube que não era verdade.

P: Como você soube? Seria lógico supor o que você supôs de primeira, não é?

R: Eu simplesmente soube.

P: Você conhecia a pessoa que saiu da igreja?

R: Sim. Era Carrie White.

P: Você já tinha visto Carrie White?

R: Não. Ela não era uma das amigas da minha filha.

P: Você já tinha visto uma foto de Carrie White?

R: Não.

P: E, de qualquer modo, estava escuro e você estava a um quarteirão e meio da igreja.

R: Sim, senhor.

P: Sra. Simard, como você soube que era Carrie White?

R: Eu só soube.

P: Esse *saber*, sra. Simard: foi como uma luz se acendendo na sua cabeça?

R: Não, senhor.

P: Como *foi*?

R: Eu não sei dizer. Sumiu do mesmo jeito que um sonho some. Uma hora depois de acordar, a gente só lembra que teve um sonho. Mas eu soube.

P: Houve algum sentimento emocional acompanhando essa certeza?

R: Sim. Pavor.

P: O que você fez?

R: Eu me virei para Georgette e falei: “Lá está ela”. Georgette disse: “Sim, é ela”. Ela começou a dizer outra coisa, mas a rua toda foi iluminada por um brilho intenso e houve ruídos de estalos e os cabos de força começaram a cair na rua, alguns se partindo e soltando fagulhas. Um deles acertou um homem na nossa frente e ele p-pegou fogo. Outro homem saiu correndo e pisou em um deles e o corpo dele só... se arqueou para trás, como se as costas tivessem virado elástico. E aí, *ele* caiu. Outras pessoas estavam gritando e correndo, correndo cegamente, e mais e mais cabos caíram. Estavam caídos para todos os lados, como cobras. E ela estava feliz por isso. *Feliz!* Dava para *sentir* que ela estava feliz. Eu sabia que tinha que ficar com a cabeça no lugar. As pessoas que estavam correndo estavam sendo eletrocutadas. Georgette disse: “Rápido, Cora. Ah, Deus, eu não quero ser queimada viva”. Eu falei:

“Para com isso. Nós temos que usar a cabeça, Georgette, senão nunca mais vamos usá-la”. Uma coisa tola assim. Mas ela não quis ouvir. Ela largou a minha mão e saiu correndo para a calçada. Eu gritei para ela parar, havia um dos cabos grossos partidos bem na nossa frente, mas ela não ouviu. E ela... ela... ah, eu senti o cheiro dela quando ela começou a pegar fogo. A fumaça pareceu *explodir* das roupas dela e eu pensei: deve ser assim quando alguém é eletrocutado. O cheiro era doce como de carne de porco. Algum de vocês já sentiu esse cheiro? Às vezes, eu sinto nos sonhos. Eu fico parada, vendo Georgette Shyres ficar preta. Houve uma grande explosão no West End, acho que o duto de gás, mas eu nem reparei. Eu olhei em volta e estava totalmente sozinha. Todas as outras pessoas tinham fugido ou estavam pegando fogo. Eu vi talvez seis corpos. Pareciam pilhas de trapos velhos. Um dos cabos tinha caído na varanda de uma casa à esquerda, que estava começando a pegar fogo. Eu ouvi as telhas antiquadas estourando como milho. Pareceu que fiquei lá muito tempo, me mandando ficar com a cabeça no lugar. Pareceram horas. Eu comecei a sentir medo de desmaiar e cair em um dos cabos, ou de entrar em pânico e sair correndo. Como... como Georgette. Então, comecei a andar. Um passo de cada vez. A rua ficou mais clara ainda por causa da casa em chamas. Eu passei por cima de dois fios desencapados e contornei um corpo que era pouco mais do que uma poça. Eu... eu tive que olhar para ver onde estava pisando. Havia uma aliança de casamento na mão do corpo, mas estava toda preta. Toda *preta*. Jesus, eu estava pensando. Ah, meu bom Senhor. Eu passei por cima de outro e depois havia três, tudo junto. Eu fiquei só olhando. Pensei que se passasse por cima deles ficaria bem, mas... eu não

ousei. Sabe em que eu ficava pensando? Naquela brincadeira de criança, O Mestre Mandou. Uma voz na minha cabeça ficava dizendo: Cora, O Mestre Mandou dar um passo gigante por cima dos fios desencapados na rua. E eu ficava pensando: *Vou obedecer. Vou obedecer.* Um deles ainda estava cuspiendo algumas fagulhas, mas os outros dois pareciam mortos. Mas não dá pra saber. O terceiro também parecia morto. Então, fiquei parada, esperando alguém aparecer, mas ninguém apareceu. A casa ainda estava pegando fogo e as chamas tinham se espalhado para o gramado e para as árvores e para a cerca-viva ao lado. Mas não veio nenhum carro de bombeiro. Claro que não. O lado oeste inteiro estava pegando fogo naquela hora. E eu achei que fosse desmaiar. E eu me dei conta de que eu tinha que dar o passo gigante senão ia desmaiar, e eu fui, um passo tão gigante quanto eu consegui, e o calcanhar do meu chinelo desceu a menos de dois centímetros do último fio. Eu passei por cima e contornei a ponta de mais um fio e saí correndo. E eu só me lembro disso. Quando amanheceu, eu estava deitada num cobertor na delegacia com um monte de outras pessoas. Algumas delas, poucas, eram adolescentes de roupa de baile e eu comecei a perguntar se eles tinham visto Rhonda. E eles disseram... eles d-d-disseram...

(Um breve recesso)

P: Você tem mesmo certeza de que Carrie White fez isso?

R: Tenho.

P: Obrigada, sra. Simard.

R: Eu gostaria de fazer uma pergunta, se possível.

P: Claro.

R: O que vai acontecer se houver outros como ela? O que vai acontecer com o mundo?

De *A explosão sombria* (p. 151):

À 00h45 da madrugada de 28 de maio, a situação em Chamberlain estava crítica. A escola pegara fogo num pedaço isolado, mas o centro da cidade inteiro estava em chamas. Quase toda a água daquela região tinha sido drenada, mas havia o suficiente disponível (com baixa pressão) nos dutos da rua Deighan para salvar os prédios comerciais abaixo do cruzamento da rua principal com a Oak.

A explosão do Citgo do Tony no alto da rua Summer tinha resultado num incêndio feroz que só seria controlado quase às dez da manhã do dia seguinte. Havia água na rua Summer; só não havia bombeiros e equipamento para utilizá-la. O equipamento estava vindo de Lewiston, Auburn, Lisbon e Brunswick, mas nada chegou antes da uma da madrugada.

Na rua Carlin, um incêndio elétrico, causado por cabos de força caídos, tinha começado. Acabaria engolindo todo o lado norte da rua, inclusive o bangalô onde Margaret White deu à luz a filha.

No lado oeste da cidade, logo abaixo do que é comumente chamado de colina Brickyard, o pior desastre tinha acontecido: a explosão de um duto de gás e um incêndio como resultado, que fugiu ao controle pela maior parte do dia seguinte.

E se olharmos para esses pontos em um mapa municipal (ver página seguinte), podemos identificar a rota de Carrie: um caminho

errante e sinuoso de destruição pela cidade, mas um caminho com um destino quase certo: ela estava indo para casa...

Alguma coisa caiu na sala, e Margaret White se empertigou e inclinou a cabeça para o lado. A faca cintilou na luz das chamas. A energia elétrica tinha acabado um pouco antes e a única luz na casa vinha do incêndio na rua.

Um dos quadros caiu da parede com um baque. Um momento depois, o cuco Black Forest caiu. O pássaro mecânico soltou um piado baixo e estrangulado e ficou imóvel.

Na cidade, as sirenes tocavam sem parar, mas ela ainda ouviu os passos quando surgiram na calçada.

A porta foi aberta numa explosão. Passos no corredor.

Ela ouviu as placas de gesso na sala (CRISTO, O CONVIDADO INVISÍVEL; O QUE JESUS FARIA; A HORA SE APROXIMA; SE HOJE FOSSE O JUÍZO FINAL, VOCÊ ESTARIA PREPARADO) explodirem uma após a outra, como aves de gesso em uma galeria de tiro.

(oh eu já estive lá e vi as rameiras dançarem em palcos de madeira)

Ela se empertigou no banco como uma estudiosa muito inteligente sentada na primeira fila, mas seus olhos estavam enlouquecidos.

As janelas da sala explodiram de dentro para fora.

A porta da cozinha abriu com estrondo e Carrie entrou.

O corpo dela parecia estar retorcido, murcho, velho. O vestido de baile estava em trapos e farrapos e o sangue de porco tinha começado a coagular e rachar. Havia uma mancha de graxa na testa dela e os dois joelhos estavam arranhados, em carne viva.

— Mamãe — sussurrou ela. Seus olhos estavam brilhando de um jeito sobrenatural, parecendo os de um falcão, mas sua boca estava tremendo. Se alguém estivesse lá assistindo, a pessoa ficaria impressionada com a semelhança entre elas.

Margaret White continuou sentada no banco da cozinha, a faca escondida nas dobras do vestido, no colo.

— Eu devia ter me matado quando ele botou em mim — disse ela claramente. — Depois daquela primeira vez, antes de nos casarmos, ele prometeu. Nunca mais. Ele disse que nós só... escorregamos. Eu acreditei. Eu caí e perdi o bebê e aquele foi o julgamento de Deus. Eu senti que o pecado tinha sido expiado. Com sangue. Mas o pecado nunca morre. *O pecado... nunca... morre.* — Os olhos dela cintilaram.

— Mamãe, eu...

— No começo, ficou tudo bem. Nós vivemos sem pecado. Nós dormíamos na mesma cama, barriga com barriga às vezes, e, ah, eu sentia a presença da Serpente, mas nós... nunca... fizemos... até... — Ela começou a sorrir e foi um sorriso duro e terrível. — E naquela noite eu pude vê-lo me olhando Daquele Jeito. Nós ficamos de joelhos para orar por força e ele... me tocou. Naquele lugar. O lugar de mulher. E eu o mandei para fora de casa. Ele ficou fora por horas e eu orei por ele. Eu o via pelo olho da mente, andando pelas ruas à meia-noite, lutando com o diabo como Jacó lutou com o Anjo do Senhor. E quando ele voltou, meu coração ficou cheio de agradecimento.

Ela fez uma pausa, exibindo um sorriso seco e sem saliva nas sombras oscilantes da cozinha.

— *Mamãe, eu não quero ouvir!*

Pratos começaram a explodir nos armários como pombos de argila.

— Só quando ele entrou foi que senti o cheiro de uísque no bafo dele. E ele me tomou. *Me tomou!* Com o fedor de uísque vagabundo de bar de beira de estrada ainda no corpo ele me tomou... e *eu gostei!* — Ela gritou as últimas palavras para o teto. — *Eu gostei de toda aquela foda imunda e das mãos dele EM MIM TODA!*

— *MAMÃE!*

(*MAMÃE!!*)

Ela parou de falar como se tivesse levado um tapa e olhou para a filha, piscando.

— Eu quase me matei — disse ela em um tom mais normal. — E Ralph chorou e falou sobre expiação e eu não fiz, e aí ele morreu e aí eu pensei que Deus tinha me visitado com um câncer; que Ele estava transformando minhas partes femininas em uma coisa tão preta e podre quanto a minha alma pecadora. Mas isso teria sido fácil demais. O Senhor age de formas misteriosas, faz maravilhas. Eu vejo isso agora. Quando a dor começou, eu fui pegar a faca, esta faca — ela mostrou a faca — e esperei você chegar para eu poder fazer meu sacrifício. Mas eu fui fraca e retrocedi. Eu peguei a faca na mão de novo quando você tinha três anos, mas recuei de novo. E agora, o diabo voltou para casa.

Ela levantou a faca e seus olhos grudaram hipnotizados na curva cintilante da lâmina.

Carrie deu um passo lento e desajeitado à frente.

— Eu vim te matar, Mamãe. E você estava aqui esperando pra me matar. Mamãe, eu... Não está certo, Mamãe. Não está...

— Vamos orar — disse Mamãe suavemente. Os olhos dela se fixaram em Carrie e havia uma compaixão louca e horrível neles. A luz do fogo estava mais forte agora, dançando nas paredes como dervixes. — Pela última vez, vamos orar.

— *Ah, Mamãe, me ajuda!* — gritou Carrie.

Ela caiu para a frente de joelhos, a cabeça baixa, as mãos erguidas em súplica.

Mamãe se inclinou para a frente e a faca desceu num arco reluzente.

Carrie, talvez vendo com o canto do olho, se jogou para trás e, em vez de penetrar nas costas dela, a faca entrou no ombro até o cabo. Os pés da Mamãe se prenderam nas pernas da cadeira e ela caiu sentada.

Elas se olharam como em um quadro silencioso.

Sangue começou a escorrer em volta do cabo da faca, pingando no chão.

E Carrie disse baixinho:

— Vou te dar um presente, Mamãe.

Margaret tentou se levantar, cambaleou e caiu de quatro.

— O que você está fazendo? — gemeu ela com voz rouca.

— Eu estou visualizando seu coração, Mamãe — disse Carrie. — É mais fácil quando a gente vê as coisas na mente. Seu coração é um músculo vermelho grande. O meu bate mais rápido quando eu uso o meu poder. Mas o seu está indo um pouco mais devagar agora. Um pouco mais devagar.

Margaret tentou se levantar de novo, fracassou e fez o sinal contra o mal para a filha.

— Um pouco mais devagar, Mamãe. Você sabe qual é o presente, Mamãe? O que você sempre quis. A escuridão. E qualquer que seja o Deus que mora lá.

Margaret White sussurrou:

— Pai nosso, que estais no céu...

— Mais devagar, Mamãe. Mais devagar.

— ... santificado seja o Vosso nome...

— Estou vendo o sangue sendo drenado de volta pra você. Mais devagar.

— ... venha a nós o Vosso reino...

— Seus pés e mãos como mármore, como alabastro. Brancos.

— ... seja feita a Vossa vontade...

— A *minha* vontade, Mamãe. Mais devagar.

— ... assim na terra...

— Mais devagar.

— ... como... como... como no...

Ela caiu para a frente, as mãos tremendo.

— ... como no céu.

Carrie sussurrou:

— Ponto final.

Ela olhou para si mesma e botou as mãos trêmulas em volta do cabo da faca.

(não ah não isso dói isso é dor demais)

Ela tentou se levantar, fracassou e se apoiou no banco da Mamãe. A tontura e a náusea tomaram conta dela. Ela sentia gosto de sangue, forte e gosmento, no fundo da garganta. Fumaça acre e sufocante entrava pelas janelas agora. As chamas tinham chegado na casa ao lado; mesmo agora, as fagulhas estariam caindo de leve

no telhado no qual as pedras penetraram brutalmente mil anos antes.

Carrie saiu pela porta de trás, cambaleou pelo gramado e descansou

(onde está a minha mamãe)

encostada em uma árvore. Havia algo que ela tinha que fazer.

Algo relacionado

(estacionamentos de bares de beira de estrada)

ao Anjo com a Espada. A Espada Chamejante.

Não importava. Ela acabaria se lembrando.

Ela atravessou pelos quintais até a rua Willow e subiu o barranco até a Route 6.

Era 1h15 da madrugada.

Eram 23h20 quando Christine Hargensen e Billy Nolan voltaram para o Cavalier. Eles subiram pela escada dos fundos, seguiram o corredor e, antes que ela pudesse acender a luz, ele estava arrancando a blusa dela.

— Pelo amor de Deus, me deixa desabotoar...

— Porra nenhuma.

Ele a arrancou de repente pelas costas. O tecido rasgou com um som forte e repentino. Um botão se soltou e tilintou no piso de madeira. A música country chegava baixa até eles e a construção vibrava sutilmente com a dança desajeitada e entusiasmada de fazendeiros e caminhoneiros e trabalhadores de moinhos e garçonetes e cabeleireiras, dos malandros e das suas namoradas das cidades de Westover e Motton.

— Ei...

— Cala a boca.

Ele deu um tapa que jogou a cabeça dela para trás. Os olhos dela assumiram um brilho seco e mortal.

— Acabou, Billy. — Ela recuou para longe dele, os seios inflando no sutiã, a barriga reta tremendo, as pernas longas na calça jeans. Mas ela recuou na direção da cama. — Acabou.

— Claro — disse ele. Ele foi para cima dela e ela deu um soco nele, um soco surpreendentemente forte que acertou a bochecha dele.

Ele se empertigou e moveu a cabeça de leve.

— Você vai me deixar com um hematoma, sua puta.

— Vou deixar com outros.

— Ah, vai mesmo.

Eles se encararam, ofegantes, hostis. E ele começou a desabotoar a camisa, um sorrisinho se abrindo no rosto.

— A gente mandou ver, Charlie. A gente mandou ver mesmo. — Ele a chamava de Charlie sempre que estava satisfeito com ela. Ela pensou com um toque frio de humor que parecia ser um termo genérico para piranhas boazinhas.

Ela sentiu um sorrisinho surgir no próprio rosto, relaxou um pouco, e foi nessa hora que ele bateu com a camisa na cara dela e correu abaixado, batendo com a cabeça na barriga dela como uma cabra e a derrubando na cama. As molas gemeram. Ela bateu com os punhos com impotência nas costas dele.

— Sai de cima de mim! Sai de cima de mim! Seu nojento do caralho, *sai de cima de mim!*

Ele estava sorrindo para ela e, com um puxão rápido e forte, arrebentou seu zíper, expondo os quadris dela.

— Vai ligar pro papai? — grunhiu ele. — É isso que você vai fazer? É? É? Vai fazer isso, Chuckie? Vai ligar pro papai advogado? Hein? Eu teria feito com você, sabia? Teria jogado em cima de você. Sabia? Hein? Sabia? Sangue de porca pra uma porca, né? Bem em cima do seu corpinho. Você...

Ela tinha parado de resistir de repente. Ele parou, ficou olhando para ela, e ela estava com um sorriso estranho no rosto.

— Você queria assim o tempo todo, né? Seu canalha maldito. É verdade, não é? Seu arrombado do caralho.

O sorriso dele foi lento, enlouquecido.

— Não importa.

— Não — disse ela. — Não importa. — O sorriso dela sumiu de repente, os tendões no pescoço se contraíram quando ela puxou a saliva... e cuspiu no rosto dele.

Eles caíram numa inconsciência vermelha, se debatendo.

No andar de baixo, a música seguia com seu batido e chiado (*"I'm poppin little white pills an my eyes are open wide/ Six days on the road, and I'm gonna make it home tonight!"*), country, ritmo acelerado, muito alta, muito ruim, uma banda de cinco usando camisas de caubói com lantejoulas e calças novas e apertadas com rebites brilhosos, ocasionalmente secando suor misturado com fixador de cabelo Vitalis da testa, guitarra solo, guitarra base, guitarra ressonadora, dobro, bateria; ninguém ouviu a sirene da cidade, nem a primeira explosão, nem a segunda; quando o duto de gás explodiu e a música parou e alguém entrou no estacionamento e começou a gritar a notícia, Chris e Billy estavam dormindo.

Chris acordou de repente e o relógio da mesa de cabeceira marcava cinco minutos para uma. Alguém estava batendo na porta.

— Billy! — gritava a voz. — Acorda! Ei! Ei!

Billy se mexeu, rolou e derrubou o despertador barato no chão.

— Que porra é essa? — disse ele com voz rouca e se sentou. Suas costas estavam ardendo. A vaca as tinha coberto com grandes arranhões. Ele nem reparou direito na hora, mas agora decidiu que teria que enviá-la para casa andando de pernas arqueadas. Só para mostrar quem mand...

O silêncio o surpreendeu. Silêncio. O Cavalier só fechava às duas; na verdade, ele ainda via o néon piscando pela janela suja do sótão. Exceto pela batida regular,

(aconteceu alguma coisa)

o lugar parecia um cemitério.

— Billy, você está aí? Ei!

— Quem é? — sussurrou Chris. Os olhos dela estavam brilhando e alertas no néon intermitente.

— Jackie Talbot — disse ele, distraído. — O quê?

— Me deixa entrar, Billy. Eu tenho que falar com você!

Billy se levantou e foi até a porta, nu. Soltou a tranca antiquada e a abriu.

Jackie Talbot entrou. Os olhos dele estavam loucos e o rosto sujo de fuligem. Ele estava bebendo com Steve e Henry quando a notícia chegou, à meia-noite e dez. Eles voltaram para a cidade no velho Dodge conversível do Henry e viram o duto de gás da avenida Jackson explodir de um ponto privilegiado da colina Brickyard. Quando Jackie pegou o Dodge e começou a voltar, à 00h30, a cidade estava em pânico.

— Chamberlain está pegando fogo — disse ele para Billy. — A porra da cidade toda. A escola já era. O centro já era. O West End explodiu. Gás. E a rua Carlin está pegando fogo. E estão dizendo que foi a Carrie White!

— Ah, Deus — disse Chris. Ela começou a sair da cama e procurar as roupas. — O que...

— Cala a boca — disse Billy sem muito entusiasmo —, senão te dou uma surra. — Ele olhou para Jackie de novo e assentiu para ele continuar.

— Ela foi vista. Muita gente viu. Billy, dizem que ela está coberta de sangue. Ela estava naquela porra de baile hoje... Steve e Henry não perceberam, mas... Billy, você... Aquele sangue de porca... foi...

— Foi — disse Billy.

— Ah, não. — Jackie cambaleou e se apoiou na moldura da porta. O rosto dele tinha um tom doentio de amarelo sob a luz de uma lâmpada de corredor. — Ah, Jesus, Billy, a cidade toda...

— Carrie destruiu a cidade toda? Carrie *White*? Você está louco. — Ele falou com voz calma, quase serena. Atrás dele, Chris estava se vestindo rapidamente.

— Vai olhar pela janela — disse Jackie.

Billy foi e olhou. Todo o horizonte ao leste tinha ficado vermelho e o céu estava iluminado com o brilho. Enquanto ele olhava, três carros de bombeiro passaram tocando a sirene. Ele viu os nomes deles no brilho do poste que marcava o estacionamento do Cavalier.

— Caralho — disse ele. — Esses carros de bombeiro são de Brunswick.

— Brunswick? — disse Chris. — Fica a sessenta e cinco quilômetros. Não pode ser...

Billy se virou para Jackie Talbot.

— Me conta. O que houve?

Jackie balançou a cabeça.

— Ninguém sabe ainda. Começou na escola. Carrie e Tommy Ross ganharam como Rei e Rainha, alguém jogou dois baldes de sangue neles e ela saiu correndo. E a escola pegou fogo e dizem que ninguém saiu. O Amoco do Teddy explodiu, o posto Mobil na rua Summer...

— Citgo — corrigiu Billy. — É um Citgo.

— *Que diferença faz?* — gritou Jackie. — Foi ela, em todo lugar que aconteceu alguma coisa foi *ela*! E os baldes... nenhum de nós usou luva...

— Eu cuido disso — disse Billy.

— Você não entendeu, Billy. Carrie está...

— Sai.

— Billy...

— Sai, senão vou quebrar seu braço e fazer você comer.

Jackie recuou pela porta com cautela.

— Vai pra casa. Não fala com ninguém. Eu vou cuidar de tudo.

— Tudo bem — disse Jackie. — Tudo bem. Billy, eu só achei...

Billy bateu a porta.

Chris chegou nele em um segundo.

— Billy, o que a gente vai fazer, aquela vaca da Carrie, ah, Senhor, o que a gente vai...

Billy bateu nela com toda a força do braço e a derrubou no chão. Chris se sentou num silêncio perplexo por um momento, levou as

mãos ao rosto e começou a chorar.

Ele vestiu a calça, a camiseta, as botas. Foi até a bacia de porcelana lascada que ficava no canto, acendeu a luz, molhou a cabeça e começou a pentear o cabelo, inclinado para ver o reflexo no espelho velho e manchado. Atrás dele, ondulada e distorcida, Chris Hargensen continuou no chão, limpando sangue do lábio cortado.

— Eu vou te dizer o que a gente vai fazer — disse ele. — A gente vai para a cidade ver o fogo. E depois, a gente vai pra casa. Você vai dizer para o seu papaizinho querido que a gente estava no Cavalier tomando cerveja quando aconteceu. Eu vou dizer a mesma coisa pra minha mamãezinha querida. Pronto.

— Billy, suas digitais — disse ela. Sua voz soou abafada, mas respeitosa.

— As digitais *deles* — disse ele. — *Eu* usei luvas.

— Eles contariam? — perguntou ela. — Se a polícia os pegasse e interrogasse...

— Claro — disse ele. — Eles contariam.

As voltinhas e os cachos estavam quase certos. Brilhavam na luz da cúpula fraca e cheia de moscas mortas dentro como redemoinhos em água profunda. O rosto dele estava calmo, em repouso. O pente que ele usou era um Ace velho e gasto, sujo de brilhantina. O pai lhe dera no décimo primeiro aniversário e não havia nem um dente quebrado. Nenhum.

— Talvez nem encontrem os baldes — disse ele. — Se acharem, talvez as digitais estejam queimadas. Não sei. Mas se Doyle levar algum deles pra delegacia, eu vou pra Califórnia. Você faz o que quiser.

— Você me levaria com você? — perguntou ela. Olhou para ele do chão, o lábio inchado de um tamanho anormal, os olhos suplicantes.

Ele sorriu.

— Talvez. — Mas ele não levaria. Não mais. — Vem. Nós vamos pra cidade.

Eles desceram a escada e atravessaram a pista de dança vazia, onde as cadeiras ainda estavam empurradas e havia cervejas chocas nas mesas.

Quando eles saíram pela porta de incêndio, Billy disse:

— Este lugar é uma merda mesmo.

Eles entraram no carro e ele o ligou. Quando acendeu os faróis, Chris começou a gritar, as mãos em punhos nas bochechas.

Billy sentiu ao mesmo tempo: uma coisa na mente,
(carrie carrie carrie carrie)

uma presença.

Carrie estava parada na frente deles, a uns vinte metros.

Os faróis a delinearam em pretos e brancos horrendos de filme de terror, pingando e coberta de sangue. Agora, a maior parte era dela. O cabo da faca ainda estava no ombro e o vestido estava coberto de manchas de terra e grama. Ela tinha engatinhado por boa parte da distância da rua Carlin, quase desmaiando, para destruir aquele bar de beira de estrada, talvez o mesmo onde a maldição de sua criação havia começado.

Ela estava oscilando, os braços esticados como os braços de um hipnotista de palco, e começou a cambalear na direção deles.

Aconteceu num segundo. Chris não teve tempo de usar o grito. Os reflexos de Billy eram bons e a reação dele foi instantânea. Ele

botou farol baixo, engatou a marcha e meteu o pé no acelerador.

Os pneus do Chevrolet cantaram no asfalto e o carro pulou para a frente como um animal assassino velho e terrível. A figura foi crescendo pelo para-brisa e, com isso, a presença ficou mais alta

(*CARRIE CARRIE CARRIE*)

e mais alta

(*CARRIE CARRIE CARRIE*)

como um rádio sendo aumentado para volume máximo. O tempo pareceu se fechar em volta deles em uma moldura e, por um momento, eles ficaram paralisados mesmo em movimento: Billy

(*CARRIE* como os cachorros *CARRIE* como os malditos cachorros *CARRIE* brucie como eu queria que *CARRIE* fosse *CARRIE* você)

e Chris

(*CARRIE* Jesus não matar ela *CARRIE* não queria matar ela *CARRIE* Billy eu não *CARRIE* quero *CARRIE* ver CA)

e a própria Carrie.

(ver a roda roda do carro pedal do acelerador estou vendo a *RODA* ah deus meu coração meu coração meu coração)

E Billy de repente sentiu o carro o trair, ganhar vida, escorregar nas mãos. O Chevy girou num semicírculo fumegante, os escapamentos sacudindo e, de repente, a parede de madeira do Cavalier estava aumentando, aumentando, aumentando e

(isso é)

eles bateram na parede a sessenta e cinco, ainda acelerando, e a madeira jorrou numa detonação tingida de néon. Billy foi jogado para a frente e a coluna do volante o empalou. Chris foi jogada no painel.

O tanque de gás se rompeu e o combustível começou a formar uma poça na traseira do carro. Parte de um cano do escapamento caiu nele e o combustível pegou fogo.

Carrie estava deitada de lado, os olhos fechados, ofegando pesadamente. Seu peito parecia pegar fogo.

Ela começou a se arrastar pelo estacionamento, em direção a lugar nenhum.

(mamãe desculpa deu tudo errado ah mamãe ah por favor ah por favor está doendo tanto mamãe o que eu faço)

E de repente não importava mais, nada importaria se ela pudesse se virar, se virar e ver as estrelas, se virar e olhar uma vez e morrer.

E foi assim que Sue a encontrou às duas da manhã.

Quando o xerife Doyle a deixou, Sue andou pela rua e se sentou nos degraus da lavanderia self-service. Ela olhou para o céu em chamas sem vê-lo. Tommy estava morto. Ela sabia que era verdade e aceitou com uma tranquilidade horrível.

E Carrie fizera aquilo.

Ela não tinha ideia de como sabia disso, mas a convicção era tão pura e certa quanto aritmética.

O tempo passou. Não importava. Macbeth destruiu o sono e Carrie destruiu o tempo. Muito bom. Uma frase de efeito. Sue sorriu com tristeza. Esse poderia ser o fim da nossa heroína, a srta. Debutante? Nenhuma preocupação com o country clube e com Kleen Korner. Nunca mais. Já era. Queimou. Alguém passou correndo, falando que a rua Carlin estava pegando fogo. Que bom para a rua Carlin. Tommy morreu. E Carrie tinha ido para casa para matar a mãe.

(????????????)

Ela se sentou ereta e olhou para a escuridão.

(????????????)

Ela não sabia como sabia disso. Não tinha relação com nada que ela tivesse lido sobre telepatia. Não havia imagens na cabeça dela, nem brilhos brancos de revelação, só conhecimento prosaico; assim como sabemos que o verão vem depois da primavera, que um câncer pode matar, que a mãe de Carrie já estava morta, que...

(!!!!)

O coração dela pulou no peito. Morta? Ela examinou seu conhecimento do incidente para tentar descartar a estranheza insistente de saber do nada.

Sim, Margaret White estava morta, alguma coisa no coração. Mas ela tinha esfaqueado Carrie. Carrie estava muito machucada. Ela estava...

Não havia mais nada.

Ela se levantou e correu até o carro da mãe. Dez minutos depois, estacionou na esquina das ruas Branch e Carlin, que estava pegando fogo. Não havia carros de bombeiro disponíveis para combater as chamas ainda, mas ela viu que cavaletes tinham sido posicionados nas duas extremidades da rua e que barris soltando uma fumaça oleosa iluminavam uma placa que dizia:

PERIGO! FIOS DESENCAPADOS!

Ela cortou caminho por dois quintais e abriu passagem por uma cerca-viva que a arranhou, com espinhos brancos, curtos e duros. Ela saiu um quintal antes da casa dos Whites e o atravessou.

A casa estava em chamas, o teto pegando fogo. Era impossível pensar em chegar perto e olhar dentro. Mas, na luz forte, ela enxergou melhor uma coisa: a trilha do sangue de Carrie. Ela seguiu o caminho com a cabeça baixa, passando pelos pontos maiores onde Carrie tinha descansado, por outra cerca-viva, por um quintal da rua Willow e por uma área selvagem de pinheiros e carvalhos. Atrás disso, um trecho curto e sem pavimento, praticamente uma trilha, subia sinuoso pelo aclive à direita, indo para longe da Route 6.

Ela parou de repente quando a dúvida a atingiu com uma força maligna e corrosiva. E se ela a encontrasse? O que aconteceria? Seu coração pararia? Ela poria fogo? Ela a controlaria e a obrigaria a andar na frente de um carro de passeio ou de bombeiro? Seu conhecimento peculiar lhe disse que Carrie seria capaz de tudo isso.

(ache um policial)

Ela riu um pouco e se sentou na grama, que estava coberta de orvalho. Já tinha encontrado um policial. E mesmo supondo que Otis Doyle tivesse acreditado nela, e aí? Uma imagem surgiu na mente dela: cem caçadores desesperados cercando Carrie, exigindo que ela entregasse as armas e se rendesse. Carrie, obediente, levanta as mãos e solta a cabeça dos ombros. Entrega para o xerife Doyle, que solenemente a coloca numa cesta de vime marcada como Prova A.

(e tommy está morto)

Ora, ora. Ela começou a chorar. Botou as mãos no rosto e chorou. Uma brisa suave sacudiu os arbustos de zimbrós no alto da colina. Mais carros de bombeiro passaram em disparada na Route 6, como cães vermelhos enormes na noite.

(a cidade está pegando fogo oras)

Ela não tinha ideia de por quanto tempo ficou sentada lá, chorando em um estado de quase sono. Ela nem estava ciente de que estava seguindo o progresso de Carrie na direção do Cavalier, tanto quanto não estava ciente do processo de respirar, a não ser que pensasse no assunto. Carrie estava muito machucada, seguia por pura determinação àquelas alturas. Eram cinco quilômetros até o Cavalier, mesmo pelo mato, e Carrie estava indo. Sue

(viu? pensou? não importa)

Carrie cair num riacho e se arrastar para fora, gelada e tremendo. Era mesmo incrível que ela continuasse. Mas claro que era pela Mamãe. A Mamãe queria que ela fosse a Espada Chamejante do Anjo, que destruísse...

(ela vai destruir isso também)

Ela se levantou e saiu correndo desajeitada, sem se dar ao trabalho de seguir a trilha de sangue. Não precisava mais dela.

De *A explosão sombria* (pp. 164-5):

Independentemente do que qualquer um de nós possa pensar do caso Carrie White, ele acabou. Está na hora de olhar para o futuro. Como Dean McGuffin observa em seu excelente artigo na *Science Yearbook*, se nos recusarmos a fazer isso, é quase certo que teremos que pagar o preço — um preço provavelmente bem alto.

Uma questão moral complicada é levantada aqui. Há algum progresso sendo feito na direção do isolamento completo do gene TC. É mais ou menos suposto na comunidade científica (veja, por exemplo, “Uma visão sobre o isolamento do gene TC com

recomendações específicas de controlar parâmetros” em *Microbiology Annual*, Berkeley, 1982) que, quando um procedimento de teste for estabelecido, todas as crianças em idade escolar passarão pelo exame de forma tão rotineira quanto agora passam pelo teste de tuberculose. Mas o TC não é uma infecção; é tão parte da pessoa portadora do gene quanto a cor dos olhos.

Se a habilidade TC evidente ocorre como parte da puberdade e se esse hipotético teste TC for executado em crianças que iniciem o primeiro ano, nós ficaremos prevenidos. Mas, nesse caso, estar prevenido significa estar preparado? Se o teste de tuberculose dá positivo, uma criança pode ser tratada ou isolada. Se o teste de TC der positivo, nós não temos tratamento a não ser uma bala na cabeça. E como é possível isolar uma pessoa que em algum momento vai ser capaz de derrubar todas as paredes?

E mesmo que o isolamento pudesse ser feito com sucesso, o povo norte-americano permitiria que uma menininha bonita fosse arrancada dos pais ao primeiro sinal de puberdade para ser trancada em um cofre de banco pelo resto da vida? Duvido. Principalmente dado o fato de que a Comissão White se esforçou tanto para convencer o público de que o pesadelo em Chamberlain foi uma grande mentira.

De fato, parece que voltamos à estaca zero...

Do depoimento sob juramento de Susan Snell, tomado perante o Comitê Investigativo Estadual do Maine (de *O relatório da Comissão White*), pp. 306-472:

P: Srta. Snell, o Comitê gostaria de repassar seu depoimento em relação ao seu suposto encontro com Carrie White no estacionamento do Cavalier...

R: Por que vocês ficam fazendo a mesma pergunta toda hora? Eu já contei duas vezes.

P: Nós queremos ter certeza de que o registro está correto em todas...

R: Vocês querem me pegar numa mentira, não é isso que você quer dizer? Vocês acham que eu não estou falando a verdade, né?

P: Você diz que encontrou Carrie às...

R: Você pode me responder?

P: ... duas da madrugada do dia 28 de maio. Está correto?

R: Eu não vou responder a nenhuma pergunta se você não responder a que eu acabei de fazer.

P: Srta. Snell, este grupo pode citá-la por desacato se você se recusar a responder com base em qualquer coisa que não seja constitucional.

R: Eu não ligo para o que vocês podem fazer. Eu perdi uma pessoa que eu amo. Me joga na cadeia. Eu não ligo. Eu... Eu... Ah, vão pro inferno. Todos vocês, vão pro inferno. Vocês estão tentando... tentando... sei lá, me crucificar, algo assim. Me deixem em paz!

(Um breve recesso)

P: Srta. Snell, você está disposta a continuar o depoimento agora?

R: Sim. Mas não aceito ser aborrecida, sr. Presidente.

P: Claro que não, mocinha. Ninguém quer aborrecer você. Você alega ter encontrado Carrie no estacionamento do bar às 2h. Isso está correto?

R: Está.

P: Você sabia a hora exata, então.

R: Eu estava com o relógio que você está vendo no meu pulso agora.

P: Só para ter certeza. O Cavalier não fica a quase dez quilômetros de onde você deixou o carro da sua mãe?

R: Sim, pela estrada. Mas são quase cinco em linha reta.

P: Você andou essa distância?

R: Andei.

P: Você disse antes que “sabia” que estava chegando perto de Carrie. Você pode explicar isso?

R: Não.

P: Deu para sentir o cheiro dela?

R: O quê?

P: Você seguiu seu faro?

(Risadas nas galerias)

R: Você está brincando comigo?

P: Responda à pergunta, por favor.

R: Não. Eu não segui meu faro.

P: Você conseguia vê-la?

R: Não.

P: Ouvi-la?

R: Não.

P: Então como podia saber que ela estava lá?

R: Como Tom Quillan soube? Ou Cora Simard? Ou o pobre Vic Mooney? Como qualquer um deles soube?

P: Responda à pergunta, senhorita. Esse não é o lugar nem a hora para impertinência.

R: Mas eles disseram que “simplesmente sabiam”, não foi? Eu li o depoimento da sra. Simard no jornal! E os hidrantes que se abriram sozinhos? E as bombas de gasolina que quebraram os próprios cadeados e se ligaram sozinhas? Os cabos de força que caíram dos postes! E...

P: Srta. Snell, por favor...

R: Essas coisas estão nos registros dos procedimentos desta Comissão!

P: Isso não está em questão aqui.

R: Então o que *está*? Vocês estão procurando a verdade ou um bode expiatório?

P: Você nega que tinha conhecimento prévio do paradeiro de Carrie White?

R: Claro que nego. É uma ideia absurda.

P: Ah, é? E por que é absurda?

R: Bom, se você está sugerindo algum tipo de conspiração, é absurda porque Carrie estava morrendo quando eu a encontrei. Não pode ter sido um jeito fácil de morrer.

P: Se você não tinha conhecimento prévio do paradeiro dela, como pôde ir direto para onde ela estava?

R: Ah, seu homem estúpido! Você ouviu alguma coisa que foi dita aqui? Todo mundo sabia que tinha sido a Carrie! Qualquer um poderia tê-la encontrado se tivesse decidido fazer isso.

P: Mas não foi qualquer um que a encontrou. Foi você. Você pode nos dizer por que as pessoas não apareceram de todas as partes, como raspas de ferro atraídas por um ímã?

R: Ela estava enfraquecendo rapidamente. Acho que talvez a... zona de influência dela estivesse encolhendo.

P: Acho que você vai concordar que essa é uma suposição um tanto sem embasamento.

R: Claro que é. Quando se trata de Carrie White, todos nós estamos meio sem embasamento.

P: Como quiser, srta. Snell. Agora, se pudermos falar...

No começo, quando ela subiu o barranco entre a campina Henry Drain e o estacionamento do Cavalier, ela achou que Carrie estivesse morta. O corpo dela estava na metade do estacionamento e ela parecia estranhamente encolhida e murcha. Sue se lembrou imediatamente dos animais mortos que vira na 495 (marmotas, texugos, gambás) e que tinham sido atropelados por caminhões e peruas.

Mas a presença ainda estava na mente dela, teimando em vibrar, repetindo os sinais de chamada da personalidade de Carrie White sem parar. Uma essência de Carrie, um *gestalt*. Mudo agora, não estridente, não se anunciando com trombetas, mas indo e vindo em oscilações regulares.

Inconsciente.

Sue passou por cima da grade que contornava o estacionamento, sentindo o calor do fogo no rosto. O Cavalier era um prédio com estrutura de madeira e estava queimando bruscamente. Os restos queimados de um carro estavam tomados de chamas até a porta

dos fundos. Carrie tinha feito aquilo. Ela não foi olhar para saber se havia alguém dentro. Não importava, não agora.

Ela andou até onde Carrie estava, deitada de lado, sem conseguir ouvir os próprios passos sob o estalo faminto do fogo. Olhou para a figura encolhida com uma pena confusa e amarga. O cabo da faca se projetava cruelmente do ombro dela, que estava deitada numa pequena poça de sangue; parte do fluxo escorria de sua boca. Ela parecia estar tentando se virar quando a inconsciência a levou. Capaz de gerar incêndio, derrubar cabos de energia, capaz de matar quase só com o pensamento; deitada ali, sem conseguir se virar.

Sue se ajoelhou, segurou-a pelo braço e pelo ombro que não estava ferido e a virou com delicadeza.

Carrie gemeu com voz rouca e abriu os olhos. A percepção dela na mente de Sue se apurou, como se uma imagem mental estivesse entrando em foco.

(quem está aí)

E Sue, sem pensar, falou da mesma forma:

(eu sue snell)

Só que não havia necessidade de pensar no próprio nome. O pensamento nela como ela mesma não era nem em palavras, nem em imagens. A percepção, de repente, aproximou tudo, tornou real, e a compaixão por Carrie rompeu o entorpecimento do choque.

E Carrie com reprovação distante e tola:

(vocês me enganaram vocês todos me enganaram)

(carrie eu nem sei o que aconteceu o tommy)

(você me enganou foi isso que aconteceu enganou enganou foi jogo sujo)

A mistura de imagem e emoção foi surpreendente, indescritível. Sangue. Tristeza. Medo. O mais recente truque sujo em uma longa série de truques sujos: eles surgiram em uma sequência vertiginosa que fez a mente de Sue girar com impotência, com desespero. Elas compartilharam a horrível totalidade do conhecimento perfeito.

(carrie não não não me machucar)

Agora, garotas jogando absorventes, cantarolando, rindo, o rosto de Sue espelhado na mente dela: feio, caricatural, a boca enorme, cruelmente lindo.

(veja as pegadinhas imundas veja a minha vida inteira uma enorme pegadinha imunda)

(olha carrie olha dentro de mim)

E Carrie olhou.

A sensação foi apavorante. Sua mente e seu sistema nervoso tinham se tornado uma biblioteca. Alguém com uma necessidade desesperada correu por ela, os dedos passando de leve por prateleiras de livros, pegando alguns, olhando, colocando de volta, deixando alguns caírem, deixando as páginas voando descontroladas

(vislumbres sou eu quando criança odeio ele papai ah mamãe lábios largos oh dentes bobby me empurrou ah meu joelho carro quero andar no carro nós vamos ver a tia cecily mamãe vem rápido eu fiz xixi)

no vento da memória; sempre em frente, finalmente chegando a uma prateleira marcada TOMMY, com o subtítulo BAILE. Livros sendo abertos, vislumbres de experiência, anotações nas margens em todos os hieroglifos da emoção, mais complexos do que a Pedra de Roseta.

Olhando. Encontrando mais do que a própria Sue desconfiava: amor por Tommy, egoísmo, uma necessidade de subjugá-lo à sua vontade na questão de levar Carrie, repulsa pela própria Carrie,

(ela poderia se cuidar melhor ela parece um SAPO)

ódio pela srta. Desjardin, ódio por ela mesma.

Mas não animosidade por Carrie pessoalmente, nenhum plano de levá-la para a frente de todo mundo e humilhá-la.

O sentimento febril de ser violentada em seus corredores mais secretos começou a sumir. Ela sentiu Carrie recuando, fraca e exausta.

(por que você não me deixou em paz)

(carrie eu)

(mamãe estaria viva eu matei a minha mamãe eu quero ela ah dói meu peito meu ombro ah ah ah eu quero a minha mamãe)

(carrie eu)

E não havia como terminar aquele pensamento, nada lá com que competir. Sue, de repente, foi tomada por terror, o pior de todos, porque não conseguia dar nome a ele: a aberração ensanguentada nesse asfalto manchado de óleo pareceu insignificante e horrível em sua dor e morrendo.

(ah mamãe eu estou com medo mamãe *MAMÃE*)

Sue tentou recuar, desengatar a mente, permitir a Carrie ao menos a privacidade da morte, e não conseguiu. Ela sentiu que estava morrendo e não queria ver essa prévia do seu próprio fim.

(carrie me SOLTA)

(Mamãe Mamãe Mamãe *aaaaaaaaaahhhhhh AAAAHHHHH*)

O grito mental chegou a um crescendo estridente e inacreditável e sumiu de repente. Por um momento, Sue sentiu como se estivesse

vendo uma chama de vela desaparecer por um túnel preto comprido em uma velocidade tremenda.

(ela está morrendo ah meu deus estou sentindo ela morrer)

E a luz sumiu e o último pensamento consciente foi

(mamãe me desculpa onde)

e então sumiu e Sue ficou sintonizada só na frequência vazia e idiota das terminações nervosas físicas que levariam horas para morrer.

Ela se afastou cambaleando, esticando os braços na frente do corpo como uma mulher cega, na direção da extremidade do estacionamento. Ela tropeçou na grade da altura do joelho e rolou pelo barranco. Levantou-se e tropeçou pelo campo, que estava se enchendo de bolsões brancos místicos de neblina rente ao chão. Grilos cricrilavam negligentemente e um bacurau

(bacurau alguém está morrendo)

cantou no grande silêncio da madrugada.

Ela começou a correr, respirando fundo no peito, correndo de Tommy, dos incêndios e explosões, de Carrie, mas mais do horror final, aquele último pensamento iluminado carregado depressa pelo túnel preto da eternidade, seguido pelo zumbido vazio e idiota da eletricidade prosaica.

A imagem começou a sumir com relutância, deixando uma escuridão abençoada e fresca na mente dela, que não sabia nada. Ela foi mais devagar, parou e ficou ciente de que uma coisa tinha começado a acontecer. Ela parou no meio do campo grande e coberto de névoa, esperando a percepção.

Sua respiração rápida desacelerou, desacelerou, interrompida de súbito como se agarrada em um espinho...

E, de repente, explodiu em um grito uivante e trapaceado.

Enquanto ela sentia o fluxo lento do sangue menstrual escuro descendo pelas coxas.

PARTE TRÊS

ESCOMBROS

ANDOVER MERCY HOSPITAL/RELATÓRIO DE ÓBITO

Nome White Carietta N. por RM
(sobrenome) (nome) (iniciais de meio)

Endereço rua Carlin 47
Chamberlain, Maine 02249

Pronto-socorro nenhum Ambulância nº 16

Tratamento administrado nenhum Morto ao chegar X
SM NÃO

Hora da morte 28 de maio de 1979, 8h (aproximadamente)

Causa da morte Hemorragia, choque, oclusão da coronária
e/ou trombose coronária (possível)

Pessoa que identificou o falecido Susan D. Snell
Rua Back Chamberlain 19
Chamberlain, Maine 02249

Parente mais próximo Nenhum

Corpo a ser liberado para o Estado do Maine

Médico no atendimento Harold Kuebler, M.D.

Patologista FM

Da agência Associated Press nacional, 5 de junho de 1979:

CHAMBERLAIN, MAINE (AP)

AUTORIDADES DO ESTADO DIZEM QUE O NÚMERO DE MORTOS EM CHAMBERLAIN CHEGOU A QUATROCENTOS E NOVE, COM QUARENTA E NOVE PESSOAS AINDA DESAPARECIDAS. AS INVESTIGAÇÕES RELACIONADAS A CARIETTA WHITE E O CHAMADO FENÔMENO "TC" CONTINUAM EM MEIO A BOATOS PERSISTENTES DE QUE UMA AUTÓPSIA NA GAROTA WHITE REVELOU CERTAS FORMAÇÕES INCOMUNS NO CÉREBRO E NO CEREBELO. O GOVERNADOR DO ESTADO DESIGNOU UM COMITÊ SELETO PARA ESTUDAR TODA A TRAGÉDIA. FIM.
RELEASE FINAL 5 DE JUNHO 0303N AP

Do *The Lewiston Daily Sun*, domingo, 7 de setembro (p. 3):

O LEGADO DO TC:

TERRA CHAMUSCADA E CORAÇÕES CHAMUSCADOS

CHAMBERLAIN — A Noite do Baile é passado agora. Os especialistas estão dizendo há séculos que o tempo cura todas as feridas, mas a dor dessa pequena cidade do oeste do Maine pode ser mortal. As ruas residenciais ainda estão lá no East Side da cidade, protegidas pelos graciosos carvalhos que estão de pé há duzentos anos, os caixotes simples e as casas estilo rancho na rua Morin e na colina Brickyard ainda intocados. Mas essa cidade pastoral da Nova Inglaterra fica na borda de um ponto preto e destruído, e muitas das casas bonitas têm placas de À VENDA no gramado da frente. As ainda ocupadas estão marcadas por guirlandas pretas nas portas: vans amarelas da Allied e laranja da U-Haul de vários tamanhos são visão comum nas ruas de Chamberlain atualmente.

A principal indústria da cidade, a Moinho e Tecelagem Chamberlain, ainda está de pé, intocada pelo fogo que consumiu boa parte da cidade naqueles dois dias de maio. Mas só funciona em um turno desde o dia 4 de julho e, de acordo com o presidente da empresa, William A. Chamblis, mais demissões são uma grande possibilidade. "Nós temos os pedidos", disse Chamblis, "mas não dá para ter uma fábrica sem gente para

bater o ponto. Nós não temos as pessoas. Eu recebi aviso de trinta e quatro homens desde o dia 15 de agosto. A única coisa que podemos pensar em fazer agora é fechar a seção de tingimento e mandar o trabalho ser feito fora. Eu odiaria demitir os funcionários, mas a coisa está chegando a uma questão de sobrevivência financeira.”

Roger Fearon mora em Chamberlain há vinte e dois anos e está na fábrica há dezoito deles. Durante esse tempo ele passou de ensacador de terceiro andar ganhando setenta e três centavos por hora a gerente de tingimento; mas parece estranhamente inabalado pela possibilidade de perder o emprego. “Eu perderia um ótimo salário”, diz Fearon. “Não é algo a se encarar levemente. Minha esposa e eu conversamos. Nós poderíamos vender a casa, vale vinte mil dólares, com facilidade, e apesar de provavelmente não conseguirmos nem metade disso, acho que vamos vender. Não importa. Nós não queremos mais morar em Chamberlain. Pode chamar como quiser, mas Chamberlain está destruída para nós.”

Fearon não é o único. Henry Kelly, proprietário da loja de tabaco e refrigerante chamada Kelly Companhia das Frutas até a Noite do Baile a destruir, não tem planos de reconstruir o estabelecimento. “Os adolescentes se foram”, diz ele, dando de ombros. “Se eu abrisse de novo, haveria fantasmas demais em cantos demais. Eu vou pegar o dinheiro do seguro e me aposentar em St. Petersburg.”

Uma semana depois que o tornado de 1954 abriu seu caminho de morte e destruição por Worcester, o ar se encheu do som de martelos, do cheiro de madeira nova e da sensação de otimismo e resiliência humana. Não há nada disso em Chamberlain no outono. Os detritos foram removidos da rua principal e só. Os rostos que encontramos estão cheios de desesperança. Homens bebem cerveja sem conversar no Bar do Frank na esquina da rua Sullivan e as mulheres trocam histórias de luto e dor nos quintais. Chamberlain foi declarada área de desastre e há dinheiro disponível para botar a cidade de pé e começar a reconstruir a área comercial.

Mas a principal atividade comercial de Chamberlain nos últimos quatro meses foram os funerais.

Quatrocentos e quarenta estão mortos, dezoito pessoas continuam desaparecidas. E sessenta e sete dos mortos eram alunos do último ano da Escola Ewen de Ensino Médio, prestes a se formar. É isso, talvez, mais do que qualquer outra coisa, que acabou com Chamberlain.

Eles foram enterrados em três cerimônias coletivas. Um memorial foi feito no dia 3 de junho na praça da cidade. Foi a cerimônia mais emocionante que este repórter já testemunhou. Milhares compareceram e todo o grupo ficou imóvel quando a banda escolar, reduzida de cinquenta e seis a apenas quarenta, tocou o hino da escola e as honras fúnebres.

Houve uma cerimônia de formatura triste na semana seguinte na vizinha Academia Motton, mas só tinham restado cinquenta e dois formandos. O orador, Henry Stampel,

caiu no choro na metade do discurso e não conseguiu continuar. Não houve festa de formatura depois da cerimônia; os formandos apenas pegaram seus diplomas e foram para casa.

Ainda assim, o verão seguiu em frente, com rabecões passando a cada novo corpo encontrado. Para alguns residentes, era como se cada dia a casca da ferida fosse arrancada de novo e o machucado voltasse a sangrar.

Se você é um dos muitos curiosos que passaram por Chamberlain na semana passada, você viu uma cidade que pode estar sofrendo de um câncer terminal do espírito. Algumas pessoas, parecendo perdidas, vagam pelos corredores do mercado A&P. A Igreja Congregacional na rua Carlin não existe mais, foi levada pelo fogo, mas a Igreja Católica de tijolos continua de pé na rua Elm e a elegante Igreja Metodista na rua principal, embora chamuscada pelo fogo, está intacta. Mas não há muitos frequentadores. Os idosos continuam sentados em bancos na praça Courthouse, mas há pouco interesse no jogo de damas e em conversa.

A impressão geral é de uma cidade que está esperando para morrer. No momento, não é suficiente dizer que Chamberlain nunca mais vai ser a mesma. Pode ser mais realista dizer que Chamberlain simplesmente nunca mais vai ser.

Trecho de uma carta datada de 9 de junho do diretor Henry Grayle para Peter Philpott, superintendente escolar:

... e por isso eu acho que não posso mais continuar na minha função atual, por achar, como eu acho, que uma tragédia assim poderia ter sido evitada se eu tivesse tido mais visão. Eu gostaria que você aceitasse meu pedido de demissão a partir do dia 1º de julho se você e sua equipe estiverem de acordo...

Trecho de uma carta datada de 11 de junho de Rita Desjardin, professora de Educação Física, para o diretor Henry Grayle:

... estou rescindindo meu contrato neste momento. Eu me mataria antes de voltar a dar aula. Tarde da noite, eu fico pensando: se eu tivesse ajudado aquela garota, se, se...

Encontrada frase pintada no gramado do terreno da casa onde o bangalô dos Whites ficava:

CARRIE WHITE ESTÁ QUEIMANDO POR SEUS PECADOS
JESUS NÃO FALHA NUNCA

De *Telecinese: Análise e consequências* (*Science Yearbook*, 1981),
por Dean D. L. McGuffin:

Em conclusão, eu gostaria de observar o risco grave que as autoridades estão correndo ao enterrar o caso Carrie White debaixo do tapete burocrático — e estou falando especificamente da dita Comissão White. O desejo entre os políticos de ver o TC como um fenômeno único na vida parece muito forte e, embora isso possa ser compreensível, não é aceitável. A possibilidade de recorrência, geneticamente falando, é de noventa e nove por cento. Está na hora de nos planejarmos agora para o que pode acontecer...

De *Gírias explicadas: Um guia para pais*, de John R. Coombs (Nova York: The Lighthouse Press, 1985), p. 73:

Bancar a Carrie: causar violência ou destruição; caos, confusão;
(2) executar um incêndio proposital (de Carrie White, 1963-1979)

De *A explosão sombria* (p. 201):

Em outra parte deste livro, há menção a uma página de um dos cadernos escolares de Carrie White em que um verso de um famoso poeta do rock dos anos 1960, Bob Dylan, foi escrito repetidamente, como se em desespero.

Talvez não seja impróprio terminar este livro com alguns versos de outra canção de Bob Dylan, versos que podem servir como epitáfio de Carrie: *Eu queria poder escrever para você uma melodia tão simples/ Que te salvaria, querida, de ficar louca/ Que te tranquilizaria e te acalmaria e acabaria com a dor/ Do seu conhecimento inútil e sem sentido...**

De *Meu nome é Susan Snell* (p. 98):

Este livrinho está pronto. Espero que venda, para eu poder ir para algum lugar onde ninguém me conheça. Quero pensar nas coisas, decidir o que vou fazer entre agora e o momento em que minha luz será levada por aquele túnel comprido até a escuridão...

Da conclusão do Comitê Investigativo Estadual do Maine em ligação aos eventos de 27-28 de maio em Chamberlain, Maine:

... e assim, temos que concluir que, embora a autópsia executada no indivíduo indique algumas mudanças celulares que *podem* sugerir a presença de *algum* poder paranormal, nós não vemos motivo para acreditar que uma recorrência seja possível, nem mesmo provável...

Trecho de uma carta datada de 3 de maio de 1988, de Amelia Jenks, Royal Knob, Tennessee, para Sandra Jenks, Maiken, Georgia:

... e sua subrinha está crescendo como mato, grande para dois anos. Ela tem olhos azuis como o pai e o meu cabelo louro, mas provavelmente vai ficar escuro. Ela é linda

demais mesmo assim e eu acho às vezes quando ela está dormindo que ela parece a nossa mãe.

Outro dia, enquanto ela estava brincando na terra ao lado de casa eu espiei e vi uma coisa estranha. Annie estava brincando com as bolinhas de gude dos irmãos só que elas estavam se movendo sozinhas. Annie estava rindo e gargalhando, mas eu fiquei meio com medo. Algumas das bolinhas estavam subindo e descendo. Me lembrou a vovó, lembra quando a polícia apareceu naquela vez atrás do Pete e as armas voaram das mãos e a vovó só riu e riu. E ela conseguia fazer a cadeira de balanço balançar mesmo quando não estava nela. Fiquei mal de pensar. Eu espero que ela não tenha nada no coração igual a vovó, lembra?

Bom eu tenho que ir e lavar roupa manda lembrança pro Rich e me manda umas jarras quando puder. Nossa Annie é muito linda e os olhos brilha como botão. Aposto que ela vai ser incrível um dia.

Com amor,

Melia

** I wish I could write you a melody so plain/ That would save you, dear lady, from going insane/ That would ease you and cool you and cease the pain/ Of your useless and pointless knowledge... (N. T.)*

NOTA DA EDITORA

Primeiro livro de Stephen King, publicado em 1974, *Carrie* apresentou ao público o autor revolucionário que passaria a ser reconhecido como o mestre do terror.

Banida em diversas escolas dos Estados Unidos na década de 1990, a história de como a jovem telecinética destruiu a cidade fictícia de Chamberlain, no Maine, em busca de vingança contra seus opressores é majoritariamente composta por recortes de jornais, revistas, cartas, trechos de livros e depoimentos que constroem uma narrativa marcante e única.

Para esta edição especial, selecionamos alguns desses documentos e os reproduzimos a seguir, como se fossem arquivos de época.

ENTERPRISE

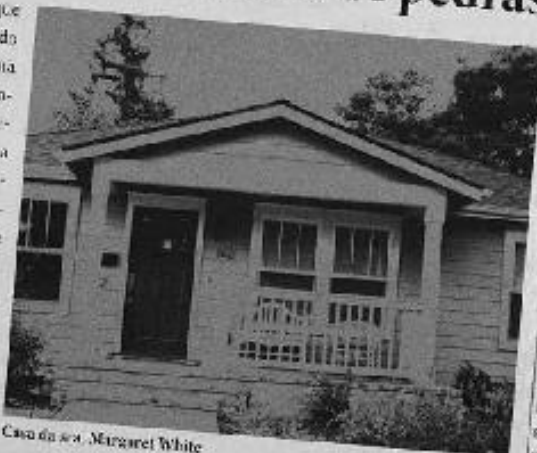
19 DE AGOSTO DE 1966

O SEMANAL DE WESTOVER (ME.)

Moradores relatam chuva de pedras

Várias pessoas relataram que uma chuva de pedras teria caído em um dia de céu claro e azul na rua Carlin, na cidade de Chamberlain, em 17 de agosto. As pedras atingiram principalmente a casa da sra. Margaret White, danificando extensivamente seu telhado e destruindo duas calhas e um cano no valor de cerca de vinte e cinco dólares. A sra. White, que é viúva, mora com a filha de três anos, Carlotta.

A sra. White não quis comentar o conteúdo.



Casa da sra. Margaret White



DA AGÊNCIA ASSOCIATED PRESS DA NOVA INGLATERRA, 22H46:

CHAMBERLAIN, MAINE (AP)

UM INCÊNDIO DESCONTROLADO ASSOLA A ESCOLA CONSOLIDADA EWEN (U-WIN) NESTE MOMENTO. UM BAILE ESTAVA EM ANDAMENTO NA HORA EM QUE O INCÊNDIO, QUE SE ACREDITA SER DE ORIGEM ELÉTRICA, SE INICIOU. TESTEMUNHAS DIZEM QUE O SISTEMA DE SPRINKLERS DA ESCOLA FOI ACIONADO SUBITAMENTE, O QUE CAUSOU UM CURTO-CIRCUITO NO EQUIPAMENTO DE UMA BANDA DE ROCK. ALGUMAS TESTEMUNHAS TAMBÉM RELATAM ROMPIMENTOS NOS CABOS DE FORÇA. ACREDITA-SE QUE ATÉ CENTO E DEZ PESSOAS PODEM ESTAR PRESAS NO GINÁSIO DA ESCOLA EM CHAMAS. EQUIPES DE COMBATE A INCÊNDIO DAS CIDADES VIZINHAS DE WESTOVER, MOTTON E LEWISTON RECEBERAM PEDIDOS DE AJUDA E ESTÃO SE MÓBILIZANDO. ATÉ O MOMENTO, NENHUMA MORTE FOI RELATADA. FIM.

22H46 27 DE MAIO 6904D AP



DA AGÊNCIA ASSOCIATED PRESS DA NOVA INGLATERRA, 23H22:

URGENTE
CHAMBERLAIN, MAINE (AP)

UMA ENORME EXPLOSÃO OCORREU NA ESCOLA CONSOLIDADA EWEN (U-WIN) NA PEQUENA CIDADE DE CHAMBERLAIN, NO MAINE. OS TRÊS CARROS DE BOMBEIROS DE CHAMBERLAIN, ENVIADOS MAIS CEDO PARA COMBATER UM INCÊNDIO NO GINÁSIO, ONDE UM BAILE ESTAVA ACONTECENDO, NÃO PUDEAM SER UTILIZADOS. TODOS OS HIDRANTES DA REGIÃO FORAM VANDALIZADOS E A PRESSÃO DA REDE DE ÁGUA DA CIDADE NA REGIÃO DA RUA SPRING ATÉ A GRASS PLAZA É ZERO. UM BOMBEIRO DISSE: "ARRANCARAM OS BICOS DAS PORCARIAS. DEVIAM ESTAR JORRANDO PAR". TODO LADO ENQUANTO AQUELES ADOLESCENTES ESTAVAM PEGANDO FOGO". TRÊS CORPOS FORAM RECUPERADOS ATÉ O MOMENTO. UM FOI IDENTIFICADO COMO THOMAS B. HEARS, UM BOMBEIRO DE CHAMBERLAIN. OS OUTROS DOIS APARENTEMENTE ERAM CONVIDADOS DO BAILE. TRÊS OUTROS BOMBEIROS DE CHAMBERLAIN FORAM LEVADOS PARA O HOSPITAL DE MOTTON SOFRENDO DE QUEIMADURAS LEVES E INALAÇÃO DE FUMAÇA. ACREDITA-SE QUE A EXPLOSÃO OCORREU QUANDO O FOGO CHEGOU AOS TANQUES DE ÓLEO DE COMBUSTÍVEL DA ESCOLA, QUE FICAM PERTO DO GINÁSIO. O FOGO EM SI PARECE TER COMEÇADO EM EQUIPAMENTOS ELÉTRICOS MAL ISOLADOS DEPOIS DE UM PROBLEMA DE FUNCIONAMENTO NOS SPRINKLERS. FIM.

23H22 27 DE MAIO 70119E AP

CONFIDENCIAL

Do depoimento sob juramento do xerife Otis Doyle, tomado perante o Comitê Investigativo Estadual do Maine (de O relatório da Comissão White), pp. 29-31:

P: Xerife, onde você estava na noite de 27 de maio?

R: Eu estava na Route 179, conhecida como Estrada Velha Bentown, investigando um acidente de carro. Na verdade, foi depois do limite municipal de Chamberlain, em Durham, mas eu estava ajudando Mel Crager, que é o chefe de polícia de Durham.

P: Quando você foi informado que havia um problema na Escola Ewen?

R: Eu recebi uma transmissão do rádio do policial Jacob Plessey às 22h21.

P: Qual foi a natureza do chamado de rádio?

R: O policial Plessey disse que havia um problema na escola, mas ele não sabia se era sério ou não. Havia muita gritaria, ele disse, e alguém tinha disparado uns alarmes de incêndio. Ele disse que ia até lá tentar determinar a natureza do problema.

P: Ele disse que a escola estava pegando fogo?

R: Não, senhor.

P: Você pediu para ele fazer contato para informá-lo?

R: Pedi.

P: O policial Plessey fez contato?

R: Não. Ele foi morto na explosão subsequente do posto de gasolina Amoco do Teddy, na esquina da rua principal com a Summer.

P: Quando foi o contato seguinte por rádio sobre Chamberlain?

R: Às 22h42. Eu estava voltando para Chamberlain com um suspeito no banco de trás do carro, um motorista embriagado. Como falei, o caso foi na cidade de Mel Crager, mas Durham não tem cadeia. Quando chegamos em Chamberlain, nós também já não tínhamos, praticamente.

P: Que comunicado você recebeu às 22h42?

R: Eu recebi um chamado da polícia estadual que tinha sido transmitido do Corpo de Bombeiros de Motton. O atendente da polícia estadual disse que havia um incêndio e um aparente tumulto na Escola Ewen, e uma provável explosão. Ninguém tinha certeza de nada na ocasião. Lembre que tudo aconteceu em um espaço de quarenta minutos.

P: Nós sabemos disso, xerife. O que aconteceu depois?

R: Eu dirigi para Chamberlain com a sirene e a luz piscando. Eu estava tentando fazer contato com Jake Plessey sem resultado.

Foi nessa hora que Tom Quillen surgiu e começou a falar descontroladamente que a cidade estava pegando fogo e que não tinha água.

F: Você sabe que horas eram?

R: Sim, senhor. Eu estava registrando. Eram 22h55.

F: Quillen alega que o posto de gasolina Amoco explodiu às 23h.

R: Eu tiraria a média, senhor. Digamos que foi às 22h59.

F: Que horas você chegou em Chamberlain?

R: Às 23h10.

F: Qual foi sua impressão imediata ao chegar, xerife Doyle?

R: Eu fiquei atordado. Não consegui acreditar no que estava vendo.

F: O que exatamente você estava vendo?

R: A metade superior inteira da parte comercial da cidade estava em chamas. O posto Amoco não existia mais. O Woolworth's não passava de uma chama ardente. O fogo tinha se espalhado para três fachadas de madeira de lojas ao lado: o Duffy's Bar e Grill, o Kelly Companhia das Frutas e o salão de sinuca. O calor estava violento. Fagulhas voavam nos telhados da Imobiliária Matland e da Loja de Automotivos Western do Doug Brann. Os carros de bombeiro estavam chegando, mas não puderam fazer muito. Todos os hidrantes daquele lado da rua estavam arrebentados. Os únicos carros fazendo alguma coisa eram dois antigos com tanque, dos bombeiros voluntários de Westover, e a única coisa que eles podiam fazer era molhar os telhados dos prédios em volta. E, claro, a escola. Estava... acabada. Claro que fica bem isolada, não tem nada perto pra queimar, mas, meu Deus, todos aqueles alunos lá dentro... todos aqueles jovens...

F: Você encontrou Susan Snell ao entrar na cidade?

R: Sim, senhor. Ela me fez parar.

F: Que horas eram?

R: Na hora que eu entrei... 23h12, no máximo.

F: O que ela disse?

R: Ela estava perturbada. Tinha estado num pequeno acidente de carro, uma derrapagem, e não estava falando coisa com coisa. Ela me perguntou se Tommy estava morto. Eu perguntei quem era Tommy, mas ela não respondeu. Ela me perguntou se eu já tinha capturado Carrie.

F: A Comissão está extremamente interessada nessa parte do seu depoimento, xerife Doyle.

R: Sim, senhor, eu sei disso.

F: Como você respondeu à pergunta dela?

R: Bom, só tem uma Carrie na cidade até onde eu sei, a filha da Margaret White. Eu perguntei se Carrie tinha alguma coisa a ver com os incêndios. A srta. Snell me disse que Carrie tinha feito aquilo. Foram essas as palavras dela. "Carrie fez isso. Carrie fez isso." Ela falou duas vezes.

P: Ela disse mais alguma coisa?

R: Sim, senhor. Ela disse: "Eles fizeram mal à Carrie pela última vez".

P: Xerife, você tem certeza de que ela não disse "Nós fizemos mal à Carrie pela última vez"?

R: Eu tenho certeza.

P: Certeza absoluta? Cem por cento?

R: Senhor, a cidade estava pegando fogo ao nosso redor. Eu...

P: Ela tinha bebido?

R: Como?

P: Ela tinha bebido? Você disse que ela esteve envolvida num acidente de carro.

R: Eu acredito que tenha dito um acidente pequeno, uma derrapagem.

P: E você não tem como ter certeza se ela não disse nós em vez de eles?

R: Acho que ela pode ter dito, mas...

P: O que a srta. Snell fez depois?

R: Ela caiu no choro. Eu dei um tapa nela.

P: Por que você fez isso?

R: Ela pareceu histérica.

P: Ela parou de chorar?

R: Sim, senhor. Ela ficou quieta e se controlou bem, considerando o fato de que o namorado dela provavelmente estava morto.

P: Você a interrogou?

R: Bom, não da forma que se interrogaria um criminoso, se é isso que você quer dizer. Eu perguntei se ela sabia o que tinha acontecido. Ela repetiu o que já tinha dito, mas de um jeito mais calmo. Eu perguntei onde ela estava quando a confusão começou, e ela me disse que estava em casa.

P: Você a interrogou mais?

R: Não, senhor.

P: Ela disse mais alguma coisa para você?

R: Sim, senhor. Ela me pediu, suplicou, para encontrar Carrie White.

P: Qual foi sua reação a isso?

R: Eu falei para ela ir para casa.

P: Obrigado, xerife Doyle.

SOBRE O AUTOR

STEPHEN KING nasceu em Portland, no Maine, em 1947. Em 1974, publicou *Carrie*, seu primeiro livro, que logo se tornou best-seller e clássico contemporâneo. Desde então, King escreveu mais de setenta livros, alguns dos quais ficaram mundialmente famosos e deram origem a adaptações de sucesso, como *O iluminado*, *Sob a redoma*, *It*, *a Coisa*, *À espera de um milagre*, *A torre negra*, entre outros.

Em 2003, recebeu a medalha de Eminente Contribuição às Letras Americanas da National Book Foundation e, em 2007, foi nomeado Grão-Mestre dos Escritores de Mistério dos Estados Unidos. Atualmente, mora em Bangor, no Maine, com a esposa, a escritora Tabitha King.

Copyright © 1974, 2002 by Stephen King

Publicado mediante acordo com Doubleday, um selo da The Knopf Doubleday Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

Os versos da p. 42 são de “Just Like a Woman”.

Os versos da p. 196 são de “Tombstone Blues”.

As duas músicas foram escritas por Bob Dylan.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Carrie

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Imagem de capa

Shutterstock

Design de conteúdo extra e ilustrações

Malu Romani

Preparação

Emanoelle Veloso

Revisão

Camila Saraiva

Natália Mori Marques

Versão digital

Rafael Alt

ISBN 978-65-5782-480-1

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

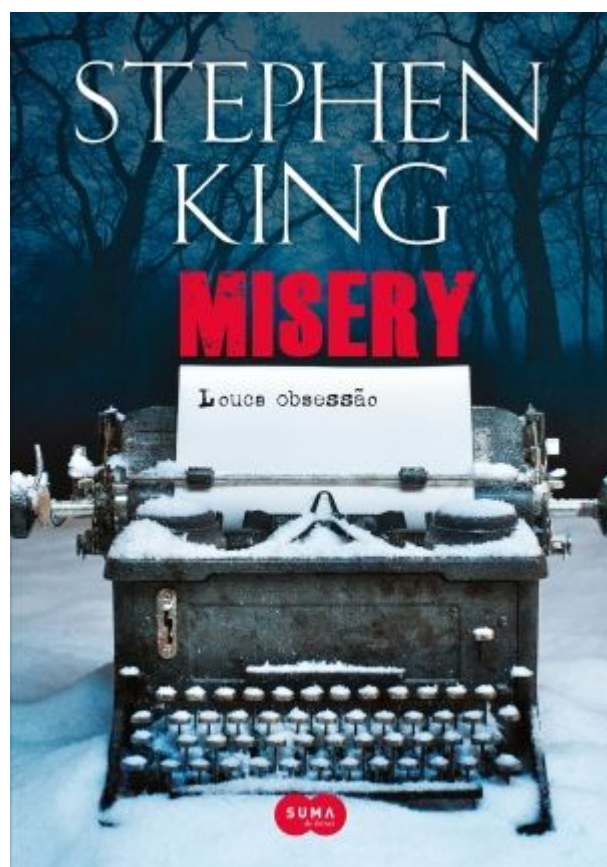
www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/editorasuma

twitter.com/editorasuma



Misery

King, Stephen

9788581052236

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

***Misery*, o clássico do terror que inspirou o filme com Kathy Bates, é uma história chocante sobre o impacto da ficção em uma mente obsessiva e a angústia do aprisionamento.**

Paul Sheldon é um escritor famoso, reconhecido por uma série de best-sellers protagonizados pela mesma personagem: *Misery* Chastain. Annie Wilkes é uma enfermeira aposentada, leitora voraz e obcecada pela história de *Misery*. Quando Paul sofre um acidente de carro em uma nevasca, ele é resgatado justamente por Annie, e esse encontro entre fã e autor é o ponto de partida de uma das tramas mais aterrorizantes de Stephen King.

Insatisfeita com o final do último livro da série, a fã isola o autor debilitado em um quarto em sua casa. Com torturas, ameaças e uma vigilância persistente, ela faz de tudo para obrigá-lo a reescrever a narrativa com o final que ela considera apropriado. Considerada uma das vilãs mais assustadoras e complexas do universo King e interpretada por Kathy Bates no filme que se tornou um clássico, Annie Wilkes é a figura que faz de *Misery* um livro essencial.

"Talvez seja o melhor livro de King: um exemplo do poder que suas palavras podem ter. Todos os personagens sentem esse poder, e você, como leitor, também vai sentir. Qualquer um, seja fã de King ou não, deveria ler." — *The Guardian*

[Compre agora e leia](#)

"Raphael Montes
cria uma seleção de histórias
macabras digna dos melhores
contos dos irmãos Grimm,
sem deixar nada a dever a
Stephen King."

FERNANDA TORRES

O VILAREJO

por RAPHAEL MONTES

SUMA
de livros

O Vilarejo

Montes, Raphael

9788581053059

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ilustrações coloridas dão vida a romance com elementos de horror gótico e suspense.

Do criador da série original Netflix "Bom dia, Verônica".

Em 1589, o padre e demonologista Peter Binsfeld fez a ligação de cada um dos pecados capitais a um demônio, supostamente responsável por invocar o mal nas pessoas. É a partir daí que Raphael Montes cria sete histórias situadas em um vilarejo isolado, apresentando a lenta degradação dos moradores do lugar, e pouco a pouco o próprio vilarejo vai sendo dizimado, maculado pela neve e pela fome.

As histórias podem ser lidas em qualquer ordem, sem prejuízo de sua compreensão, mas se relacionam de maneira complexa, de modo que ao término da leitura as narrativas convergem para uma única e surpreendente conclusão.

[Compre agora e leia](#)

UM ÉPICO ESPACIAL CHEIO DE INTRIGA POLÍTICA
E ROMANCE. UM LIVRO IMPOSSÍVEL DE LARGAR.



ÓRBITA DE INVERNO

EVERINA MAXWELL

Órbita de inverno

Maxwell, Everina

9786557825037

360 páginas

[Compre agora e leia](#)

Épico espacial repleto de intrigas políticas interplanetárias, de romance e de personagens inesquecíveis, o brilhante e envolvente livro de estreia de Everina Maxwell é best-seller do *Sunday Times* e tem tradução de Vitor Martins (autor de *Quinze dias* e *Um milhão de finais felizes*).

Príncipe Kiem, neto da Imperadora de Iskat, é um jovem que nunca precisou provar seu valor. Agora, no entanto, ele é intimado a fazer algo de útil: casar-se com conde Jainan, representante de Thea, para impedir que o planeta vassalo inicie uma rebelião contra o Império. A situação, porém, não é tão simples quanto parece. Jainan já havia se casado antes, com o primo de Kiem, o que garantiu por um tempo o elo entre Thea e Iskat, mas algo deu errado: seu marido morreu em um trágico acidente.

Kiem não quer se casar. Jainan não quer um novo marido. Mas, uma vez juntos, eles terão de enfrentar as intrigas da corte, as maquinações da guerra e os ecos do passado, em uma conspiração que pode acabar com tudo o que acreditam. O par improvável entrará em uma jornada épica para salvar o império — e a si mesmos.

"Romântico e cheio de suspense... vai ser difícil largar este livro." — *Popsugar*

"Uma história de amor cativante com personagens envolventes, cercada por um misterioso assassinato e políticas multi-planetárias de alto risco. Mal posso esperar para ver o que Maxwell fará a seguir!" — Martha Wells, autora best-seller do *New York Times* e ganhadora dos prêmios Hugo, Nebula, Alex e Locus

"Uma aventura espacial divertida e sexy com protagonistas que me fizeram rir alto. Devorei o livro." — S. A. Chakraborty, autora do best-seller *A cidade de bronze*

"Maxwell construiu um universo fascinante e repleto de tecnologia alienígena, políticas imperiais complexas e diplomacia intergaláctica perigosa. Fiquei acordada a noite toda lendo, torcendo desesperada para que Kiem e Jainan finalmente dessem as mãos e salvassem o dia." — Lina Rather

[Compre agora e leia](#)



Revista Suprassuma - Edição 1

Postay, Andrezza

9786557825990

168 páginas

[Compre agora e leia](#)

Suprassuma é a revista de ficção especulativa da Editora Suma, digital e colaborativa. Nessa edição de estreia, oito autores nacionais contam histórias inéditas sobre suas perspectivas de uma "primeira vez".

A revista Suprassuma nasce da necessidade e do desejo de ouvir as vozes da literatura fantástica no Brasil, criando o portal para um universo compartilhado. Dentro dele, criaturas desconhecidas, mundos inexplorados e histórias únicas que ninguém mais poderia contar. Essa primeira edição traz oito dessas histórias, selecionadas dentre as mais de oitocentas que foram submetidas no primeiro edital e editadas com muito carinho pela Suma junto aos autores.

Em *O destino não é endereço*, de Jana Bianchi, uma mulher capaz de atravessar umbrais para qualquer lugar no mundo resgata perseguidos políticos da ditadura.

Em *Não vai ser a primeira, nem a última*, de Fernanda Castro, uma mulher engravidada de um demônio em um mundo onde crianças híbridas são tratadas como aberrações.

Em *Um ajuste de ponteiros*, de Moacir Fio, duas irmãs em uma família de viajantes no tempo enfrentam os desafios dessa convivência.

Em *Orvalho flamejante*, de Giu Yukari Murakami, uma família imigrante portadora do dom do fogo busca um recomeço no Norte do Brasil.

Em *Vertente*, de Andrezza Postay, uma mulher faz um retorno à infância, à casa dos avós e um passeio pelas vertentes da memória.

Em *Ith*, de Ariel Ayres, um novato recebe a missão de apertar o botão que explodirá um planetinha.

Em *Ressurreição*, de Fabiane Guimarães (autora convidada), a medicina 5.0 traz promessas de imortalidade... para aqueles que podem pagar por ela.

Em *Dias de pouco pão e zero sonho*, de Saskia Sá, uma mulher entra em uma loja de antiguidades mágicas e se sente atraída por um colar que mudará seu destino.

[Compre agora e leia](#)



A guerra dos tronos

Martin, George R. R.

9788554513566

600 páginas

[Compre agora e leia](#)

***A guerra dos tronos* é o primeiro livro da série best-seller internacional *As Crônicas de Gelo e Fogo*, que deu origem à adaptação de sucesso da HBO, *Game of Thrones*.**

O verão pode durar décadas. O inverno, toda uma vida. E a guerra dos tronos começou.

Como Guardião do Norte, lorde Eddard Stark não fica feliz quando o rei Robert o proclama a nova Mão do Rei. Sua honra o obriga a aceitar o cargo e deixar seu posto em Winterfell para rumar para a corte, onde os homens fazem o que lhes convém, não o que devem... e onde um inimigo morto é algo a ser admirado.

Longe de casa e com a família dividida, Eddard se vê cada vez mais enredado nas intrigas mortais de Porto Real, sem saber que perigos ainda maiores espreitam a distância.

Nas florestas ao norte de Winterfell, forças sobrenaturais se espalham por trás da Muralha que protege a região. E, nas Cidades Livres, o jovem Rei Dragão exilado na Rebelião de Robert planeja sua vingança e deseja recuperar sua herança de família: o Trono de Ferro de Westeros.

"*A guerra dos tronos* é a maior obra de fantasia desde que Bilbo encontrou o Anel." — *SF Reviews*

[Compre agora e leia](#)